

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA**  
**PRÓ-REITORIA ACADÊMICA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA**

**Isabella Reis Pichiguelli Scaranello**

**GOSPEL E SECULAR NO JORNALISMO:  
A ANTROPOFAGIA DA POPSTORA BABY DO BRASIL**

**Sorocaba/SP**

**2017**

**Isabella Reis Pichiguelli Scaranello**

**GOSPEL E SECULAR NO JORNALISMO:  
A ANTROPOFAGIA DA POPSTORA BABY DO BRASIL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Míriam Cristina Carlos Silva

**Sorocaba/SP**

**2017**

### **Ficha Catalográfica**

Scaranello, Isabella Reis Pichiguelli

S296g      Gospel e secular no jornalismo : a antropofagia da popstora Baby do Brasil / Isabella Reis Pichiguelli Sacaranello. -- 2017.

121 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Cristina Carlos Silva

Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2017.

**Isabella Reis Pichiguelli Scaranello**

**GOSPEL E SECULAR NO JORNALISMO:  
A ANTROPOFAGIA DA POPSTORA BABY DO BRASIL**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Profa. Dra. Míriam Cristina Carlos Silva  
Universidade de Sorocaba



---

Prof. Dr. Jorge Miklos  
Universidade Paulista

---

Profa. Dra. Monica Martinez  
Universidade de Sorocaba

Aos saltadores de muros.

## AGRADECIMENTOS

Ao André, eterno flerte, por cantar você, menino, pra Deus proteger-me. É bom voar com você.

A meus pais, Inês e Hiram, por eu ser tanto o caso de vocês. Por cada lanche, carona, cama feita, almoço, sobremesas e mimos. Por todo o amor na vida inteira.

Ao Carlos, meu irmão, por sempre me levar ao gênesis. Sem pecado e sem juízo.

À avó Joana, em meu coração, por plantar em mim o fascínio pelo humor. Salve, salve a alegria, a pureza e a fantasia!

À Míriam, por tanto. Pelas ideias que me iluminam, dão o toque e animam. Por ser comigo cá cá cá, na fé fé fé. Por se deixar e permitir receber um tanto. E em cada verso de dia, pela poesia.

Ao Binho, por ter me feito entrar no jogo e arrebitado um pouco o meu nariz.

Ao Thiago e à Thífani, por há tanto tempo andarem comigo na busca por conhecimento, descobrindo cada dia mais e mais que nosso lado é o amor: em cada mão estendida e ideal compartilhado.

À professora Monica Martinez, sobretudo, pelo pensamento das flores. E por ir da matéria ao espírito, conduzindo cada detalhe desta pesquisa a seu ponto central.

Ao professor Jorge Miklos, principalmente, por sempre mostrar como é profundo viver. E pelas claridades que lançou na manhã deste trabalho.

À Uniso e a todos do Mestrado em Comunicação e Cultura, em especial ao professor Paulo Celso, coordenador do curso quando ingressei, por não terem me barrado na Disneylândia, pelo contrário, terem aberto as portas para mim com a oportunidade de bolsa e com tantos ensinamentos.

À Mariza, com quem danço e sou menina.

À Laura, com quem sou telúrica.

À Fernanda, por ter vindo perto pra eu ter ido lá. Até o sol raiar.

E a Jesus, por me dar o sentimento de ser.

Nesses 3 anos no mestrado em Comunicação e Cultura da Uniso, me senti tão sapo na lagoa, tão em casa, que agora que chega ao fim...

começou chorare.

*o que precisa nascer*

*aparece no sonho buscando frinchas no teto,*

*réstias de luz e ar.*

Adélia Prado

## **Resumo**

Este trabalho tem como tema a antropofagia promovida pela cantora Baby do Brasil ao mesclar características de duas culturas distintas – gospel e secular (não cristã) – e suas repercussões no jornalismo, em imprensas de ambos os segmentos. O objetivo geral é apreender de que maneira os veículos de comunicação jornalísticos percebem o trânsito entre cultura gospel e cultura secular, em particular em matérias sobre Baby do Brasil, a fim de, quanto a construções simbólicas predominantes na sociedade brasileira, investigar possíveis pistas nas narrativas jornalísticas, compreendidas como mediações dos fenômenos sociais. Metodologicamente, inicia-se pela análise das narrativas tecidas por Baby do Brasil nas mídias e em conjunto com as próprias mídias, desdobrando seus aspectos culturais e comunicacionais, e chega-se à análise de conteúdo das narrativas veiculadas sobre a artista nas imprensas gospel e secular. Para tanto, tem como principais referências teóricas Iuri Lotman, Mikhail Bakhtin, Oswald de Andrade, Míriam Cristina Carlos Silva, Magali Cunha, Jorge Miklos, Muniz Sodré e Laurence Bardin. Aponta-se, finalmente, para a predominância, nas representações jornalísticas, da oposição entre gospel e secular, como indício de um pensamento hegemônico no Brasil.

**Palavras-chave:** Baby do Brasil, antropofagia, gospel e secular, imprensa gospel, imprensa secular.

## **Abstract**

This work has as its theme the anthropophagy promoted by the singer Baby do Brasil when mixes characteristics of two distinct cultures - gospel and secular (non - Christian) - and its repercussions in journalism, in presses of both segments. The general objective is to understand how the different newspapers perceive the traffic between gospel culture and secular culture, especially in reports about Baby do Brasil, in order to, regarding the symbolic constructions predominant in Brazilian society, investigate possible clues in the journalistic narratives, understood as mediations of social phenomena. Methodologically, it begins by the analysis of the narratives produced by Baby do Brasil in the media and in conjunction with the media itself, unfolding their cultural and communicational aspects, and arrives at the content analysis of the narratives published about the artist in the gospel and secular press. For that, it has as main theoretical references Iuri Lotman, Mikhail Bakhtin, Oswald de Andrade, Miriam Cristina Carlos Silva, Magali Cunha, Jorge Miklos, Muniz Sodré and Laurence Bardin. Finally, it points to the predominance, in the journalistic representations, of the opposition between gospel and secular, as evidence of a hegemonic thinking in Brazil.

**Keywords:** Baby do Brasil, anthropophagy, gospel and secular, gospel press, secular press.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estado da questão sobre Baby do Brasil / Novos Baianos – Baby Consuelo, de 2010 a 2017 .....	16
Tabela 2 – Fases de Baby do Brasil nas publicações analisadas .....	64
Tabela 3 – Gêneros jornalísticos das publicações analisadas.....	65
Tabela 4 – Contextos das publicações analisadas .....	66
Tabela 5 – Temas principais das publicações analisadas .....	68
Tabela 6 – Valores-notícia nas publicações analisadas .....	69
Tabela 7 – Percepção de um conflito gospel x secular nas publicações analisadas .....	71
Tabela 8 – Percepção do gospel no secular nas publicações analisadas .....	73
Tabela 9 – Presença de temas polêmicos nas publicações analisadas .....	74
Tabela 10 – Contextos dos temas polêmicos nas publicações analisadas .....	75
Tabela 11 – Percepção (ou uso) do humor e seus dispositivos nas publicações analisadas.....	76
Tabela 12 – Narrativas de Baby do Brasil nas publicações analisadas .....	80
Tabela 13 – Narrativas de Baby do Brasil em matérias cujo Tema principal é ligado à religiosidade.....	81
Tabela 14 – Temas principais das matérias nas quais há percepção (ou uso) do humor e de seus dispositivos .....	82
Tabela 15 – Temas principais das matérias nas quais temas polêmicos foram abordados .....	82
Tabela 16 – Narrativas de Baby do Brasil em matérias nas quais Temas polêmicos são abordados.....	83
Tabela 17 – Percepção (ou uso) do humor em matérias nas quais Temas polêmicos são abordados.....	83
Tabela 18 – Temas polêmicos em matérias nas quais um conflito gospel x secular aparece ..	84
Tabela 19 – Percepção (ou uso) do humor e de seus dispositivos em matérias nas quais um conflito gospel x secular aparece.....	84
Tabela 20 – Narrativas de Baby do Brasil em matérias nas quais um conflito gospel x secular aparece.....	85
Tabela 21 – Narrativas de Baby do Brasil em matérias nas quais não há conflito gospel x secular.....	86

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Fases de Baby do Brasil nas publicações analisadas.....	87
Gráfico 2: Gêneros jornalísticos das publicações analisadas. ....	88
Gráfico 3: Contextos das publicações analisadas. ....	89
Gráfico 4: Temas principais das publicações analisadas.....	90
Gráfico 5: Valores-notícia nas publicações analisadas.....	91
Gráfico 6: Percepção de um conflito gospel x secular nas publicações analisadas.....	92
Gráfico 7: Percepção do gospel no secular nas publicações analisadas. ....	93
Gráfico 8: Presença de temas polêmicos nas publicações analisadas. ....	94
Gráfico 9: Contextos dos temas polêmicos nas publicações analisadas.....	95
Gráfico 10: Percepção (ou uso) do humor e seus dispositivos nas publicações analisadas. ....	97
Gráfico 11: Narrativas de Baby do Brasil nas publicações analisadas.....	98
Gráfico 12: Narrativas de Baby do Brasil em matérias cujo Tema principal é ligado à religiosidade.....	99
Gráfico 13: Temas principais das matérias nas quais há percepção (ou uso) do humor e de seus dispositivos. ....	100
Gráfico 14: Temas principais das matérias nas quais temas polêmicos foram abordados. ....	101
Gráfico 15: Narrativas de Baby do Brasil em matérias nas quais temas polêmicos foram abordados.....	102
Gráfico 16: Percepção (ou uso) do humor e de seus dispositivos em matérias nas quais temas polêmicos foram abordados.....	103
Gráfico 17: Temas polêmicos em matérias nas quais um conflito gospel x secular aparece. ....	104
Gráfico 18: Percepção (ou uso) do humor e de seus dispositivos em matérias nas quais um conflito gospel x secular aparece.....	105
Gráfico 19: Narrativas de Baby do Brasil em matérias nas quais um conflito gospel x secular aparece.....	106
Gráfico 20: Narrativas de Baby do Brasil em matérias nas quais não há conflito gospel x secular.....	107

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
1.1 A turnê Baby Sucessos e os objetivos da pesquisa.....	11
1.2 Caminho metodológico.....	15
1.3 Das narrativas de Baby às narrativas sobre Baby .....	17
<b>2 PROCESSOS INTERCULTURAIS EM BABY DO BRASIL</b> .....	19
2.1 Para entender as mesclas culturais de Baby do Brasil: o gospel e o secular .....	19
2.2 Baby do Brasil dentro da trama: compreensões sobre culturas .....	20
2.3 Gênese antropofágica de Baby do Brasil.....	23
2.4 Espiritualidade em Baby do Brasil, uma antiga história .....	26
2.5 Breve história do gospel no Brasil.....	29
2.6 Rumores de um pós-gospel.....	31
2.7 Caminho aberto a desbravar .....	34
<b>3 PROCESSOS COMUNICACIONAIS EM BABY DO BRASIL</b> .....	36
3.1 Antropofagia, carnavalização e dialogismo como processos de comunicação .....	36
3.2 Baby do Brasil entre o gospel e o secular.....	39
3.3 A antropofagia da popstora Baby do Brasil.....	41
3.4 A alegria é a prova dos nove .....	46
<b>4 NARRATIVAS SOBRE BABY DO BRASIL</b> .....	51
4.1 A prática jornalística e o que se pode apreender das notícias .....	51
4.2 Narrativas sobre Baby do Brasil: o método da análise de conteúdo .....	58
4.3 Narrativas sobre Baby do Brasil: análise categorial e dados quantitativos .....	63
4.4 Cotejo entre imprensa gospel e secular: primeiras leituras .....	86
<b>5 CONSIDERAÇÕES</b> .....	109
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	114

## 1 INTRODUÇÃO

A cultura gospel é o cerne de uma série de mudanças no modo de ser da maioria dos evangélicos no Brasil nas últimas décadas – mais especificamente a partir dos anos 90 – operada por meio do delineamento midiático de uma nova identidade religiosa e pela ampliação e fortalecimento das linhas divisórias entre o que é considerado sagrado e o que é considerado profano (também chamado de secular), com a consolidação deste grupo como um segmento de mercado para o qual são ofertados produtos e serviços específicos e com o significativo aumento da presença e participação de evangélicos na esfera pública, nas mídias tradicionais, como rádio e TV, ou digitais, e na política partidária do país (CUNHA, 2017).

Esse novo jeito de ser evangélico, formatado pela cultura gospel, encontra no mercado fonográfico um de seus mais importantes pilares, com a instituição do artista gospel na posição de modelo a ser seguido, considerado como mediador do sagrado, na medida em que se crê que recebe inspiração divina para compor canções e que tem, assim, a missão de levar as mensagens de Deus através de seus discos e apresentações (CUNHA, 2004).

Quando sagrado e profano se misturam, em especial quando o sagrado de que se fala provém da cultura gospel, em cruzamento com a cultura secular, o olhar da pesquisa se torna imperativo, pois tal hibridação aponta para desvios nos padrões das dinâmicas socioculturais, e conseqüentemente políticas, que se reconhecem como em curso.

Nesse olhar, é preciso atentar para as mediações que se fazem do que possui caráter religioso nos processos comunicacionais midiáticos, como no jornalismo e no entretenimento, pois tanto dos processos de produção quanto dos processos de recepção é possível apreender aspectos basilares sobre as tessituras socioculturais, como as representações e significações presentes no imaginário social (CUNHA, 2016a).

São dessas questões que este trabalho trata, a partir do caso particular da cantora Baby do Brasil, em seu trânsito entre a cultura gospel e a cultura secular.

Em um show da artista, gravado em 2013 no Estúdio MTV, é possível percebê-la usando termos da cultura gospel e neologismos bem-humorados para conversar com o público a respeito de sua declarada fé evangélica, ao passo que as canções interpretadas entre uma fala e outra não se podem encaixar, de forma alguma, nas características de uma música religiosa, a exemplo da romântica “Um auê com você” e do hit “Todo dia era dia de índio”.

Foi a partir do encontro com este show que o recorte desta pesquisa se deu. Era preciso, a partir de então, formular perguntas e traçar metas: ir em busca do que se desejava.

### 1.1 A turnê Baby Sucessos e os objetivos da pesquisa

Baby do Brasil, nascida Bernadete Dinorah de Carvalho em 18 de julho de 1952, é uma cantora de música popular brasileira que, sob o nome de Baby Consuelo, ficou conhecida nacionalmente na década de 1970 como vocalista do grupo Novos Baianos, que tinha como marca a mistura do samba com o rock, do metal com o pandeiro (VARGAS, 2011).

Convertida à fé evangélica, no início dos anos 2000, através da igreja pentecostal Sara Nossa Terra, a artista se concentrou, por pouco mais de uma década, na produção de canções gospel. A partir de 2012 até 2015, porém, resgatou em uma série de shows seu repertório anterior ao de dedicação à música religiosa, em turnê que foi batizada de Baby Sucessos. A dinâmica cultural promovida por Baby do Brasil a partir desse momento de sua carreira, como se verá mais à frente, neste trabalho será compreendida como antropofagia.

O show que foi gravado em 2013 no Estúdio MTV, e que está disponível no Youtube<sup>1</sup>, é uma amostra de como se desenvolviam as apresentações da artista nessa série de shows: Baby do Brasil entra no palco para abrir o espetáculo com a canção “Seus olhos”. Em seguida, fecha os seus próprios olhos e balbucia sozinha algumas palavras, como se estivesse orando, para então começar a cantar: “O meu coração flutua nessa tua divindade...”.

Algumas canções depois, a artista dá uma pausa e começa a falar com a plateia, narrando a história por trás da turnê Baby Sucessos. A cantora lembra como foi a conversa com o filho, o guitarrista Pedro Baby, quando recebeu dele o convite para montar o show, avisando-o de que antes precisaria orar pedindo a permissão de Deus: “*Peraí, mãe, você acha que Deus não vai querer que um filho toque com sua mãe? Eu falei: eu acho que sim, mas como eu sou uma popstora apóstola, do Reino que não pode ser abalado, Matrix totalmente, eu preciso falar com o Papai*”. O público no show, em resposta, aplaude e dá risadas. A própria Baby e seu filho sorriem.

Como ensina Propp, “o riso é provocado pela repentina descoberta de algum defeito oculto” (1992, p. 55); defeito que não necessariamente tem conotação pejorativa, mas indica que algo está fora do padrão. No trecho do show relatado, observa-se que os risos são provocados por um certo modo de falar de Baby do Brasil, com termos, expressões, entonações e pausas que ajudam a criar o cômico.

Na mesma medida, as risadas apontam para a descoberta de que algo, no conteúdo da enunciação, está fugindo ao modelo. A evidência se reforça pela constatação de que, quando um artista utiliza palavras do vocabulário evangélico, logo suas canções são enquadradas

---

<sup>1</sup> Estúdio MTV – Baby do Brasil – Show Completo 08.06.2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dR9NoJaBtRo>. Acesso em: 20/06/2015.

como gospel. No entanto, não se pode fazer essa afirmação sobre a fase da carreira de Baby a partir de 2012. Apesar de a artista ter lançado, nos anos 2000, CDs especificamente no gênero gospel, na turnê Baby Sucessos a cantora interpretou apenas músicas anteriores a essa época, ou seja, as canções do grupo Novos Baianos e as de sua fase solo, quando ainda era chamada de Baby Consuelo.

Baby do Brasil, no entanto, não é a única artista que tem transitado pelas vias do gospel e do que se convencionou chamar de música secular (músicas não religiosas), causando estranhamentos e surpresas pelas trincas nos padrões. São cada vez menos raras as bandas ou os músicos que fazem questão de não serem reconhecidos como gospel, ainda que a obra, como um todo, seja sobre Deus ou tenha como pano de fundo uma mensagem cristã. Apenas para citar alguns: Crombie (de Niterói/RJ, início em 2006), Tanlan (de Porto Alegre/RS, início em 2004), Marcos Almeida (de Belo Horizonte/MG, início em 2008 – em um primeiro momento com a banda Palavrantiga), Lorena Chaves (de Belo Horizonte/MG, início em 2013) e Daniel Caldeira (de Niterói/RJ, início em 2012). Desses, porém, e até mesmo quando se observa apenas imprensas especializadas na cultura gospel, Baby é a que mais aparece no cenário midiático, com repercussões das mais diversas.

Bastam alguns minutos observando os comentários de leitores, por exemplo, em qualquer matéria online em que a cantora apareça, e que tenha sido publicada desde o início da turnê Baby Sucessos, para perceber que não há somente um simples estranhamento, causado pela presença do incomum, do fora do padrão, na inserção de elementos da fé evangélica em um circuito de canções não religiosas; mais que isso, possivelmente existe uma tensão, causada pelo choque entre culturas que podem ser consideradas por muitos como opostas, a saber, o modo de vida gospel e a música secular. Enquanto alguns apoiam e comemoram a volta de Baby do Brasil às músicas do passado, com frases como “A glória é de Deus!” e “Deus te abençoe!”, outros, em direção contrária, afirmam que ela nunca se converteu verdadeiramente ou que está profanando o nome de Deus com a turnê.

Outra percepção inicial: uma rápida leitura de matérias online sobre a cantora, encontradas tanto em veículos de comunicação especializados no universo gospel quanto em meios de comunicação seculares (assim chamados para diferenciar das produções religiosas), aponta para alguns fatores intrigantes, como textos que destacam, para além dos shows na turnê Baby Sucessos e das narrativas que a cantora Baby do Brasil tece a respeito de si mesma, outros aspectos distantes da cobertura sobre música, como opiniões da cantora sobre sexo, homossexualidade e legalização de drogas. Tal fato denuncia, à primeira impressão,

uma polêmica que parece fora de contexto, afinal, aparentemente, a preocupação principal dos debatedores na internet gira em torno do trânsito entre gospel e secular.

É diante desse quadro – composto pelas misturas que Baby do Brasil faz, com humor, entre sua fé e circuitos culturais não religiosos, somadas às polêmicas, representações e enfoques diversos encontrados em plataformas online de veículos de comunicação jornalísticos – que emerge o problema desta pesquisa, que busca responder de que maneira as imprensas online dos dois segmentos, secular e gospel, percebem o trânsito que há entre cultura gospel e cultura secular, em particular nas matérias sobre Baby do Brasil, em meio a outros aspectos das narrativas da cantora, a exemplo do humor e de temas polêmicos.

Assim, são todas as questões: em que medida e de que maneira o trânsito entre o gospel e o secular aparece nas matérias sobre Baby do Brasil? Em que medida e de que maneira as narrativas que Baby do Brasil conta sobre si mesma aparecem nas matérias sobre a cantora? Em que medida e de que maneira o humor de Baby do Brasil aparece nas matérias sobre a cantora? Em que medida e de que maneira os temas polêmicos, a exemplo de sexualidade e drogas, aparecem nas matérias sobre Baby do Brasil? E por fim, em que medida e de que maneira se relacionam, nas matérias sobre Baby do Brasil, as narrativas que a cantora conta sobre si mesma, o humor da artista, os temas polêmicos (a exemplo de sexualidade e drogas) e o trânsito entre o gospel e o secular?

Essa pesquisa, assim, motiva-se em uma espécie de monitoramento. Uma busca por compreender o momento atual e se ele aponta para alterações ou para a manutenção dos modos como se enxergam os temas em pauta, em especial, as intersecções entre elementos considerados sagrados e profanos. Comparando a grande literatura às mídias, é um olhar para o futuro, na tentativa de saber se, a respeito de possíveis mudanças nas configurações que dividem o gospel/religioso do secular/popular, poderá ser dito do tempo presente:

Os embriões de uma nova concepção do mundo começavam a aparecer por toda a parte mas, fechados nas formas específicas da cultura cômica, dispersos nas ilhotas isoladas e utópicas de banquetes, ou ainda no elemento móvel da língua falada familiar, eram incapazes de crescer e desenvolver-se. Para chegar a isso, tinham que penetrar obrigatoriamente na grande literatura (BAKHTIN, 1993, p. 83).

Mesmo que sejam notáveis as distâncias temporal e espacial que separam a grande literatura da Europa na Idade Média, sobre a qual disserta Bakhtin (1993), das mídias online no Brasil, o paralelo parece ainda assim possível, pois o autor trata genericamente de novos territórios e novas práticas culturais. Para a analogia realizada, é o que se sobressalta.

Olhar para Baby do Brasil, como fenômeno comunicacional / cultural em sua atualidade, frescor e movimento, é saber da necessidade de pensar a cultura em sua esfera plural e inclusiva, atentando para as possíveis transformações que as mídias estejam causando na cultura e, ainda, para as alterações que a cultura pode promover nas mídias, no tratamento das temáticas, de que maneira e com que importância.

Em suma, o objetivo geral dessa pesquisa é compreender como as imprensas online, tanto as de notícias gerais quanto as especializadas no mundo gospel, percebem o trânsito entre cultura gospel e cultura secular, em particular nas matérias sobre Baby do Brasil, em meio a outros aspectos das narrativas da cantora, como o humor e temas polêmicos.

Os objetivos específicos desdobram-se em:

- a) entender quem é Baby do Brasil, de acordo com a narrativa que tece da sua própria história de vida e artística;
- b) compreender de que maneira Baby do Brasil se apresenta em sua narrativa e em seus shows, investigando a linguagem por ela utilizada;
- c) explorar as questões embutidas na fusão que Baby do Brasil promove entre o religioso e o não religioso em seus shows, buscando posicionar os lugares na cultura de cada um dos elementos trazidos à baila;
- d) observar em que medida e de que maneira o trânsito de Baby do Brasil entre cultura gospel e cultura secular aparece nas matérias sobre a cantora;
- e) analisar em que medida e de que maneira aparece, nas publicações jornalísticas sobre Baby do Brasil, a narrativa que a artista faz de si mesma;
- f) apreender em que medida e de que maneira o humor de Baby do Brasil aparece nas matérias sobre a artista;
- g) identificar em que medida e de que maneira os temas polêmicos, a exemplo de sexualidade e drogas, aparecem nas publicações jornalísticas sobre Baby do Brasil;
- h) examinar em que medida e de que maneira se relacionam, nas matérias sobre a artista, as narrativas que a cantora conta sobre si mesma, o humor da artista, os temas polêmicos (a exemplo de sexualidade e drogas) e o trânsito entre gospel e secular.

Das perguntas geradas e dos objetivos traçados, as hipóteses iniciais são: de que nas narrativas sobre Baby do Brasil realizadas pelas imprensas online, tanto de sites de notícias gerais quanto dos que cobrem somente o universo gospel, não há a apreensão de uma possível problemática em razão da mistura que a cantora faz da linguagem religiosa com as músicas de cunho não religioso; e de que o humor e os temas polêmicos, enquanto valores-notícia, são os que se ressaltam e até mesmo norteiam as narrativas que essas imprensas fazem da artista.

## 1.2 Caminho metodológico

Para responder às questões formuladas, o trabalho foi dividido em duas partes, já que o uso de apenas um método não seria o suficiente para atingir os objetivos propostos.

Na primeira etapa, realizou-se uma análise da narrativa tecida por Baby do Brasil midiaticamente, de modo a desdobrar seus aspectos culturais e comunicacionais. Para tanto, precedidos de revisão bibliográfica, foram utilizados os conceitos da antropofagia (ANDRADE, 1976; SILVA, 2007), da carnavalização (BAKHTIN, 1987; STAM, 1992), da cultura gospel (CUNHA, 2004), da semiótica da cultura (LOTMAN, 1981; PINHEIRO, 2013), do dialogismo (BAKHTIN, 1997; STAM, 1992) e da religiosidade midiática (MIKLOS, 2015; MARTINO, 2016).

Tal análise teve como objetivo estabelecer fundamentos para a segunda parte do trabalho, realizada através de revisão bibliográfica sobre a prática jornalística (SODRÉ, 2009; BENETTI, FONSECA, 2010) e de análise de conteúdo (BARDIN, 2011) das narrativas sobre Baby do Brasil, veiculadas tanto em impressas especializadas na cultura gospel quanto nas que não se guiam por uma religião, a saber, nos portais de notícia: [www.folha.uol.com.br](http://www.folha.uol.com.br), [www.f5.folha.com.br](http://www.f5.folha.com.br), [www.oglobo.globo.com](http://www.oglobo.globo.com), [www.musica.uol.com.br](http://www.musica.uol.com.br), [www.rollingstone.uol.com.br](http://www.rollingstone.uol.com.br), [www.gospelmais.com.br](http://www.gospelmais.com.br) e [www.gospelprime.com.br](http://www.gospelprime.com.br).

As matérias separadas para a análise de conteúdo foram buscadas nos portais de notícia citados em dois períodos de tempo, correspondentes a distintos momentos da carreira de Baby do Brasil, os quais abarcam as questões levantadas nesta pesquisa: de 11/2005 a 10/2012, quando a artista dedicou-se à música gospel; e de 11/2012 a 10/2015, quando a cantora retornou aos palcos seculares com a turnê Baby Sucessos.

O conjunto de técnicas da análise de conteúdo foi escolhido uma vez que, através de seus parâmetros, é possível perguntar: “o que eu julgo ver na mensagem estará lá efetivamente contido, podendo esta ‘visão’ muito pessoal ser partilhada por outros?” (BARDIN, 2011, p. 35); além disso, pode-se chegar a novas descobertas, por meio do esclarecimento “de elementos de significações suscetíveis de conduzir a uma descrição de mecanismos de que *a priori* não possuíamos compreensão” (ibidem).

Já sobre o corpo teórico utilizado na pesquisa, a seleção deu-se a partir, em primeiro lugar, de um levantamento do estado da questão, realizado na plataforma digital de buscas Google Acadêmico. As palavras-chave lançadas foram escolhidas por serem relacionadas de forma mais direta ao assunto ou por serem termos teóricos que, enquanto ainda se construía o projeto de pesquisa, iam sendo associados aos processos que envolvem o tema.

Foram as palavras-chave pesquisadas, também em suas versões no plural e no masculino, quando cabiam, e sempre entre aspas: Baby do Brasil; Baby Sucessos; Baby Consuelo; Novos Baianos; Música gospel; Música secular; Site Gospel; Gospel; Secular; Música; Canção; Sagrado; Profano; Religião; Religiosidade Midiática; Mídiação da religião; Evangélica; Cristã; Cristianismo; Pentecostal; Narrativas midiáticas; Valor-notícia; Polêmica; Antropofagia; Hibridização; Contracultura; e Interculturalidade.

Especificamente sobre Baby do Brasil na fase de sua carreira que tem início a partir de sua conversão à fé evangélica, quando passa a cantar música gospel, os materiais acadêmicos encontrados apresentaram poucas informações. Na maioria das vezes em que é citada, está dentro de um contexto de artistas que se converteram ao cristianismo e aderiram ao gospel, sem demais desdobramentos. Apenas um artigo científico, publicado em 2016 – depois de realizado, em 2015, o primeiro levantamento do estado da questão para essa pesquisa –, atenta estritamente à carreira de Baby do Brasil após sua conversão à fé evangélica.

A produção acadêmica cresce numericamente ao observar trabalhos nos quais a cantora é mencionada como Baby Consuelo, seu antigo nome artístico, principalmente por ter integrado o grupo Novos Baianos, de interesse em pesquisas, sobretudo, quanto à música produzida ou ao movimento de contracultura, vivido no Brasil e no mundo, nos anos 1970.

A tabela abaixo demonstra a diferença de resultados encontrados e abarca os trabalhos acadêmicos publicados desde 2010, cinco anos antes do início da pesquisa aqui apresentada. Uma atualização do estado da questão foi feita em 2017, antes da conclusão deste trabalho.

Tabela 1 – Estado da questão sobre Baby do Brasil / Novos Baianos – Baby Consuelo, de 2010 a 2017

<b>ESTADO DA QUESTÃO</b>	<b>Baby do Brasil (carreira a partir da conversão à fé evangélica)</b>	<b>Novos Baianos – Baby Consuelo (carreira antes da conversão à fé evangélica)</b>
Aparece como principal objeto de estudo	1	6
Mencionada(os) sem destaque em trabalhos sobre outros temas	18	40
Aparece com relevância em trabalhos sobre outros temas	1	6

Fonte: Elaboração própria.

Assim, para a compreensão do período da carreira de Baby do Brasil que começa após sua conversão ao cristianismo, ou seja, do ano 2000 em diante, foram utilizadas como fontes, além dos trabalhos acadêmicos, as próprias produções midiáticas sobre a cantora: matérias jornalísticas, as entrevistas concedidas pela artista em programas para televisão ou internet e os diversos shows da turnê Baby Sucessos disponíveis para se assistir no Youtube.

Sobre os demais temas que envolvem a pesquisa, o referencial bibliográfico adveio, além do material encontrado no levantamento do estado da questão, de livros e artigos científicos já lidos ou conhecidos previamente sobre o assunto, e de autores indicados nas orientações recebidas durante o percurso no mestrado em Comunicação e Cultura.

Dentro das pesquisas sobre o universo gospel, ressalta-se a produção acadêmica da professora Magali do Nascimento Cunha, pela minúcia com que adentra na história do gospel e, ainda, por seu olhar comunicacional, que permite compreender o termo não apenas como sinônimo de um estilo musical, mas como o que acabou se tornando um estilo de vida de muitos cristãos evangélicos, com ampla gama de jargões e produtos à venda.

Ainda a respeito da música cristã e da cultura gospel, destaca-se a produção literária de Sérgio Pereira, Gladir Cabral, Jorge Camargo e Marcos Almeida, especialmente por suas contribuições sobre os movimentos que buscam ultrapassar as barreiras do mercado fonográfico gospel, no diálogo com o modo de produção musical secular.

No trânsito das mídias e das religiões, iluminam a pesquisa, principalmente, os trabalhos dos professores Jorge Miklos e Luis Mauro de Sá Martino, sobretudo pela dedicação ao estudo das religiões midiáticas, as mídias de cunho religioso, o modo de praticar a religião transformado em decorrência do contato com as mídias e as mídias ganhando novas funções, linguagens e temas em razão da articulação com as religiosidades midiáticas.

Para a compreensão de como se articulam os elementos que constroem a trama de conflitos entre o modo de vida gospel e a música secular dentro da sociedade contemporânea, Iuri Lotman, Mikhail Bakhtin, Amálio Pinheiro, Oswald de Andrade e Míriam Cristina Carlos Silva estabelecem base para a pesquisa, por versarem sobre a cultura, as linguagens e as expressões populares em suas dinâmicas.

Como aporte teórico para a análise das narrativas jornalísticas, contribuem autores que tratam tanto da arte do narrar como aqueles que se debruçam mais sobre o fazer jornalismo, dentre os quais Walter Benjamin, Muniz Sodré, Márcia Benetti, Virginia Pradelina da Silveira Fonseca, Míriam Cristina Carlos Silva e Eduardo Meditsch.

### **1.3 Das narrativas de Baby às narrativas sobre Baby**

Este primeiro capítulo teve como propósito, portanto, delinear o caminho percorrido durante a pesquisa que resulta nesta dissertação de mestrado, apresentando, rapidamente, as perguntas que nortearam o caminho, bem como os objetivos propostos e métodos utilizados.

O segundo capítulo deste trabalho trata sobre os processos interculturais que envolvem a narrativa de Baby do Brasil. Com Lotman (1978), Pinheiro (2013) e Silva (2012), entende-

se as narrativas produzidas pela cantora, em suas declarações e ações midiáticas, como um texto da cultura, que não deve ser compreendido como fenômeno isolado, mas sim como parte de toda uma rede de associações culturais. O capítulo abarca, dessa maneira, a história de vida e musical de Baby do Brasil, com foco nas narrativas religiosas e antropofágicas produzidas pela cantora em toda sua carreira midiática, desde a época em que integrava o grupo musical Novos Baianos, quando era conhecida por Baby Consuelo; e a história da música gospel, com detalhamento dos conflitos existentes entre o gospel e a música secular, além dos movimentos de resistência e contracultura advindos do próprio meio evangélico que têm buscado repensar as separações entre o gospel e a cultura musical popular, negando-se a pertencerem a um selo marcado pelo sectarismo religioso e por padrões de criação rígidos e pré-estabelecidos.

O terceiro capítulo se debruça sobre a própria narrativa de Baby do Brasil, e mais especificamente, sobre a linguagem que a cantora utiliza para se comunicar no trânsito entre o modo gospel de vida e o ambiente da música secular. Com Bakhtin (1987), Andrade (1976) e Silva (2007), demonstra como a artista faz uso dos processos de carnavalização nas misturas que realiza entre as duas culturas. Identifica, em Baby do Brasil, a prática de uma antropofagia. E indica, ainda, a exploração do humor como estratégia central da artista nas declarações que dá à imprensa e ao público nos shows, o que se sugere, ao final, ser um meio de inserir suas narrativas ligadas à religiosidade nas mídias, a partir dos conceitos de religiosidade midiática e de midiaticização da religião (MIKLOS, 2015).

O quarto capítulo dedica-se ao modo como as imprensas gospel e secular relataram as narrativas de Baby do Brasil em seu retorno à música secular, bem como à maneira com que a retratavam nos anos anteriores à sua volta, quando a artista se concentrou mais na música gospel e em seu ministério em uma igreja pentecostal. Com Sodré (2009), Benetti (2010), Silva (2013), entre outros, traça um panorama sobre a prática jornalística e o que se pode apreender desta em termos de significações sociais. Após, apresenta-se a análise de conteúdo realizada nas publicações encontradas sobre Baby do Brasil, dentro do corpus e critérios de pesquisa estabelecidos, por meio de uma exposição quantitativa e qualitativa dos resultados.

## 2 PROCESSOS INTERCULTURAIS EM BABY DO BRASIL

### 2.1 Para entender as mesclas culturais de Baby do Brasil: o gospel e o secular

Enquanto evangélica, Baby do Brasil se expõe às mídias, na turnê Baby Sucessos, na contramão do domínio ideológico do grupo religioso ao qual declara pertencer. Antes de qualquer outro passo, bem por isso, é preciso compreender o processo intercultural em curso quando a cantora se apresenta em circuitos da música popular brasileira sem que, por essa razão, deixe de lado a cultura gospel. O primeiro movimento, para tanto, é apreender a separação que existe entre o que é classificado como gospel e o que é chamado de secular.

A palavra gospel designa a música com conteúdo religioso cristão, conhecida também como Música Cristã Contemporânea (MCC), que se diversifica em diversos ritmos musicais, como o rock, o sertanejo, o samba, as baladas, entre outros, com o objetivo de adorar a Deus (CUNHA, 2004; CARVALHO, 2014). Além de ser definida pela temática, é também conhecida por quem a realiza: os cristãos protestantes, ou seja, os evangélicos.

A princípio, porém, a música gospel referia-se a um estilo musical específico – surgido na década de 1920 nos Estados Unidos, em comunidades protestantes negras – que se desenvolveu, em suas primeiras décadas, ao lado de movimentos sociais e políticos.

De acordo com Cunha (2004), as influências do gospel foram: os *labor songs* (canções de escravos negros entoadas para marcar ritmicamente os tempos de trabalho, mas que também eram usadas para recreação e comunicação entre eles); os hinos tradicionais das igrejas protestantes; os *negro spirituals* (resultado da mescla feita, pelos escravos negros convertidos ao cristianismo, entre os *labor songs* e os hinos das igrejas protestantes); as canções do movimento *Revival* (“Reavivamento”, movimento evangelístico do final do século XIX), que tinham um viés emocional e espontâneo, com uso de cantos corais e do modelo “pergunta-resposta”, entre pregadores e congregações; o ragtime; o jazz; e o blues.

Determinante em momentos políticos críticos nos Estados Unidos, como na luta pelos direitos civis da comunidade negra na década de 1960, a música gospel também alcançou alta popularidade entre os norte-americanos, ultrapassando os muros das igrejas e dos ambientes religiosos. Como conta Cusic (1990, p. 123), Mahalia Jackson, considerada uma estrela da música gospel, chegou a se apresentar no evento que marcou o primeiro discurso de John F. Kennedy como presidente dos Estados Unidos, em 1961. Quanto ao envolvimento da música gospel com o Movimento dos Direitos Civis, o autor conta:

A igreja negra e a política muitas vezes estiveram ligadas, com os pregadores servindo frequentemente como um para-raios para as questões políticas. Foi Martin Luther King Jr., um pregador de Atlanta e Montgomery, Alabama, que liderou o Movimento de Direitos Civis nas décadas de 1950 e 1960. Vários outros políticos negros vieram de igrejas e o próprio Movimento de Direitos Civis deve a maior parte de sua vitória ao apoio popular dos membros da igreja. Uma vez que a música é um ponto focal chave para a igreja negra, é lógico que a música gospel negra desempenharia um papel fundamental no Movimento dos Direitos Civis<sup>2</sup> (CUSIC, 1990, p. 123).

Com o passar dos anos, entretanto, muito em razão da popularidade que ganhou e de estratégias de marketing, a música gospel deixou de ser reconhecida por um estilo musical, separando-se, apenas, do que ficou conhecido como música secular, similarmente classificada assim sem que importem os ritmos musicais executados.

Por motivo da doutrina ensinada nas igrejas – que rejeita a produção cultural vinda de fora dos templos, considerada como profana (CUNHA, 2004) –, aliada a uma visão comercial, com planos de divulgação e distribuição (CARVALHO, 2014), a música gospel imbricou-se com diversas características da música secular (ritmos, melodias, estrutura de shows, etc.), mas a manteve de modo demarcado como diferente do gospel, em distinção e afastamento, exatamente por sua não identificação com Deus como tema central e por não ser realizada, exclusivamente, por cristãos protestantes, ou seja, evangélicos.

## 2.2 Baby do Brasil dentro da trama: compreensões sobre culturas

A cantora Baby do Brasil se apresenta em uma conjuntura diversa dentro dessas categorizações, transitando entre elas. Na turnê Baby Sucessos, na qual, ao lado do filho Pedro Baby, resgata canções de sua carreira com os Novos Baianos ou de sua fase solo, a artista se enquadra como cantora de música secular. Porém, Baby também se qualifica como cantora de música gospel, uma vez que é pastora de uma igreja evangélica de vertente pentecostal no Rio de Janeiro (ANDRADE, 2012) e lançou dois CDs dedicados à música de adoração, o *Exclusivo para Deus* (2000) e o *Guerreiros do Apocalipse* (2011).

Não apenas isso. A artista, além de cantar os dois tipos de música, mistura suas linguagens e práticas. Exemplos das fusões e interferências entre o gospel e o secular, feitas por Baby do Brasil, podem ser vistos no show que fez no Rock in Rio 2015 junto a seu filho, Pedro Baby, e a seu ex-marido, Pepeu Gomes. No vídeo editado da transmissão ao vivo do

---

<sup>2</sup> The black church and politics have often been linked, with preachers often serving as a lightning rod for political issues. It was Martin Luther King, Jr., a preacher from Atlanta and Montgomery, Alabama who led the Civil Rights Movement in the 1950s and 1960s. A number of other black politicians have come from churches and the Civil Rights Movement itself owes the major portion of its victory to the grassroots support of church members. Since music is a key focal point for the black church, it is logical that black gospel music would play a pivotal role in the Civil Rights Movement.

canal *Multishow*<sup>3</sup>, Baby é entrevistada pouco antes de a apresentação começar. A repórter pergunta: “*Vocês vão fazer um ritualzinho aqui agora antes de entrar?*”. Baby responde: “*É, nós, na verdade, nós vamos glorificar ao Senhor [...]*”. Quando entra no palco, os primeiros gestos de Baby são mandar beijos para o público, levantar as duas mãos para cima apontando os dedos indicadores para o céu e soltar o grito: “*A Ele toda honra e toda glória!*”. Parece que o show gospel de Baby do Brasil vai começar, mas não. Afinal, o evento é o Rock in Rio. As músicas do *setlist*, as que fizeram sucesso no passado, as músicas seculares de Baby.

Diante de tais mesclas culturais, os questionamentos e posturas da pesquisa requerem um “pensar o outro”, que é “tentar igualmente pensar como o outro e a partir do outro. É buscar entender suas concepções de mundo, os discursos que alimentam suas práticas, as maneiras que ele tem de se inventar como trama” (MARTINO, 2014, p. 32).

Dessa forma, faz-se necessário, a partir daqui, compreender o que permite esses movimentos de Baby, do Brasil de “múltiplas culturas” (MACIEL, 2007, p. 139), inclusive daquelas definidas por “um conjunto de diferenças comportamentais” (ibidem, p. 141).

Conforme ensina Maciel (2007), “as culturas são menos feitas de tradição do que de representações construídas pela história” (ibidem, p. 141). Essas culturas são passíveis de alterações no contato umas com as outras, possibilitando até mesmo o surgimento de novas configurações culturais, mas é necessário ter claro que, mesmo no acontecimento dessas mesclas, a diversidade “reafirma a cultura de cada um. A multiplicidade cultural estimula a diferença que se recusa a se fundir” (ibidem, p. 140).

Nesse sentido, colabora para a compreensão desses processos a teoria defendida por Iuri M. Lotman (1922-1993), para quem, nas palavras de Campelo (1997), “um texto nunca surge como um fenômeno isolado, mas como parte de um amplo quadro, o que é chamado de semiosfera” (p. 40). “Assim, diferente da unidade mínima da comunicação, que é o signo, o texto vem a ser a unidade mínima da cultura” (CAMPELO, 1997, p. 14).

#### Já a cultura

De certa forma, trata-se de um grande texto composto por outros textos que se relacionam, segundo Lotman, formando um sistema de signos. São exemplos de textos da cultura a religião, a arte e as leis, componentes de um *continuum* semiótico, embora seja um *continuum* assimétrico, um campo de possibilidades e de trocas sógnicas, sobre o qual se estruturam as relações no cotidiano. Assim, como um sistema de signos, a cultura funciona como uma espécie de inteligência coletiva, composta por conjuntos de proibições e prescrições, ou seja, por programas de comportamento (SILVA, 2012, p. 275).

<sup>3</sup> Baby do Brasil orando no Rock in Rio 30 anos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PUhb5EL6vrc>. Acesso em: 20/06/2016.

Como indica Silva (2012) ao mencionar um “*continuum* assimétrico”, o grande texto da cultura não é estático ou acabado. “Em um processo tradutório, o sistema reconforma, continuamente, sua estrutura, interpretando signos” (SILVA, 2012, p. 275). Daí é possível compreender como novos conteúdos surgem e se inserem na cultura: “novas configurações de códigos são absorvidas na memória do sistema e se recompõem, a fim de traduzir novos conteúdos, que só podem surgir, a partir dos antigos, da tradição, daqueles que a cultura reconhece” (SILVA, 2012, p. 275).

A própria existência da cultura pressupõe a construção dum sistema de regras para a tradução da experiência imediata em texto. A fim de que um ou outro acontecimento histórico encontre o seu lugar numa determinada célula, é necessário que seja identificado com um determinado elemento da língua do mecanismo memorizante. Mais tarde, tem que ser valorado em relação com todos os nexos hierárquicos desta língua. Isto quer dizer que ficará registrado, que será, pois, um elemento do texto da memória, um elemento da cultura. A introdução dum facto na memória colectiva põe em evidência deste modo todas as conotações da tradução numa língua para outra, que, no nosso caso, é a língua da cultura (LOTMAN e USPENSKII, 1981, p. 41).

Dessa maneira, “novos textos se formam por meio de contaminações esponjosas nas fronteiras da semiosfera, nos encontros dialógicos de culturas, na mestiçagem” (SILVA, 2012, p. 275-276). Mikhail Bakhtin (1895-1975) denota que a “relação dialógica é uma relação (de sentido) que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal” (1997, p. 345) e, sobre os enunciados, afirma que “cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados” (1997, p. 291). Embora tenha se referido ao diálogo verbal para explicar o conceito, o dialogismo de Bakhtin “se aplica tanto ao discurso cotidiano como à tradição literária e artística; diz respeito a todas as “séries” que entram num texto, seja ele verbal ou não-verbal, erudito ou popular” (STAM, 1992, p. 74).

Para Lotman, esses encontros dialógicos se desenvolvem com mais rapidez em setores “que não foram objeto de uma descrição ou que foram descritos em categorias de uma gramática ‘alheia’, obviamente inadequada a estes” (LOTMAN, 1996 apud PINHEIRO, 2013).

Mais próximas da periferia, colocam-se formações de estruturalidade não evidente e não demonstrada; mas que, ao estarem incluídas em situações sócio-comunicativas gerais, funcionam como estruturas. Na cultura humana, essas paraestruturas [...] ocupam [...] um lugar bastante importante. Aliás, é justamente a ausência dum ordem precisa interna, o incompleto da organização, o que assegura à cultura

humana uma performance interna e um dinamismo desconhecidos de sistemas mais harmônicos (LOTMAN e USPENSKII, 1981, p. 40).

Segundo Silva (2012), Lotman entende que “língua e cultura coincidem ou estão umbilicalmente relacionadas” (p. 274). Para ele, “a língua é o modelo de todos os outros sistemas de signos” (SILVA, 2012, p. 276). Por isso, faz sentido que o teórico fale em língua da cultura, estruturalidade, gramática, e na cultura como um grande texto, composto de vários outros textos que podem ainda ser decompostos em subtextos, sobre os quais afirma que “cada um pode ser examinado como independentemente organizado” (LOTMAN, 1978 apud CAMPELO, 1997, p. 41-42).

Desse ponto, é possível enxergar *Baby do Brasil* – mais especificamente as narrativas que a cantora tece sobre si mesma a cada declaração que dá, a cada ato realizado midiaticamente – como um texto da cultura. Conforme apontam Silva e Santos (2015):

As narrativas produzem parte da cultura, assim como são produtos culturais, já que materializam singularidades perceptivas acerca dos fenômenos experimentados pelo homem, na relação com o seu meio e com o seu imaginário. Possuem um importante papel de mediação, [...] além de serem uma possibilidade para organizar, analisar, criticar, subverter, transformar e até substituir a experiência concreta, a partir da simulação, do jogo, da fabulação. Narrador, espaço, personagens e tempo intrincam-se e relacionam-se com a finalidade de produzir sentido e memória (p. 1).

Torna-se necessário, portanto, esquadrihar os subtextos e suas “ligações constantes (no interior dos níveis e entre os níveis)” (LOTMAN, 1978 apud CAMPELO, 1997, p. 41-42) que compõem o texto *Baby do Brasil*, além de sondar a semiosfera na busca por compreender quais são os outros textos que se relacionam com ele, em “associações intercomplementares, combinações entre séries próximas ou distantes” (TINIANOV, 1968 apud PINHEIRO, 2013), uma vez que compreender esses processos interculturais, dialógicos, demanda investigar as “possibilidades abertas e infinitas geradas por todas as práticas discursivas da cultura, toda a matriz de enunciados comunicativos onde se situa um dado enunciado” (STAM, 1992, p. 74).

São os movimentos aos quais se passa, estimulados pelo ensino de Amálio Pinheiro (2013): “Qualquer elemento, longe de se isolar, constitui-se em cacho, penca, arabesco. Uma árvore só se deixa entender pela floresta” (p. 23).

### **2.3 Gênese antropofágica de *Baby do Brasil***

A mescla entre textos culturais diversos não é dinâmica recente na carreira de *Baby do Brasil*, que se possa identificar somente a partir da turnê *Baby Sucessos*, na qual há a mistura

de elementos da fé evangélica e do gospel aos da música popular brasileira e de ambientes e palcos não religiosos. Em seus primeiros passos no universo da música, ao lado do grupo Novos Baianos na década de 1970, Baby do Brasil (à época Baby Consuelo), já promovia combinações inusitadas, ao unir, principalmente, características do rock às do samba.

Composto por Luiz Galvão, Moraes Moreira, Paulinho Boca de Cantor, Jorginho Gomes, Pepeu Gomes e Baby Consuelo (hoje Baby do Brasil), os Novos Baianos ficaram marcados pelo “misticismo, uso de drogas, ligação com a natureza, coletivismo e criatividade” (VARGAS, 2011, p. 463), além de terem se influenciado pela contracultura, movimento que, com particularidades em cada parte do mundo, questionava pensamentos e comportamentos hegemônicos na cultura ocidental à época (ibidem).

Os Novos Baianos eram, além disso, herdeiros da Tropicália (VARGAS, 2011; GALVÃO, 2014), movimento artístico que, em um Brasil politicamente turbulento da década de 1960, rompeu com polarizações e discursos políticos que predominavam então até mesmo nas artes, sobretudo, por meio de uma linguagem antropofágica, descoberta e retrabalhada por artistas como Caetano Veloso e Gilberto Gil (FAVARETTO, 2000; SILVA, 2007).

Idealizado por Oswald de Andrade em seu Manifesto Antropófago (1928) e praticado em toda sua obra, o conceito da antropofagia tem sido instrumento tanto para criar quanto para analisar produtos culturais brasileiros, já que, desde que suas ideias foram propagadas, inúmeros artistas têm sido antropófagos em suas construções poéticas (SILVA, 2007).

Favaretto (2000) depõe, nesse sentido, que “antes de conhecerem a poesia concreta e Oswald de Andrade, os tropicalistas (pelo menos Caetano e Gil) tinham feito músicas que delineavam o movimento” (p. 51). No entanto, foi o contato com o pensamento antropófago que “forneceu-lhes os argumentos e as informações de que necessitavam para fundamentar e desenvolver seu projeto” (ibidem).

Stam (1992) assim resume a proposta antropófaga:

Para os modernistas, o canibalismo artístico fazia parte de uma estratégia de resistência nacional ao colonialismo cultural. Os artistas brasileiros deveriam digerir produtos culturais importados para depois explorá-los como matéria-prima para uma nova síntese, voltando assim a cultura metropolitana imposta, transformada, contra o colonizador (STAM, 1992, p. 55).

Para Silva (2015), a antropofagia oswaldiana é poética, ou seja, um modo de operar a linguagem, artisticamente. Mas vai além. Pelas lentes da Antropofagia, pode-se compreender não somente produções artísticas, em estreito termo, mas também, de modo geral, toda a configuração cultural do Brasil:

A antropofagia de Oswald de Andrade (...) parte de uma metáfora para chegar a uma teoria da cultura brasileira. Definida como um processo de devoração, a poética antropofágica destaca a transformação dos produtos da cultura, mediante a incorporação do alheio, da diferença, em um processo de deglutição crítica, em que a junção de duas ou mais formas de culturas distintas (ou de seus produtos) darão origem a uma terceira. Os indícios de uma teoria da cultura brasileira, proposta por Oswald de Andrade, aparecem pela primeira vez no Manifesto Antropófago (1928), e permeiam a obra mais inventiva do poeta, ensaísta, crítico, romancista, dramaturgo e jornalista (SILVA, 2015, p. 127-128).

Assim, um processo antropofágico é reconhecível, de acordo com Silva (2007), pela “combinação de elementos que consegue unir o local e o universal, o contemporâneo e a tradição, o erudito e o popular, caminhando, antropofagicamente, entre, que é onde deve estar a arte, exercício de desconfiança ante tudo o que possa parecer absoluto, definitivo” (p. 164).

No caso dos tropicalistas, as mesclas culturais romperam, em princípio, o abismo que separava a arte enaltecida de melodias e instrumentos tradicionais do Brasil e aquela de musicalidade mais internacional e comercial. Nos anos 60, conforme relata Motta (2001), “a briga entre a ‘música brasileira’ e a ‘música jovem’, isto é, entre ‘Jovem guarda’ e o ‘Fino da bossa’, se transformou em uma verdadeira guerra musical” (p. 107).

Na contramão do antagonismo em vigor à época, as canções tropicalistas traziam, quase sempre, “a mescla de ritmos brasileiros tradicionais (urbanos ou folclóricos) com ritmos que foram difundidos pelo rádio, disco, televisão e cinema: samba, rumba, baião, ponto de macumba, rock, bolero etc.” (FAVARETTO, 2000, p. 121).

Motta (2001) detalha a dimensão crítica das misturas feitas pelo Tropicalismo:

Não eram só as guitarras, mas os arranjos de orquestra de Rogério Duprat e Júlio Medaglia, as participações de Os Mutantes, as letras cinematográficas, fragmentadas, irreverentes, cheias de referências provocadoras ao universo pop brasileiro; as melodias que rompiam com os estilos estabelecidos e, embora trabalhadas dentro dos novos padrões do pop internacional, traziam mais para perto a tradição da música nordestina, revista e aumentada. Era de certa forma também uma restauração de valores musicais nacionais negados pela bossa nova e o samba-jazz, pela MPB de Copacabana, reciclados e reinventados em um novo momento social e político: Luiz Gonzaga e Jimmi Hendrix, os Beatles e Jackson do Pandeiro, chiclete e banana (p. 169).

De volta aos Novos Baianos, Luiz Galvão (2014), integrante do grupo, conta que os músicos, no começo, imitavam o Tropicalismo, até encontrarem a própria identidade musical. O artista considera “o primeiro disco, *Ferro na boneca*, tropicalista, graças à grande influência do trabalho de Caetano, Gil e Tom Zé” (GALVÃO, 2014, p. 17).

Apesar de criar sua própria sonoridade nos discos posteriores, o grupo não deixou a característica fundamental da Tropicália: a antropofagia. E ainda mergulhou mais fundo no fazer antropófago. Vargas (2011) afirma que, mesmo que os tropicalistas tenham introduzido sons de instrumentos elétricos em suas canções, foram os Novos Baianos que aprofundaram musicalmente as combinações entre estes e os sons acústicos.

Galvão (2014) indica que algumas características dos próprios integrantes do grupo colaboravam para as misturas, como a veia roqueira de Pepeu Gomes e o talento de Baby Consuelo (Baby do Brasil, atualmente) para cantar chorinhos. Nas palavras de Motta (2001), os Novos Baianos uniam “os ritmos e as sonoridades acústicas nacionais com as estridências e distorções das guitarras planetárias – um heavy-samba que misturava os mestres brasileiros com os sons internacionais” (p. 252).

Por isso, Vargas (2011) analisa que, no trabalho dos Novos Baianos:

[...] ganhou importância a prática antropofágica (decorrência direta do tropicalismo) de misturar estilemas externos à música brasileira (conforme entendimento da época) com formas musicais nacionais (samba, frevo, choro) como procedimento de criação. Em algumas composições, foi possível determinar particularidades nos arranjos que demonstram suas características experimentais, sobretudo na utilização inovadora da guitarra elétrica. Tal uso não apenas retomou a atitude tropicalista (já inscrita na história da MPB), mas avançou no que se refere às maneiras de incorporar timbres e mesclar escalas e padrões melódicos nos solos. Pode-se dizer, inclusive, que a ação dos Novos Baianos ocorre no sentido da “linha evolutiva” da MPB (conforme célebre frase de Caetano Veloso) por incorporar de uma vez por todas o instrumento ao leque sonoro da música popular brasileira (p. 472).

Os processos antropofágicos, assimilados por Baby do Brasil quando os colocava em prática junto aos Novos Baianos na década de 1970, ajudam a compreender os movimentos da cantora na turnê Baby Sucessos (2012 – 2015), ao lidar com elementos culturais distantes e distintos: o gospel e o secular.

Cabe, entretanto, apontar ainda outros fatores nesse sentido.

#### **2.4 Espiritualidade em Baby do Brasil, uma antiga história**

A busca pela face espiritual da existência, assim como quanto à fusão de textos culturais díspares, não é novidade na vida de Baby do Brasil. Começa, segundo a própria cantora, décadas antes de se converter ao cristianismo em uma igreja evangélica.

É a artista quem afirma, sempre que pode, que o lado espiritual, místico, sempre esteve presente em sua vida, desde a infância, inclusive. Em entrevista à revista *Veja*, Baby narra que

aos 8 anos: “Estava dormindo quando alguém que tinha pés de bode e cara de tarado disse: Eu sou o demônio e estou aqui na cama com você” (MARTINS, 2005).

Outro exemplo da relação antiga de Baby com a espiritualidade está em 1985. As experiências espirituais da cantora, nesse período, eram muito ligadas ao paranormal Thomaz Green Morton, “famoso por entortar metais com a força do pensamento e gritar ‘Rá!’, berro que Baby repetia a torto e a direito por aí” (KÜCHLER, 2012).

O relacionamento de Baby com Morton influenciou até mesmo no figurino usado pela artista na primeira edição do Rock in Rio, que aconteceu naquele ano: “Nesse dia, Baby se apresentou inteiramente coberta de metais entortados pelo paranormal Thomaz Green Morton” (BASTOS, 2010).

Morton recebeu também uma canção dedicada só a ele. *Mensageiro Interplanetário* esclarece o quanto Thomaz e seus “Rás!” significavam para Baby, e também para Pepeu Gomes, uma ligação com Deus: “*Raios e relâmpagos na alvorada / RÁ – sinal, mensagem, noite abençoada*” (CONSUELO e GOMES, 1985). À Folha de São Paulo, a cantora, já evangélica, reitera: “Já estava nessa parada espiritual. Começaram a acontecer coisas: os talheres entortavam, água virava óleo, papel virava ouro. Tinha certeza que Deus estava na minha vida até que descobri que aquilo não era de Deus” (KÜCHLER, 2012).

A busca de Baby por Deus igualmente pode ser identificada na década de 70, época em que a cantora morava junto aos integrantes do grupo Novos Baianos. Naqueles anos, a espiritualidade misturava-se sem nenhum estranhamento a elementos diversos, como o uso de drogas (VARGAS, 2011). Há relatos, também, de que Baby e os demais integrantes dos Novos Baianos realizavam “uma incorporação idiossincrática da Bíblia [...] liam e discutiam o texto tentando reviver a época de Cristo” (VARGAS, 2011, p. 468).

Além da Bíblia, a leitura de Bhagavad Gita, na tradução de Huberto Rohden [...] era outro ponto de referência mística do grupo. Do próprio Rohden, as obras *Cosmorama* e *Por mundos ignotos*, e o texto *Autobiografia de um Iogue*, do guru hindu Parmahansa Yogananda, faziam parte da biblioteca dos Novos Baianos. O pensamento oriental, as místicas teosóficas e os ensinamentos da Bíblia (sempre na interpretação particular que faziam) os aproximavam das preocupações dos jovens da época na tentativa de construção de uma sociedade diferente na qual imperasse a paz e o amor (VARGAS, 2011, p. 468).

Em um tempo mais próximo do ano em que se tornou evangélica, Baby “mudou de nome”. Ela, que na verdade é Bernadete Dinorah de Carvalho e até então era chamada artisticamente de Baby Consuelo, a partir da década de 90 começou a atender por Baby do Brasil. A mudança teve ligação, mais uma vez, com a busca espiritual da cantora, pois foi

decidida após uma peregrinação a Santiago de Compostela (SANTHIAGO, 2014, p. 103), “uma das rotas mais tradicionais da religião católica” (SILVA e SANTOS, 2015, p. 3).

Do contato com o demônio na infância, à incorporação idiossincrática da Bíblia junto a obras hindus nos anos 70, ao seguimento das manifestações paranormais de Thomaz Green Morton nos anos 80, à peregrinação católica nos anos 90, até chegar à igreja evangélica Sara Nossa Terra na virada para os anos 2000, Baby nunca deixou de ter sua identidade excêntrica amplamente marcada pelo aspecto espiritual.

O próprio desenvolvimento de sua história artística permite que não haja, por parte da mídia, estranhamento à sua conversão ao cristianismo em uma igreja pentecostal – ainda que alguns desconfiem da legitimidade da conversão, pelo motivo de a fé evangélica ter vivido seu *boom* naquele mesmo momento no Brasil. Enquanto narrativa, no entanto, não há incompatibilidade que possa ser apontada: “Baby sempre foi mística. [...] Com esse currículo, ninguém se surpreendeu com mais uma mudança” (MARTINS, 2005, p. 130).

Outro ponto a considerar é que o vocabulário e alguns elementos-chave na fé evangélica, principalmente na pentecostal, já eram utilizados ou vividos por Baby em toda a sua carreira artística, o que está provavelmente ligado ao fato de sempre ter tido contato com a Bíblia. Um desses elementos-chave no pentecostalismo é o milagre:

O primeiro desses acontecimentos místicos teria ocorrido ainda nos tempos dos Novos Baianos, quando a filha de Paulinho Boca de Cantor, seu colega de banda, se acidentou. “Ela morreu na minha frente”, diz. “Eu me desesperei, subi no telhado e gritei: ‘Você é Deus, eu creio!’. Urrei tanto que senti os meus ovários”, afirma. A menina teria ressuscitado. Paulinho minimiza o milagre. “Minha filha teve uma convulsão” (MARTINS, 2005, p. 130-131).

A esse respeito, é preciso destacar que apesar de a cantora ter narrado o fato em 2005, quando já era evangélica, o cantor Paulinho Boca não desmente o relato: de que Baby tenha pedido a ajuda divina em forma de milagre. Desmente apenas que o milagre tenha acontecido.

Quanto ao vocabulário, letras compostas e gravadas pela artista na década de 80 apresentam claras semelhanças se comparadas a canções evangélicas. A comparação entre trechos da canção *Paz e Amor* e da música gospel *Criador do Mundo* é um bom exemplo: “Realizando o sonho, paz e amor / **Chamando o Criador**, paz e amor / **Dentro dos meus olhos** / Ainda brilha aquela **luz divina**” (GOMES, GOMES e CONSUELO, 1981) – “**Quanto mais Te busco** / Mais Te quero em mim / És o **Criador do Mundo** / ... / **Eu Te olho** e **Tua luz resplandecente** / Não me deixa ser confundido” (ARAÚJO, 2014).

Dos elementos encontrados na história de vida, pessoal e musical, de Baby do Brasil, se passará, agora, àqueles que circundam os movimentos da cantora entre o gospel e o secular.

## 2.5 Breve história do gospel no Brasil

Bem antes de existir um gênero musical que fosse conhecido como gospel, a música já integrava o universo protestante brasileiro com demarcações bem traçadas. Tudo que era cantado tinha como único objetivo o culto (CUNHA, 2004), até os anos 70, quando grupos paraeclesialísticos, como Jovens da Verdade e Mocidade para Cristo, passaram a utilizar a música como estratégia evangelística, compostas para serem ouvidas no dia-a-dia.

Paraeclesialísticos significa que esses grupos eram compostos por membros que vinham de diversos locais e denominações (Igreja Batista, Presbiteriana, Assembleia de Deus, entre outras). Eles foram influenciados pelo Movimento de Jesus, o *Jesus Movement*, que nos Estados Unidos atraiu inúmeros jovens à fé cristã através de inovações na área da música. No Brasil, as mudanças mais expressivas foram realizadas pelo grupo Vencedores por Cristo, com a introdução de ritmos brasileiros e letras mais poéticas (CUNHA, 2004).

No bojo dessas canções, dos hinos congregacionais às dos grupos paraeclesialísticos, sempre esteve presente “[...] uma visão de mundo dual em que o sagrado e o profano são antagônicos, concretizados no dualismo igreja-mundo [...]” (CUNHA, 2004, p. 112), marca da doutrina dominante na maioria das igrejas evangélicas até os dias de hoje. Conforme afirma Camargo (2009) sobre o LP *De Vento em Popa*, lançado pelos Vencedores por Cristo em 1977, esteticamente “o disco é o que se poderia chamar de revolucionário para os padrões de música religiosa daquele tempo. Teologicamente, observou-se o oposto” (p. 42), apontando que embora no LP tenham sido introduzidas melodias e poéticas até então rejeitadas nas composições cristãs, as letras permaneceram seguindo as normas prescritas pela doutrina evangélica acerca do que deveria ser uma música cristã à época.

Apesar da intenção de uma aproximação “do mundo”, como é comum dizer entre os evangélicos a respeito daqueles que não pertencem à igreja, as tentativas ficaram restritas às formas rítmicas das canções:

Além do violão de cordas de náilon (amplamente utilizado na bossa nova), outros instrumentos utilizados nas gravações desse disco foram: violão de 12 cordas, flauta transversal, harmônica (gaita de boca), bateria, chocalho, bongô (instrumento de percussão que remetia o ouvinte à música não cristã e às músicas dos cultos afro-brasileiros) e outras percussões, piano elétrico Rhodes, teclado sintetizador, guitarra e contrabaixo elétricos com efeitos característicos (muito ouvidos no rock de variados estilos da época) (CABRAL; PEREIRA, 2012, p. 126).

Na análise realizada, Cabral e Pereira (2012) também concluem que “a teologia expressa nas letras continuou no formato tradicional” (p. 129). Ainda assim, o disco sofreu, “da parte de uma boa representação da liderança religiosa da época, uma enorme rejeição. Há relatos que dão conta de LPs quebrados em púlpitos como sinal de repulsa diante de tamanha ousadia e sacrilégio” (CAMARGO, 2009, p. 57).

É por isso que o álbum *De Vento em Popa* ficou marcado na história da música cristã brasileira, muito antes de o Gospel estourar no país com abundância de baterias e guitarras. Mesmo que a mensagem não tenha mudado, com os binários de oposição sagrado/profano e igreja/mundo embutidos na teologia expressa nas letras, rupturas foram inauguradas ao menos na maneira de se comunicar a mensagem, microfendas abertas no muro de uma visão dualística e sectária.

Desde então, a instrumentalização da música como forma de propagar a fé se tornou elemento comum no cotidiano dos evangélicos. Acrescente-se à conta o crescimento das igrejas pentecostais nos anos 90, aliado à utilização cada vez mais frequente das mídias como forma de evangelismo. Nasce o *gospel*.

A igreja Renascer em Cristo de São Paulo ocupa, no ano de 1990, durante várias horas por dia, o espaço da rádio Imprensa FM, inaugurando um novo tempo na relação entre fé cristã e cultura brasileira. Estavam Hernandes, líder da igreja, juntamente com um grupo de colaboradores, é responsável pela elaboração de uma nova estratégia de exposição da música religiosa à mídia.

É quando surge a expressão *gospel* para designar a música cristã veiculada nos meios de comunicação da época (CAMARGO, 2009, p. 60).

A teologia nessa fase, no entanto, permaneceu com as diretrizes binárias, sem novas ou grandes revoluções. Em seu estudo sobre a explosão *gospel* que eclodiu nos anos 90, Cunha (2004) relata:

Uma enfática abordagem gira em torno da música, ao refazer as linhas divisórias entre o sagrado e o profano condenando a música secular e reforçando que os “verdadeiros adoradores” somente devem ouvir e cantar música religiosa, e, por conseguinte, somente sintonizar programação musical religiosa (p. 190-191).

Apesar da grande diversidade de bandas e cantores, executando cada qual de acordo com suas preferências e referências canções que vão do samba ao rock, do rap ao pop, mas sempre com o predomínio daqueles que atuam no estilo “adoração” – cujos exemplos de destaque e sucesso são os grupos *Diante do Trono* e *Renascer Praise* –, o *gospel* se instituiu,

de maneira diversa de todos os outros gêneros musicais, não pelo ritmo da música que realiza, mas por seu tema: Deus.

A esse respeito, cabe assinalar que é preciso questionar academicamente a noção do gospel como gênero musical e não apenas aceitar a classificação tal qual está dada. Mesmo fruto de um contemporâneo hibridismo (CUNHA, 2004, p. 111), é peculiar o fato de não ter restado, como resultado das mesclas culturais, nada do gospel como o era originalmente nos Estados Unidos no início do século XX:

Aqui, nos apoiamos nos conceitos de Tatit para propormos a idéia de que os gêneros musicais já são indicações de determinadas dicções e estratégias midiáticas de direcionamento mercadológico da música, uma vez que, independentemente de conhecer o intérprete, o consumidor de música reconhece as melodias, temáticas e expressões de um blues, de um funk, de um samba de roda, de um chorinho ou de uma canção heavy metal (JUNIOR, 2006, p. 5).

A discussão em torno do reconhecimento do gospel como gênero demandaria certamente uma pesquisa à parte, no entanto, vale destacar que os ritmos musicais por si só já possuem suas melodias, temáticas e expressões próprias, o que reforça ainda mais a necessidade de um aprofundamento sobre o caso *sui generis* do gospel, em que a temática se sobrepõe a todas as outras características, não sendo escolhida de acordo com o gênero musical, mas, ao contrário, ditando o que se encaixa dentro do gospel ou não.

## 2.6 Rumores de um pós-gospel

Professor de teoria e história da arte, o holandês Hans Rookmaaker (1922-1977) é ainda uma recente descoberta entre os evangélicos brasileiros. Ele escreveu *A arte não precisa de justificativa*, lançado pela editora Ultimato, em 2010, mesmo ano em que o grupo de rock Palavrantiga divulgava a canção *Rookmaaker*, em homenagem ao escritor. Em 2015, a mesma editora lança *A arte moderna e a morte de uma cultura*, best-seller do autor, publicado pela primeira vez em 1970, no Reino Unido.

Embora ainda não amplamente difundido e conhecido, o pensamento desse teórico tem atraído cada vez mais a atenção de artistas cristãos. Principalmente, por inverter a lógica do gospel, a começar pelo fato de que, para Rookmaaker (2015), “a arte nunca deve ser usada para mostrar a validade do cristianismo. Pelo contrário, a validade da arte deveria ser mostrada por meio do cristianismo” (p. 242). Ainda que o *best-seller* tenha sido escrito com a proposta de realizar análises de pinturas, sua leitura ajuda a esclarecer as oposições entre a proposta do escritor e as características do gospel:

Assim como ser cristão não significa andar por aí cantando aleluia o dia todo, e sim mostrar uma vida renovada por Cristo mediante a verdadeira criatividade, a pintura cristã não é aquela na qual as figuras têm auréolas e na qual (se encostarmos o ouvido na tela) podemos ouvir aleluias (ROOKMAAKER, 2015, p. 243).

Um dos conceitos de Rookmaaker (2015), assim, é de que o artista cristão não precisa, necessariamente, trabalhar apenas com temas religiosos:

O artista, com seus talentos especiais, tem uma tarefa específica, um chamado muito especial e maravilhoso. Não é o de se fazer de profeta, nem ser um mestre, nem ser um pregador, nem evangelizar. É o de tornar a vida melhor, mais digna de consideração, de criar o som, a forma, a história, a decoração e o ambiente que sejam significativos, agradáveis e uma alegria para a humanidade (ROOKMAAKER, 2015, p. 258).

Influenciados declaradamente ou não pelo autor, é cada vez mais comum o surgimento de cantores ou bandas com filosofia semelhante. Apesar de serem evangélicos e, de alguma forma, a fé estar presente em suas obras, o objetivo principal desses novos artistas não é o de evangelizar ou “adorar” por meio da música.

Mas também é possível encontrar divergências e “rebeliões” no gospel se a sua gênese for observada. Em um levantamento sobre artistas cristãos que fogem aos padrões, Pereira (2014) dá conta de que em 1990, quando o gospel explode, canções para além dos motivos litúrgicos e evangelísticos, como temas românticos ou sociais (escravidão, solidariedade), já eram compostas por João Alexandre, Guilherme Kerr Neto e Gladir Cabral. A partir deles, o autor cita 62 músicos evangélicos contemporâneos, em especial os ligados ao estilo MPB, como exemplo dos que seguem à margem ou contra a corrente do gospel, mesmo que a mensagem cristã esteja bastante clara na maioria dos trabalhos.

O pensamento dos artistas elencados por Pereira (2014) é descrito no blog *Nossa Brasilidade* por Marcos Almeida, compositor da canção *Rookmaaker*:

[...] era assim que os cristãos e artistas brasileiros pensavam seu ofício, aqueles que assumiram uma posição de resistência diante do polêmico movimento gospel principalmente: Que beleza, por que a gente não faz uma arte cristã com raízes brasileiras? É hora de valorizar nossa terra! Vamos ficar importando fórmulas estéticas até quando? [...]— então vamos fechar o cerco, pegar o conteúdo evangélico e dar a ele forma e colorido nacional. Isso mesmo: uma música de adoração com raízes brasileiras. Brasil é a síncope, o lundu, o frevo, o samba, o forró e claro a bossa nova! [...] Brasil está ali, o cristianismo cá, deixa eu pegar o Brasil e erguer uma adoração tupiniquim (ALMEIDA, 2012).

Não obstante ir contra o gospel, Marcos não fala em música cristã de raízes brasileiras. Para o artista, deveria se falar em música brasileira de raízes cristãs, uma pequena inversão nas terminologias que modificaria significativamente as possibilidades criativas de quem queira trilhar esse caminho. “Estou falando de uma música de rua [...], de cinema e novela, música do povo, feita por ele, por isso brasileira” (ALMEIDA, 2012).

A relação com o mercado também muda. Enquanto o grupo da “adoração tupiniquim” prefere a via da música independente, Marcos Almeida se aventura no mercado. Desde que sua música não tenha que ser chamada de gospel ao ser comercializada. Tanto que ele, com a banda Palavrantiga, lançou um cd pela Som Livre em 2012, gerando ineditismos na linha de mercado *gospel / música feita por cristãos*:

Depois de algumas longas conversas com diretores artísticos e departamento de comunicação da companhia, a Som Livre decidiu aderir à minha proposta de que era necessário usar parâmetros musicais para classificar música e trabalhar mercado utilizando a cena cultural do artista.

Ou seja, [...] considerando mercado de atuação, a diversificada praça construída pelas igrejas evangélicas era o ponto de partida [...].

Quando no Itunes a pessoa responsável por categorizar os discos que lá chegava inseriu “rock nacional” e “música brasileira” no nosso registro, superamos quase vinte anos de um paradigma contraditório, autopunitivo, segregacionista, ultrapassado [...] (ALMEIDA, 2014).

Marcos não é o único a encarar todas essas questões da maneira como enxerga, mas pelo que se pode chamar de uma militância na qual está empenhado, o compositor se torna uma espécie de ícone, um símbolo do que já começa a ser chamado de pós-gospel.

Um dos fundamentos dessa visão é que a espiritualidade também está “dentro da música não litúrgica! Ela está lá, como sempre esteve na poesia e em toda arte; ou seja, não é monopólio do mercado religioso” (ALMEIDA, 2014). No âmbito acadêmico, alguns estudos afirmam o mesmo. Um exemplo é o livro *Teologia e MPB - um estudo a partir da teologia da cultura de Paul Tillich* (CALVANI, 1988), resultado de tese de doutorado, na qual se estabelecem paralelos entre a MPB e a religião cristã, com o apontamento de semelhanças entre as letras seculares e os conteúdos bíblicos.

O interessante é que o ideal do pós-gospel parecia já existir, ainda que sem toda clareza e classificações arquitetadas, muito antes de Rookmaaker, de Marcos Almeida e até do gospel como o é hoje. Sobre as intenções do grupo Vencedores por Cristo, indica Camargo (2009, p. 66):

O sonho de um caldeirão de expressões onde se misturariam todos os ritmos, linguagens e formas [...]. Nesse caldeirão, o cristianismo em sua essência mais pura representaria uma das metáforas que Cristo utilizou para descrever a obra de seus discípulos no mundo – “*vocês são o sal para a humanidade*” (Mateus, 5:13). Como condimento, o sal tem a função de temperar, aromatizar e preservar os alimentos, destacando o seu sabor. Embora distinto em sua forma pura, ao ser adicionado à comida o sal a ela se mistura, não sendo mais possível diferenciá-lo.

É, portanto, em como queriam ser os grupos paraeclesiásticos na década de 70 que se encontram as aspirações a uma não distinção entre o secular e o sagrado na música.

## **2.7 Caminho aberto a desbravar**

No caminho percorrido até aqui, a identificação de textos, séries culturais (PINHEIRO, 2013), que se relacionam com a narrativa construída por Baby do Brasil em seus mais recentes movimentos no mundo da música; e o apontamento de subtópicos (LOTMAN, 1978 apud CAMPELO, 1997) dentro da própria Baby do Brasil enquanto narrativa, permitiram compreender que o trânsito da artista entre o gospel e o secular não ocorre de maneira isolada e desconectada de seu entorno e de sua própria história.

Como textos que se relacionam com a narrativa de Baby do Brasil, de maneira mais próxima ou mais distante, já que “não pode haver regra fixa ou geral que determine a proximidade [...] dependerá dos procedimentos sintático-tradutórios levados a cabo em cada caso” (PINHEIRO, 2013, p. 25), considera-se essencial, para atingir os objetivos dessa pesquisa, a verificação das linhas de pensamento que reconhecem elementos da fé cristã e da vida espiritual na música secular, além da averiguação da contramare ao gospel, gerada por artistas cristãos que – apesar de não serem os evangélicos que obtêm destaque na grande mídia – aos poucos têm aberto espaço para o crescimento e adesão, entre os membros desse grupo religioso, de um pensamento inverso ao dualístico-sectário que coloca em oposição os termos igreja x mundo, sagrado x profano, gospel x secular.

Da mesma forma, na observação da história de vida de Baby do Brasil antes de se tornar evangélica, foi possível identificar subtópicos, textos dentro da própria narrativa da cantora, que revelam um fazer artístico antropófago, promotor de mesclas culturais inusitadas, além de elementos que conversam com a atual fé de Baby do Brasil (cristã pentecostal), como: luta contra o diabo, busca por manifestações divinas, bênçãos e milagres; e ainda a leitura da Bíblia, da tentativa de viver como Cristo viveu e do uso de um vocabulário, nas canções, que apresenta até mesmo semelhanças com letras de músicas gospel.

Outros textos ao redor e subtópicos no interior dessa narrativa poderiam ser investigados a fim de compreender o que possibilita à cantora, de maneira dialógica e mestiça,

misturar o gospel e o secular, transitando entre essas distintas culturas. Os textos e subtextos aqui destacados são considerados apenas o ponto de partida, aqueles que são substanciais, por ampliarem o leque da visão. Assim, permitem enxergar a árvore através da floresta e de seu subsolo, no entendimento de que toda pesquisa necessita saber quem é seu personagem principal, e em que contexto está inserido, para que possa seguir em frente. O próximo passo é, justamente, atentar às linguagens e procedimentos utilizados por Baby do Brasil ao incorporar vocabulários e práticas da música gospel em seus shows e aparições na mídia desde que retornou ao circuito da música secular.

### 3 PROCESSOS COMUNICACIONAIS EM BABY DO BRASIL

#### 3.1 Antropofagia, carnavalização e dialogismo como processos de comunicação

“Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem”, escreve Oswald de Andrade (1976, p. 6) em seu Manifesto Antropófago. Em outro trecho, declara: “Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago” (idem, p. 3). Poucas linhas acima, em alusão à expressão *to be or not to be* (ser ou não ser), mais uma vez evidencia a perspectiva antropofágica: “Tupi, or not tupi thats the question” (ibidem).

Crítica e autocrítica, devoração e exportação. O índio vestido de Shakespeare e Shakespeare vestido de índio. Ou, nas palavras de Oswald de Andrade (1976, p. 4), “o índio vestido de senador do Império”. No manifesto, Andrade (ibidem) cita o carnaval brasileiro. Mas tais imagens também dão o passaporte ao carnaval da Idade Média, esmiuçado por Bakhtin (1987) em *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*, no qual imperava a lógica das coisas invertidas, a inversão dos papéis sociais, das ordens hierárquicas e de “tudo que era elevado e antigo, tudo que estava perfeito e acabado” (BAKHTIN, 1987, p. 70):

O desdém carnavalesco pela hierarquia e pela separação é apenas uma das manifestações possíveis do princípio fundamental da “lógica ao contrário” ou ao “avesso”. Por este princípio, fazem sentido as permutações constantes entre o “alto” e o “baixo”, entre o “estruturado” e o “decomposto”, entre o “interior” e o “exterior”, permutações que terminam por desenhar um mundo “invertido”. É exatamente essa lógica carnavalesca que comparece para dar sentido aceitável, na mentalidade e sensibilidade medievais, à mistura de tudo com tudo, à convivência e ao amontoamento, à presença do que poderíamos chamar de “coexistência de insuportáveis” (RODRIGUES, 2015b, p. 229).

Mistura de tudo com tudo, possibilitada pelo profundo enraizamento do carnaval medieval na cultura popular de sua época: uma cultura essencialmente cômica, calcada na concepção não-oficial e utópica do mundo enquanto universal, igual para todos, em que nada é absoluto, nenhum tempo é para sempre, tudo nasce para depois morrer e a morte nunca é o fim, pois há sempre a ressurreição, o renascimento, a renovação (BAKHTIN, 1987, p. 8).

Essa cultura cômica não dava vida somente à festa do carnaval, mas também a uma série de vocabulários familiarmente grosseiros, espetáculos apresentados em praça pública, ritos e cultos cômicos especiais, obras literárias cômicas entre as quais se encontravam as paródias (orais ou escritas), e personagens como os tolos, os bufões, os palhaços (BAKHTIN,

1987, p. 3-4). Para compreender o carnaval medieval, portanto, bem como as imagens e costumes nele expressos, é preciso ter em mente o mundo como este era entendido pelo povo:

Durante o carnaval as pessoas penetravam brevemente na esfera da liberdade utópica. O carnaval representava muito mais, naquela época, do que a mera cessação do trabalho produtivo; representava uma cosmovisão alternativa caracterizada pelo questionamento lúdico de todas as normas. O princípio carnavalesco abole as hierarquias, nivela as classes sociais e cria outra vida, livre das regras e restrições convencionais. Durante o carnaval, tudo que é marginalizado e excluído, o insano, o escandaloso, o aleatório se apropria do centro, numa explosão libertadora. O princípio corpóreo material – fome, sede, defecação, copulação – torna-se uma força positivamente corrosiva, e o riso festivo celebra uma vitória simbólica sobre a morte, sobre tudo o que é considerado sagrado, sobre tudo aquilo que oprime e restringe (STAM, 1992, p. 43).

No carnaval medieval, essas misturas e inversões tinham sempre como objetivo a renovação do universo, colocado de cabeça para baixo (BAKHTIN, 1987, p. 6). Já com os antropófagos, a partir de Oswald, nem sempre isso acontece. Conforme lembra Boaventura (1985, p. 23 apud FILHO, 2015, p. 9), nas obras vanguardistas o procedimento às vezes se configura apenas em “comportamento cinicamente dessacralizante que profana o objeto apenas para negá-lo”, prognóstico já adiantado por Bakhtin (1987) a respeito de todos os produtos ou manifestações culturais datados depois do carnaval da Idade Média.

Entretanto, o que se destaca na relação entre estes dois conceitos não são suas semelhanças e/ou diferenças históricas, mas o método que rege a ambos.

Quando se trata da expressão *carnavalização*, o próprio Bakhtin a utiliza, ainda que com cuidado, para se referir não somente ao carnaval da Idade Média, mas às alterações de lugar de quaisquer elementos da vida tal qual está posta, sem que venham necessariamente acompanhadas de todas as imagens carnavalescas.

Esse entendimento se observa quando o autor afirma que “uma certa ‘carnavalização’ da consciência precede e prepara sempre as grandes transformações, mesmo no domínio científico” (BAKHTIN, 1987, p. 43) e, ainda, quando se refere a São Francisco de Assis:

Sua concepção original do mundo, com sua “alegria espiritual” (*laetitia spiritualis*), sua bênção do princípio material e corporal, e suas degradações e profanações características, pode ser qualificada (não sem certo exagero) de catolicismo carnalizado (BAKHTIN, 1987, p. 50).

Stam (1992) também se refere ao termo *carnavalização* de modo a ser possível não ligá-lo diretamente ao carnaval medieval, mas a um determinado modo de proceder, a um

*modus operandi* de linguagem. Bem por isso, o autor relaciona o conceito à antropofagia de Oswald de Andrade, ao dialogismo, de Bakhtin, e à intertextualidade, de Kristeva.

Ao colocar antropofagia e carnavalização lado a lado, Stam (1992) parece utilizar a expressão “carnavalizar” enquanto sinônimo direto de desestruturação, manipulação de formas rígidas que, pelo ato em si, já manifesta o espírito carnavalesco do não respeito às ordens hierárquicas estabelecidas e, por esse mesmo motivo, o espírito carnavalesco da brincadeira (*aceitação do mundo como o é e ao mesmo tempo não aceitação*):

A noção de “antropofagia” simplesmente aceita a presença inevitável do intercâmbio cultural entre a América Latina e a Metrópole. Não poderia haver nenhum retorno a uma pureza pré-colonial, nenhuma recuperação não-problemática das origens nacionais. O artista, entretanto, não pode ignorar a presença da arte estrangeira; tem de engoli-la, carnavalizá-la e fazer uma reciclagem para objetivos nacionais. “Antropofagia”, neste sentido, é um outro nome para o que Kristeva, traduzindo Bakhtin, chamou de “intertextualidade” e que o próprio Bakhtin chama de “dialogismo” e “carnavalização” (...) (STAM, 1992, p. 49).

O dialogismo é conhecidamente uma das ideias centrais em toda a obra bakhtiniana. Conforme já apontado no capítulo anterior, encontra no diálogo a sua principal fonte de exemplos. No entanto, qualquer enunciado, até mesmo um monólogo, está carregado de outros textos e “só existe em relação ao contexto de outros enunciados” (STAM, 1992, p. 73).

Ao falar sobre antropofagia – e se pode compreender o mesmo, agora, quanto à carnavalização e ao dialogismo –, Silva (2007) explica que a partir da mescla entre elementos culturais distintos, emerge a novidade, novos textos culturais. Nesse processo – o que deve ser aqui ressaltado – a capacidade de comunicar se dilata, é aumentada:

[...] a apropriação do alheio serve para gerar um produto híbrido e novo, renovado porque fora de seu contexto, com um potencial lúdico mais visível - e a paródia, jogo por excelência, amplia seu poder comunicativo por trazer elementos da tradição e / ou do alheio que, embora reconhecíveis, já não são mais aquilo que lhes deu origem (p. 22).

A partir dessas considerações, a tentativa é compreender como estes conceitos podem ser relacionados à cantora Baby do Brasil em sua turnê Baby Sucessos, de modo a entender de que maneira a artista se comunica com seu público, levando ao ambiente da música popular brasileira suas expressões de fé. Processos comunicacionais referem-se, portanto, especificamente neste capítulo, ao *modus operandi* de linguagem utilizado por Baby do Brasil, que seguirá em análise.

### 3.2 Baby do Brasil entre o gospel e o secular

Através do já mencionado show gravado no Estúdio MTV em 2013<sup>4</sup>, é possível ter dimensão de como acontecem os processos comunicacionais usados por Baby do Brasil. Quando conta para o público a história por trás da turnê, Baby o faz de forma bem-humorada, perceptível pela entonação da voz e pelo sorriso no rosto. Ao narrar como foi a conversa com o filho, o guitarrista Pedro Baby, quando recebeu dele o convite para montar o primeiro show, a artista lança mão de vocabulários que provêm tanto da cultura secular quanto da cultura gospel: “*Peraí, mãe, você acha que Deus não vai querer que um filho toque com sua mãe? Eu falei: eu acho que sim, mas como eu sou uma popstora apóstola, do Reino que não pode ser abalado, Matrix totalmente, eu preciso falar com o Papai*”. Toda a plateia ri com Baby, que continua contando como Deus permitiu a realização dos shows: “*e quando veio o Ok: ‘olha, eu estou te dando a unção de Daniel pra você entrar na Babilônia e a unção de Oseias pra você santificar uma geração’, eu falei: ‘Fui!’*”.

Popstora, palavra inventada por Baby, resulta da palavra *pop*, que remete ao estar no mundo das mídias, a ser famosa, a ser reconhecida como uma grande artista da música popular brasileira, e da palavra *pastora*, o nome de sua posição na liderança da igreja evangélica fundada por ela no Rio de Janeiro. *Matrix*, palavra que Baby usa para se descrever enquanto cristã a serviço do Reino de Deus, é uma referência a um produto transmídia composto, entre outros, por games, histórias em quadrinhos, animações e por uma trilogia cinematográfica de ação e ficção científica, grande sucesso de bilheteria nos anos 2000.

Sobre *Matrix*, é válido notar que nas diversas mídias que levam seu nome, os temas da realidade e da ficção são muito presentes: “aquilo que consideramos como a nossa realidade trata-se, em *Matrix*, de uma grande simulação feita no futuro para nos enganar, enquanto as máquinas inteligentes nos escravizam” (CANGUÇU, 2008, p. 81). *Matrix* não vem sob nenhum selo gospel, mas alude a elementos de diversas religiões, inclusive do cristianismo, a exemplo de um personagem que tem como objetivo “salvar a humanidade” e o fato da cidade dos humanos, o mundo real, chamar-se Sião (CANGUÇU, 2008, p. 81-82). Sião é o nome de um monte localizado em Jerusalém e que, na fé cristã, representa “a cidade bíblica por excelência, que representa o momento escatológico final” (CASALEGNO, 1995), ou seja, a cidade onde estarão aqueles que foram salvos.

Durante toda a apresentação, Baby incorpora em meio à sua performance e às suas músicas de sucesso elementos de sua fé evangélica (à qual se converteu em 1999) e do gospel.

---

<sup>4</sup> Estúdio MTV – Baby do Brasil – Show Completo 08.06.2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dR9NoJaBtRo>. Acesso em: 20/06/2015.

Na canção *Menino do Rio* (VELOSO, 1979), a cantora muda para “Jesus forever tatuado no braço” o verso original “dragão tatuado no braço”. Na música *Telúrica* (CONSUELO e GOMES, 1981), da época em que Baby vivia uma espiritualidade mística, não pontuada em uma religião só (VARGAS, 2011, p. 468), os versos “Mandes prana para mim / Que esses raios de ouro cor / Penetrem nos meus chacras” podem agora ser entendidos como um pedido ao Deus dos evangélicos, pois logo em seguida a artista altera o verso “Penso em ti no meu agir” para “Penso Nele no meu agir”, levantando no mesmo momento a mão esquerda com o dedo indicador para o alto. Em entrevista para o site UOL, a própria cantora afirma: “no verso de ‘Telúrica’ ‘penso em ti no meu agir’, esse ‘ti’ aí é o Senhor, todo o mundo sabe disso. A minha parte do gospel está totalmente dentro da secular. Na verdade, dá para ver meu repertório inteiro como gospel” (RODRIGUES, 2015a).

Outro show que dá mostras da dinâmica promovida por Baby é o apresentado no Carnaval de 2015<sup>5</sup>, em São Paulo. Após a primeira canção, a artista começa a compartilhar com o público uma reflexão sobre os dias de folia, após dizer o quanto o Brasil é um país privilegiado, em termos de condições climáticas, para a realização da festividade: “*nós podemos ter carnaval, nós podemos ter uma festa, então vamos valorizar isso, vamos cuidar disso com todo o carinho. Se nós vemos algum amigo, algum irmão, ‘de crack’ ou ‘de droga’, vai lá e fala ‘bicho, tu vai morrer disso, tu tem que sair dessa’, vai lá e prega pro cara, bicho, dá um pouco do seu amor e ajuda aquela criatura a saber que você é que tá na boa. Vamos fazer do carnaval a nossa festa de criança, a nossa festa, não vamos deixar morrer isso, ok? Temos esse compromisso? Quem tá nessa levanta o braço! Glory to the Lord! Eu quero declarar que tudo que eu fizer aqui neste palco é para aquele que disse que: é das criancinhas que é o Reino dos Céus*”. Nesse momento, Baby se volta para a banda, começa a contar compasso e a rebolar, dando início à música ‘Todo dia era dia de índio’.

O que se percebe, nesse episódio, é a inserção do que pode ser considerada uma pregação evangélica em meio a um discurso que, quando existe, é entendido como exceção em sermões cristãos, afinal, valoriza o carnaval. A oposição evangélica ao carnaval pode ser observada, de modo direto, no seguinte trecho de uma notícia veiculada no site Gospelprime, quando Baby ainda levava para a festa um repertório exclusivamente de canções gospel: “O projeto de Baby do Brasil foi bastante ousado e ela mesma concorda com isso, uma vez que o Carnaval é tão criticado por cristãos, principalmente evangélicos, e ela resolveu sair nas ruas para falar da mensagem de salvação através de canções animadas” (LOPES, 2012a).

---

<sup>5</sup> BANDA GLÓRIA & BABY DO BRASIL - 17/02/2015 - Show Completo - Largo da Batata - São Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fGRXGjf26v8>. Acesso em: 14 de março de 2017.

Todas essas incursões do gospel, como também se nota, não tiram de Baby o samba no pé, o corpo solto nas danças, as mexidas no cabelo de um lado para o outro, o suíngue no ventre, o rebolado. Apesar de não haver decotes, boa parte das costas e os ombros da cantora ficam à mostra em várias apresentações. Mesmo com muitas menções a Deus nas músicas e entre as músicas, e apesar de não ser tão explícita, a sensualidade ainda tem seu espaço nas performances da artista: dentes que passam sobre os lábios, língua de fora, movimentos dos ombros para frente, para trás ou para mais próximo do rosto, leves agachadas conforme o ritmo da canção, levadas de mão até a saia, e jogos de corpos com os músicos, principalmente com seu filho Pedro Baby.

### 3.3– A antropofagia da popstora Baby do Brasil

É necessário lembrar, antes de tudo, que antropofagia (e também carnavalização) são conceitos avessos à religiosidade. Diz Andrade (1976, p. 4): “O espírito recusa-se a conceber o espírito sem o corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vacina antropofágica. Para o equilíbrio contra as religiões de meridiano. E as inquisições exteriores”. E Bakhtin (1987, p. 6):

O princípio cômico que preside aos ritos do carnaval, liberta-os totalmente de qualquer dogmatismo religioso ou eclesiástico, do misticismo, da piedade, e eles são além disso completamente desprovidos de caráter mágico ou encantatório (não pedem nem exigem nada). Ainda mais, certas formas carnavalescas são uma verdadeira paródia do culto religioso. Todas essas formas são decididamente exteriores à Igreja e à religião. Eles pertencem à esfera particular da vida cotidiana.

Na cultura popular da Idade Média, no entanto, carnaval e vida religiosa são lados de uma mesma moeda, contraditoriamente convivem e se alimentam um do outro:

Sabemos que os autores das paródias mais desenfreadas dos textos sagrados e do culto religioso eram pessoas que aceitavam sinceramente esse culto e o serviam não com menor sinceridade. Possuímos testemunhos de homens da Idade Média que atribuíam às paródias fins didáticos e edificantes. Assim o atesta um monge da abadia de Saint-Gall, ao afirmar que as missas dos beberrões e dos jogadores tinham como única finalidade afastar as pessoas da bebida e do jogo e teriam efetivamente conduzido numerosos estudantes ao caminho do arrependimento e da correção (BAKHTIN, 1987, p. 82).

E mesmo Oswald de Andrade, com sua repulsa à “verdade dos povos missionários” (1976, p. 5) e às inquisições, não rejeita a esfera do sagrado em sua poética. Sobre o poema *Coro dos anjos do Corcovado*, no qual o poeta une a expressão de louvor “Hosana” à palavra

“banana”, afirma Silva (2007, p. 103): “Aliando o sagrado e o profano, Oswald nos dá a dimensão de seu pensamento antropofágico: não há limites para a aproximação de elementos, mesmo aqueles localizados em territórios aparentemente inconciliáveis”.

Quanto a Baby do Brasil, o que se identifica é uma via de mão dupla: na via que vai, uma carnavalização do gospel; na via que vem, uma cristianização do secular. Via de mão dupla, entretanto, sem linhas demarcatórias, de maneira que não é possível delimitar onde uma começa e a outra termina, à semelhança do que acontecia com o carnaval e a cultura cômica popular na Idade Média (BAKHTIN, 1987, p. 82).

Nas duas vias, há a negação de alguns elementos e a sobrelevação de outros. O samba permanece, a presença marcante e desenvolta do corpo permanece, mas o decote desaparece. O samba junta-se a expressões de louvor durante os shows, como “glória a Deus!”. O “glória a Deus!” junta-se ao samba-rock dos Novos Baianos, grupo ao qual Baby pertenceu antes de seguir carreira solo. Já o samba-adoração, ou o samba-gospel, não tem vez, na contramão do que rege a doutrina evangélica, como já visto neste trabalho:

A noção de que os que são “salvos em Cristo”, os que “não estão no mundo”, estão apenas de passagem nesta vida, “peregrinos”, que marca a hinologia clássica do protestantismo, ganha versão pop mas garante a mesma mensagem: “Para ser salvo por Deus, não se pode misturar com o mundo – há que se separar” (CUNHA, 2004, p. 190).

Desse ponto vista, entende-se que, se a princípio pode parecer contraditório que um representante da fé evangélica utilize de processos antropofágicos e carnavalescos para comunicar sua fé, justamente em razão do espírito antidogmático da antropofagia e da carnavalização, em um segundo momento, chega-se à conclusão de que, se essa comunicação busca se integrar a espaços e elementos culturais não eclesiásticos – sem que haja cisão, sem que tenha que se separar, por exemplo, o público interessado nos discursos religiosos do não interessado, ou separar propriamente os discursos religiosos dos não religiosos – somente o caminho antropofágico, carnavalesco, é meio para tanto.

É o que se identifica nos movimentos de Baby do Brasil, em especial na turnê Baby Sucessos. Uma antropofagia, pois linguagens e elementos de uma e de outra cultura, gospel e secular, sobrepõem-se e misturam-se, caracterizando-se pela mestiçagem: já não se é gospel totalmente, tampouco se faz totalmente secular, mas gospel-secular.

O próprio ambiente em que se dá a turnê, o palco, o show, contribui para a mescla, afinal, por si só, é ambivalente em seu caráter. Ao mesmo tempo em que é lugar do profano, é lugar também do sagrado, não só por se tratar de um evento de música popular brasileira que,

como já demonstrado, comporta muitas expressões religiosas em meio aos diversos temas da vida ordinária – entre eles, amor, sexo, política, rebeldia e uma infinidade de outros mais – (ALMEIDA, 2012; CALVANI, 1988), mas também por ser um momento ritualístico, assim como as festas religiosas. Ao falar sobre estas, Mircea Eliade ensina:

Participar religiosamente de uma festa implica a saída da duração temporal “ordinária” e a reintegração no Tempo mítico reatualizado pela própria festa. Por consequência, o Tempo sagrado é indefinidamente recuperável, indefinidamente repetível. De certo ponto de vista, poder-se-ia dizer que o Tempo sagrado não “flui”, que não constitui uma “duração” irreversível. É um tempo ontológico por excelência, “parmenidiano”: mantém-se sempre igual a si mesmo, não muda nem se esgota. A cada festa periódica reencontra-se o mesmo Tempo sagrado – aquele que se manifestara na festa do ano precedente ou na festa de há um século (1992, p. 38).

A descrição de Eliade faz lembrar a de Marcondes Filho, quando o autor discorre sobre o que acontece em shows, principalmente quanto à recuperabilidade do tempo sagrado:

O que se tem, em geral, são confirmações emotivas, passionais, vivenciais, vindas de uma capacidade que possui a música de evocar sentimentos passados, acoplados a situações anteriores em que a música foi ouvida. A música evoca esse tipo de memória, lembrança recorrente carregada de emoções, o que faz revivê-las. Esse tipo de sentimento é confirmador, ele reata com o vivido, reforçando-o (2014, p. 73).

Não se pretende, com a comparação, igualar os dois ambientes e momentos – shows e festas religiosas, separadas ainda por épocas históricas diferentes. A finalidade do tracejado é, apenas, compreender que ambos possuem um propósito em comum: o de entrar em um tempo fora do tempo, diferente do tempo cotidiano, capaz de reavivar significados, tempo sagrado. Assim, não somente um show ou uma festa religiosa podem ser considerados momentos ritualísticos, mas qualquer acontecimento que proporcione este tempo outro:

Até a leitura comporta uma função mitológica – não somente porque substitui a narração dos mitos nas sociedades arcaicas e a literatura oral, viva ainda nas comunidades rurais da Europa, mas sobretudo porque, graças à leitura, o homem moderno consegue obter uma “saída do Tempo” comparável à efetuada pelos mitos. Quer se “mate” o tempo com um romance policial, ou se penetre num universo temporal alheio representado por qualquer romance, a leitura projeta o homem moderno para fora de seu tempo pessoal e o integra a outros ritmos, fazendo o viver numa outra “história” (ELIADE, 1992, p. 99).

Dessa maneira, Eliade (1992) elucidada que, ainda que se configure diferente e além do ordinário, o tempo sagrado pode ocorrer a partir das coisas e acontecimentos cotidianos, sem ter de ser relacionado intrinsecamente, portanto, ao encontro com alguma entidade espiritual.

Conforme explica, “nunca será demais insistir no paradoxo que constitui toda hierofania, até a mais elementar. Manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico envolvente” (p. 13).

De modo semelhante, Boff (2000) afirma que “imanência e transcendência não são aspectos inteiramente distintos, mas dimensões de uma única realidade que somos nós” (p. 6-7). Para o autor, transcender é sinônimo de experimentar/viver a liberdade, o que demanda que a pessoa desprenda-se de si mesma para encontrar-se.

Boff (2000) elenca situações cotidianas, até mesmo consideradas profanas, a exemplo do namoro, futebol, carnaval e encontro entre amigos (p. 14-17), como momentos que podem gerar experiências de transcendência, na medida em que causam o envolvimento do ser humano com o outro (ou com o que não é só dele). Nessa ligação, o ser humano se liberta do que o aprisiona em sua própria realidade e em si, ou seja, ele transcende, preenchendo-se de sentido e do sentimento de enlevo, de êxtase (idem, p. 18). Esse é o sentimento que se atribui, comumente, a algo ou alguém que é ‘de outro mundo’, justamente porque faz o homem sair de seu mundo, de sua realidade, para se libertar dela, romper com ela e, por fim, ampliá-la.

Por isso, para Boff (2000), a experiência de transcendência só tem validade se leva o ser humano de volta à imanência, potencializado para vivê-la. Ou seja: mais uma vez, reforça-se a ideia de que imanência e transcendência não são opõem, mas se complementam:

Precisamos compreender e assimilar em nossas atitudes que não é só poeticamente que habitamos o mundo, quer dizer, com enlevo, transfiguração e alegria, mas também habitamos o mundo prosaicamente, vale dizer, com sua opacidade, com seus limites e seu enraizamento inevitável. Dessa situação objetiva nenhuma droga nos liberta, só uma existência que saiba equilibrar transcendência e imanência como dimensões de toda existência humana (BOFF, 2000, p. 20).

No caso do cristianismo, religião proclamada por Baby do Brasil, Boff (2000) ainda explica que, por causa da pessoa de Jesus, o Deus-encarnado que vem ao mundo como bebê frágil e pobre, “o importante não é a transcendência nem a imanência. É a transparência, que é a presença da transcendência dentro da imanência” (p. 30).

Nesse trânsito de convergências entre o sagrado e o profano, nos palcos e na vida cotidiana, soma-se ademais o fato de que, em shows, há frequentemente a expectativa do encontro com uma espécie de entidade mística, que muitos fãs nutrem em relação aos músicos quando vão a espetáculos musicais, tanto é que o chamam de ídolos (SOARES, 2014). Ídolo, de acordo com o dicionário Michaelis (2017), pode se referir a uma “estátua, figura ou imagem que representa uma divindade e que é objeto de adoração”.

É no espaço ambivalente do palco, portanto, secular e religioso, que Baby carnavaliza e cristianiza, ao mesmo tempo, colocando em prática sua antropofagia – atitude que é estendida, por consequência, às entrevistas e declarações que dá à imprensa.

A simultaneidade da hibridização fica clara, por exemplo, quando Baby afirma que foi Deus, o Deus da fé evangélica que atualmente professa, quem a inspirou a escrever canções que compôs na época em que cantava com os Novos Baianos ou em sua fase solo, haja vista a já citada resistência e, muitas vezes, objeção da cultura evangélica quanto a músicas seculares. Em um programa da Rádio Educadora FM<sup>6</sup>, do estado da Bahia, a cantora declarou que a canção *Sem pecado e sem juízo*, do refrão: “*Tudo azul, Adão e Eva no paraíso / Tudo azul, sem pecado e sem juízo*” (CONSUELO e GOMES, 1985), é uma música gospel feita por ela e por Pepeu Gomes “há muito tempo”.

Da composição dessa canção até o primeiro cd gospel lançado por Baby do Brasil, quinze anos se passaram e, em relação à conversão da artista em uma igreja evangélica, quatorze anos. Os diferentes períodos de sua carreira e vida, no entanto, não se constituem em problema para a cantora, já que a partir das referências ao universo do sagrado, encontradas em suas mais diversas fases, Baby consegue remodelar os discursos que midiaticizou antes de sua conversão, dando a eles um verniz cristão. E mais que isso: é a partir dessas referências que a artista pode construir as narrativas sobre seu momento atual, justificando, de alguma maneira, sua turnê “gospel” com repertório de música popular brasileira.

Reforça-se aqui que, ao olhar para essa conjuntura, de acordo com os objetivos dessa pesquisa, o caminho trilhado é o da compreensão, que não aceita tudo ingenuamente, mas complexifica análises, importando mais o *como* acontece do que o *que* acontece:

Compreender o outro, nesse sentido, é tentar ver nele a mesma complexidade que reivindicamos para nós, e suportar a mesma falta de lógica, de coerência e de sentido da qual damos mostra. Não deixa de ser paradoxal: no cotidiano, muitas vezes exige-se da alteridade uma coerência linear que o eu é incapaz de oferecer – o outro deve ser racional, coerente, claro, linear e bem resolvido; o eu pode ser fragmentário, afetivo, passional, não linear (MARTINO, 2014, p. 31).

Somente por meio da compreensão é que é possível conjugar o gospel de Baby com sua face secular. É compreendendo que se pode unir declarações da artista que a princípio parecem contraditórias, como a de que Deus lhe permitiu realizar a turnê para “santificar uma geração” (ou seja, santificar o público das músicas seculares, não religioso) com a de que sua

---

<sup>6</sup>Especial das Seis: A Menina Ainda Dança (Baby Sucessos) – Baby do Brasil  
<http://www.irdeb.ba.gov.br/educadora/catalogo/media/view/7953>. Acesso em: 14 de março de 2017.

intenção não é evangelizar ninguém, conforme disse à revista Rolling Stone: “a ideia não é chegar pra falar de Deus. (...) Mas tem momentos que escapa, coisas que saem da minha boca sem a menor pretensão, tipo: ‘Aí, é tão bom poder andar com Deus sem ser careta!’”. O show não tem essa pretensão de virar um culto (...)” (VELOSO, 2013).

As declarações durante os shows, as entrevistas, bem como os gestos e expressões típicos de show gospel, as letras de músicas alteradas misturadas às partes não alteradas, tudo isso compõe a narrativa da cantora sobre quem ela é, enquanto artista da música popular brasileira, enquanto pastora de uma igreja evangélica, enquanto personagem midiática. É na narrativa tecida por Baby que o processo antropofágico ganha materialidade, levando a esfera do sagrado para a esfera do profano e vice-versa.

Mas esta antropofagia, localizada na narrativa de Baby, aponta ainda para a necessidade de aprofundamentos sobre a linguagem que a artista utiliza nesse processo de junção de mundos distantes, com ênfase na utilização do humor e na construção dialógica do narrar, a fim de um entendimento mais ampliado a respeito do modo pelo qual a artista transita entre o gospel e o secular.

### 3.4 A alegria é a prova dos nove

No Manifesto Antropófago, por duas vezes, Oswald de Andrade escreve: “a alegria é a prova dos nove” (1976), indicando, através da referência à operação matemática que comprova se uma conta foi feita corretamente, que a presença do humor atesta a antropofagia, o que nos remete, novamente, à carnavalização de Bakhtin (1987), profundamente enraizada, como exposto, no seio da cultura popular da Idade Média, cultura esta essencialmente cômica.

Baby do Brasil faz, com abundância, utilização do humor em suas apresentações e entrevistas, no processo carnavalesco-evangelístico até aqui apontado.

No programa Sarau<sup>7</sup>, do canal de televisão por assinatura Globonews, que foi ao ar quatro meses após o show que daria início à turnê Baby Sucessos, a cantora conversa com o apresentador Chico Pinheiro sobre as mudanças de nome pelas quais já passou. É ela quem introduz a temática de sua fé, após o jornalista dar fala à artista, ao dizer: “*E agora é Baby do Brasil...*”. Baby responde: “*e na próxima, lá no céu, escrito numa pedrinha na mão e escrito na testa da gente o nosso novo nome*”. Chico pergunta: “*E qual vai ser o seu novo nome?*”. Baby continua: “*Ah, tá lá em Apocalipse*”. O entrevistador repete: “*Qual vai ser seu novo nome?*”. E Baby: “*I don't know, mas eu acho que vai ser maravilhoso!*”. Ao dizer

---

<sup>7</sup> Baby do Brasil e Pedro Baby se apresentam no Sarau (Parte 1 de 2). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=YO\\_Y-iIwiLU&t=1253s](https://www.youtube.com/watch?v=YO_Y-iIwiLU&t=1253s). Acesso em: 14 de março de 2017.

“maravilhoso”, Baby se agarra ao microfone e distorce um pouco a voz, segurando a sílaba “lho” por um tempo maior, em um artifício para enfatizar a qualidade do adjetivo que utilizou. Ao terminar de dizê-lo, Baby solta o microfone e vira seu rosto em direção a Chico Pinheiro, soltando uma gargalhada.

Aos 32 minutos da entrevista que concedeu a Marília Gabriela em seu programa, De Frente com Gabi<sup>8</sup>, cinco meses após o show que marcou o retorno de Baby do Brasil aos palcos seculares, a jornalista pergunta se a cantora ainda acredita em discos voadores. Baby responde: *“Lembra? Lembra? Eu descobri tudo que era aquilo. Tudo aquilo eu descobri”*. Marília questiona: *“E o que era?”*. Baby explica: *“Porque daquela época que a gente fez aquela entrevista célebre sobre aquilo, é, eu não parei, eu continuei mergulhando, eu aprendi a vagar, sabe? Profundamente, e fui. E descobri todo o lado maligno e todo o lado de Deus... na parada”* – Nesse momento, Baby diz “parada” com uma entonação diferente da que vem utilizando, mais pausadamente, como se quisesse destacá-la e, em seguida, dá uma risada e prossegue: *“entendeu? Então descobri que essas manifestações são luciféricas, todas amarradas e repreendidas in name of Jesus”* – Nessa parte, a partir de “todas amarradas”, Baby começa a rir ao mesmo tempo em que pronuncia as palavras.

Ao falar sobre sua volta à música secular para a TV Estadão<sup>9</sup>, também quatro meses após o show de estreia da turnê, Baby narra uma mensagem que ouviu do Deus que cultua: *“Até que chega, no meu coração, um aviso: ‘olha, vai chegar um convite, vai chegar um convite’. E de repente eu recebo um convite do meu filho na mesma hora. E como eu sou muito, assim, tudo meu é: ‘e aí, Papai? É isso mesmo?’. Eu sou bem matrix, tá? Bem matrix, tá? Eu não tomo droga, não queimo fumo, mas sou muito mais louca do que todo mundo pode pensar – Baby ri ao falar “pode pensar” – “entendeu?” – e continua rindo, acompanhando o jornalista, oculto no vídeo, que começa a gargalhar depois que Baby diz que é “muito mais louca”. Após a parada, finaliza já sem rir: “então eu fui lá e falei ‘Deus, isso é de Ti? Qual é?’. E Ele começou a confirmar que eu tinha que aceitar o convite do meu filho...”*

Conforme adiantado na Introdução deste trabalho, “a comicidade costuma estar associada ao desnudamento de defeitos, manifestos ou secretos, daquele ou daquilo que suscita o riso” (PROPP, 1992, p. 171), o que não significa que esses defeitos sejam, em todos os casos, depreciativos. O defeito, em si, é o erro, a quebra do padrão, o que está fora de lugar. É por isso que trocadilhos, por exemplo, criam o efeito do cômico em muitas piadas.

<sup>8</sup> De Frente Com Gabi - Entrevista a cantora e pastora Baby do Brasil - Completo 13.03.13. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=sIW9\\_kKOrDo&t=1920s](https://www.youtube.com/watch?v=sIW9_kKOrDo&t=1920s). Acesso em: 15 de março de 2017.

<sup>9</sup> Não deixei de ser a pessoa que sou', diz Baby do Brasil. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Ih1yMV\\_GhJs](https://www.youtube.com/watch?v=Ih1yMV_GhJs). Acesso em: 15 de março de 2017.

No caso de Baby do Brasil, nas cenas descritas acima, o humor aparece não só por um modo de falar que a cantora tenha utilizado e que tenha feito com que sua enunciação ficasse engraçada, mas também pelo conteúdo comunicado: suas expressões vindas do vocabulário gospel no meio de entrevistas para pessoas não declaradamente religiosas, em ambientes seculares e em contextos temáticos não necessariamente, a princípio, interessados em sua fé. Dito de outro modo: são palavras erradas, para pessoas erradas, em lugares e em contextos errados. Dessa forma, para Baby, conscientemente ou não, o humor não é somente provocado por todos esses “erros”, mas é também um modo de inseri-los em sua narrativa. Como se aprende com Bakhtin (1997, p. 374), “o riso levanta as barreiras, abre o caminho. O riso alegre, aberto, festivo. [...] O riso proporciona a aproximação e a familiaridade”.

Se não em teoria, Baby do Brasil parece, ao menos na prática, conhecer muito bem essa função do humor. Em entrevista a Zé Maurício Machline no programa Por Acaso no Rival<sup>10</sup>, gravado em dezembro de 2016 – quando a turnê Baby Sucessos já havia se encerrado, mas válido como exemplo por se tratar das mesmas narrativas – a cantora responde, aos 19 minutos do quarto bloco, sobre o fato de declarar que está sem fazer sexo há 18 anos: “*É porque eu sou pastora também, eu sou uma popstora né, vamos brincar assim*”. Zé Maurício interrompe: “*O que você é?*”. Baby: “*se não, não fica engraçado*”. Zé Maurício: “*Não entendi, o que você é?*”. Baby: “*é e, como eu sou pastora, e o lado meu pastora é muito louco, então é uma popstora*” – Baby dá uma pausa e abre um sorriso, Zé Maurício solta uma risada e a artista prossegue: “*Porque, né, eu não vi nas Escrituras nunca Jesus falar: ‘venha pra minha religião’, não tem isso, não é isso, mas o termo pastora, que é complicado hoje, inclusive, tudo bem, eu não to nem aí porque todo mundo já conhece minha voz, continuo a mesma, os meus cabelos violetas e por aí vai, tipo assim, então eu brinco do popstora pra cortar aquela caretice, pra ficar uma coisa bem matrix*”. Só então, efetivamente, Baby começa a responder ao primeiro questionamento do entrevistador, sobre sua vida sexual.

É possível entender que o humor em Baby do Brasil, assim, não está presente apenas quando a cantora ri ou provoca risadas em seu público ou em seus entrevistadores, mas também nos termos que a artista utiliza, bem como nas afirmações sobre ser maluca, louca, *matrix*. Ao fazer uso dessas e de outras expressões que expressam certa comicidade e irreverência, como “no céu não tem bunda mole, só casca grossa” (ROCHA, 2014), Baby demonstra ter clareza de para quem dirige sua fala, na construção de sua narrativa.

---

<sup>10</sup> Por Acaso no Rival – Baby do Brasil e Maria Gadú (Parte 4/5). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WBHIZwMVuwk>. Acesso em: 15 de março de 2017.

É disso que trata Bakhtin (1997) ao falar sobre como se dá a construção dialógica dos enunciados, uma vez que “a relação dialógica é uma relação (de sentido) que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal” (p. 345) e que cada enunciado:

está voltado não só para o seu objeto, mas também para o discurso do outro acerca desse objeto. [...] Repetimos, o enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal e não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, por fora e por dentro, e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica. Entretanto, o enunciado está ligado não só aos elos que o precedem mas também aos que lhe sucedem na cadeia da comunicação verbal. No momento em que o enunciado está sendo elaborado, os elos, claro, ainda não existem. Mas o enunciado, desde o início, elabora-se em função da eventual reação-resposta, a qual é o objetivo preciso de sua elaboração. O papel dos *outros*, para os quais o enunciado se elabora, como já vimos, é muito importante. [...] Todo enunciado se elabora como que para ir ao encontro dessa resposta. O índice substancial (constitutivo) do enunciado é o fato de *dirigir-se* a alguém, de estar voltado *para o destinatário* (ibidem, p. 320).

Em sendo dessa forma, é preciso assinalar, ainda, que esses procedimentos comunicacionais utilizados por Baby do Brasil ao transitar entre o gospel e o secular se dão em ambiente midiático, com o qual, cada vez mais, religião e religiosos se articulam.

A esse processo se dá o nome de mediação da religião, conforme a definição de Martino (2016, p. 38): “a mediação da religião pode ser entendida como a articulação de características dos meios de comunicação, com sua linguagem, seus códigos, seus limites e possibilidades de construção de mensagens nas práticas, formações e instituições religiosas”.

Nas palavras de Miklos (2015, p. 3458):

O que é discutido no campo da mediação do campo religioso envereda pelo fato de que só se pode evangelizar, atualmente, se for compreendido que a ideia de comunicação evoluiu com o passar das gerações, mudando seus conceitos, formas de linguagens e os demais processos que constroem a teia de ambiências em que vivemos.

No caso de Baby, está claro que a linguagem das mídias e o ambiente midiático vêm antes, na vida da cantora, que a linguagem evangélica e o ambiente religioso. O que importa, assim, é compreender – diante do identificado sobre a narrativa da artista ser construída e realizada de modo carnavalesco, antropofágico, humorístico e dialógico – de que forma esses processos se constituem em linguagens também apropriadas pelas mídias e de que modo contribuem, dessa maneira, para a visibilidade de Baby do Brasil, em especial de suas narrativas cristãs, nas mídias:

Tanto a religião quanto a mídia têm uma característica intrínseca às duas, que é exatamente o proselitismo, ou seja, a tentativa incessante de converter o outro a elas, ou seja, sempre aparecem interessantes e sedutoras como um oásis no meio do deserto esperando por aqueles que anseiam saciar suas sedes. Unindo a religião e a mídia, tem-se a fórmula para aumentar os seus campos de atuação, tanto pelos mais tradicionais (rádio e televisão) quanto os mais atuais (ibidem, p. 3495).

É o que se passará a investigar no capítulo a seguir.

## **4 NARRATIVAS SOBRE BABY DO BRASIL**

### **4.1 A prática jornalística e o que se pode apreender das notícias**

No percurso trilhado até aqui, buscou-se compreender como se constituem e como se relacionam os textos culturais existentes na narrativa de Baby do Brasil e a seu redor, além de entender os artifícios comunicacionais utilizados pela cantora na construção de sua narrativa. A partir dessas percepções é possível, agora, adentrar o campo das narrativas midiáticas realizadas não mais por Baby do Brasil, mas sobre a artista. Nesse trabalho, especificamente, o propósito é analisar as narrativas presentes em publicações jornalísticas.

Neste primeiro momento se atentará às especificidades da prática jornalística, a fim de entender os critérios utilizados pelas imprensas para definir de que modo e o quê deve ser publicado, bem como suas relações com os significados articulados em várias instâncias da sociedade, de modo a produzir determinadas visões de mundo e suas representações.

O fazer jornalismo envolve uma ampla gama de fatores que atuam na seleção e no tratamento dos fatos veiculados, denominados de critérios de noticiabilidade. Entre eles, está o cânone da cultura jornalística, que marca determinados acontecimentos da vida social como noticiáveis e que serve de guia à grande mídia (SODRÉ, 2009); as características do fato, bem como a qualidade do material com o qual terá de se trabalhar, sejam imagens ou textos (SILVA, 2005); as rotinas de produção e organização do trabalho (FONSECA, 2010); as relações dos jornalistas com suas fontes (SILVA, 2005); as subjetividades e os julgamentos pessoais do jornalista, tanto quanto de suas audiências, de atores sociais que extrapolam o campo jornalístico e de públicos específicos atentos às cenas do espaço público (SODRÉ, 2009); e, ainda, fatores econômicos, políticos, éticos, históricos e sociais que interferem nas possibilidades oferecidas e limitações impostas em cada corporação midiática (SILVA, 2005).

As características do fato são chamadas de valores-notícia. Definido por Sodré (2009, p. 21) como “suposto critério lógico de interesse tanto para o leitor como para o jornalista”, o valor-notícia é um atributo que, segundo Gislene Silva (2005, p. 97), orienta “principalmente a seleção primária dos fatos”, interferindo também “na seleção hierárquica desses fatos na hora do tratamento do material dentro das redações” (ibidem). Segundo a autora, os valores-notícia não apenas servem à percepção de fatos noticiáveis; mais que isso, constituem-se “referências para a operacionalidade de análises de notícias” nos estudos sobre publicações jornalísticas, “permitindo identificar similaridades e diferenciações na seleção ou hierarquização de acontecimentos em diversos veículos da imprensa, e possibilitando percepções históricas e culturais sobre o processo produtivo das notícias” (idem, p. 100).

Inúmeros são os estudos que buscam elencar a diversidade de valores-notícia existentes na prática jornalística, os quais atuam ou deixam de atuar dependendo, ainda, do local em que este ocorre, “do nível de reconhecimento social das pessoas envolvidas, das circunstâncias da ocorrência, da sua importância pública e da categoria editorial do meio de comunicação” (SODRÉ, 2009, p. 21-22). Daí pode-se apreender que os valores-notícia são interdependentes, não somente dos demais fatores que operam como critérios de noticiabilidade, mas de outros valores-notícia que uma mesma ocorrência contenha ou não.

Gislene Silva (2005) sugere, por exemplo, a existência de macro-valores-notícia, sem os quais os então micro-valores-notícia nem chegariam a ser como tais. Seriam eles: “atualidade (novidade), interesse, negativismo, imprevisibilidade, coletividade e repercussão” (p. 103), bem como alguns de seus opostos: otimismo, individualidade e previsibilidade. Dessa forma, para Gislene Silva (2005), os macro-valores-notícia não formam um conjunto fechado que funciona simultaneamente, mas agem como pré-requisitos, em combinações entre si ou isoladamente, para que outros fatores sejam considerados, dentro dos fatos, como valores-notícia. As divisões da autora, para além da classificação técnica destinada a análises, permitem enxergar ainda a quebra de um conceito comum quando se indica o que deve ser noticiado: o inesperado, “o excepcional em relação ao comum, o desvio em relação à norma” (BENETTI, 2010, p. 145). Essa separação, da imprevisibilidade como valor-notícia e não como característica inerente a todo noticiado, também é afirmada por Sodré (2009): “a ruptura de um ordenamento não é o critério geral suficiente para a marcação de um fato” (p. 94).

Apesar da imprevisibilidade, “a ruptura de um ordenamento”, ser apenas um valor de noticiabilidade dentre tantos, a ação revelada por ela caracteriza, então sim, toda notícia. No entanto, não se trata da ação que irrompe inesperadamente em um fato novo, mas da presente na estrutura que organiza a publicação jornalística: “a transição de um estado a outro”, em que “atores são agentes que realizam ações” (BAL, 2000 apud SODRÉ, 2009, p. 203). Essa estrutura é própria das narrativas e compreende ainda outras características dela, como a existência de um narrador, de um tempo-espço e ambiente, de personagens e de um enredo. Como ensinam os autores Monica Martinez, Arquimedes Pessoni, Míriam Cristina Carlos Silva e Vasco Ribeiro (2017, p. 207), “tais elementos estão presentes em todas as formas de narrativa, independentemente, de serem ficcionais, históricas ou jornalísticas”. Sodré (2009) ensina que “o esquema básico de uma sequência narrativa é algo como: *situação inicial – complicação – reação – resolução – situação final – avaliação ou moral da história*” (p. 204) e que “também no jornalismo se concretiza esse modo de organização” (idem, p. 205). O autor, porém, explica que a semelhança entre a estrutura da notícia e a estrutura da narrativa

não deve fazer entender que toda publicação jornalística se configura “como uma história narrada (com princípio, meio e fim)” (SODRÉ, 2009, p. 26), mas sim que os elementos da narrativa atuam “como indicadores de campos problemáticos da experiência” (ibidem). Assim, “uma notícia sobre as negociações de governo com representantes do Fundo Monetário Internacional sobre a dívida externa” não se constituem como narrativa em seu formato clássico, mas “como situação problemática ao modo de um enredo” (ibidem).

Além de a notícia organizar-se com a mesma estrutura das narrativas, é possível afirmar que ela é, enquanto tal, ontologicamente, uma narrativa. O teórico alemão Walter Benjamin (1994) ensina que narrador é aquele que tem a capacidade de articular experiências, retirando “da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” (p. 201). Esse conceito, como se verá adiante, embasa a compreensão do jornalismo enquanto narrativa, embora com diferentes entendimentos sobre o que é uma experiência. Não se pode ignorar, entretanto, a fim de que não se distorçam conceitos, que o próprio autor não faz essa afirmação. Pelo contrário, inserido em um contexto histórico de pós-guerra e tendo como referencial os sintomas traumáticos daquela época, Benjamin (1994) entende que os jornais não teriam essa habilidade de narrar:

[...] as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo. Basta olharmos um jornal para percebermos que seu nível está mais baixo que nunca, e que da noite para o dia não somente a imagem do mundo exterior, mas também a do mundo ético sofreram transformações que antes não julgaríamos possíveis. Com a guerra mundial tornou-se manifesto um processo que continua até hoje. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca (p. 198).

Sodré (2009) explica que além do entendimento de que a transmissão de saberes através da oralidade é superior à forma escrita (p. 184-185), a crise em Benjamin se dá pela “possibilidade de organização integral da experiência numa forma narrativa” (idem, p. 186), já que para o autor alemão a palavra experiência designaria não a surpresa, “nem o extraordinário, mas aquilo que, em toda ação cotidiana, revela-se como constituinte ou originário” (idem, p. 177) do mundo. Ao narrá-la, portanto, se transmitiria sabedoria, conselhos tecidos na “substância viva da existência” (BENJAMIN, 1994, p. 199). Por isso, Sodré (2009, p. 186) afirma que “a banalidade da existência cotidiana de hoje não constitui mesmo experiência no sentido que lhe atribui Benjamin, nem consegue traduzir-se em narrativa, na acepção de relato denso da autoridade. Seu lugar é, assim, a informação ou o

jornalismo”. Mesmo que não seja o mesmo tipo de experiência de que fala o filósofo alemão, Sodré (2009) entende que a “narrativa assimilada à ‘faculdade de intercambiar experiências’ [...] equivale na concepção de Benjamin à ideia genérica de comunicação” (p. 180). Conseqüentemente, pode-se entender o jornalismo como narrativa, dado a essência comunicativa da prática jornalística: “ação de pôr em comum, por recursos simbólicos de mediação e vinculação, o que existencialmente não deve permanecer isolado (portanto, como uma partilha discursiva das possibilidades de compreensão)” (idem, p. 180-181). Nas palavras de Míriam Cristina Carlos Silva (2013, p. 5):

Ao atualizar os conceitos de Benjamin sobre o narrador, o que se pode perceber no caso do narrador contemporâneo [...] é que a importância do narrar e do narrador, seja em qualquer tempo, está no fato de que a partir das narrativas o homem consegue explicitar, reviver, transformar e criticar o seu próprio viver. E este narrar, na atualidade, faz uso das muitas mídias que se encontram à disposição de um número cada vez maior de usuários e fruidores.

No processo de “pôr em comum [...] o que existencialmente não deve permanecer isolado” (SODRÉ, 2009, p. 180-181), no entanto, o jornalismo deixa lacunas e é capaz de produzir silenciamentos. Fatos de indiscutível interesse público podem passar despercebidos ou mesmo ser ignorados pelas redações dos jornais. Um dos motivos para isso seria a ausência, nesses fatos, de um dos macro-valores-notícia apontados por Gislene Silva (2005), a novidade, conforme a visão de Benetti (2010):

Grandes fenômenos sociais, cujo interesse público não poderia ser questionado sem constrangimento, geralmente não têm lugar no jornalismo porque se estabeleceram, historicamente, como invariantes. São os casos da fome, das desigualdades e das injustiças sociais, que contemporaneamente costumam ser percebidas como “parte do sistema”. Dito de forma crua, são fatos cnicamente percebidos como ordinários ou comuns e que, por isso, não alcançam os requisitos que lhes permitiriam ocupar o estatuto de acontecimento jornalístico (p. 146).

Apesar disso, é necessário não esquecer que dentre os macro-valores-notícia elencados por Gislene Silva (2005), nenhum é pontuado pela pesquisadora como critério indispensável a toda notícia. Assim, em consonância com a ponderação de Sodré (2009), “não só os meios de informação costumam deixar de lado novidades realmente importantes para a vida social, como também captam apenas o ‘novo’ compatível com o seu quadro de referência” (p. 94).

Um exemplo desse quadro de referência é a cobertura jornalística sobre religiões. Como afirma Cunha (2016b), as grandes mídias brasileiras não noticiam fatos relacionados às diversas religiões de modo igualitário e focam principalmente no cristianismo. Ainda assim,

falha em percepções ao cobrir “especialmente o catolicismo romano institucionalizado. Esta perspectiva silencia notícias sobre outras religiões, bem como aquelas sobre outros cristãos, em especial pentecostais, aqueles em maior evidência no quadro religioso do país” (p. 10).

Furtado e Woitowicz (2016) acrescentam que:

Como a pauta jornalística exige o cumprimento de determinados critérios de seleção, o jornalismo oferece um tipo de recorte orientado pela compreensão do que é importante ou interessante, o que nem sempre está em sintonia com as demandas do campo religioso. A ausência de um tipo de especialidade acaba por selecionar como notícia, em sua maioria, assuntos que envolvem figuras proeminentes, questões de ordem política e econômica ou mesmo escândalos relativos a instituições religiosas. Assim, como prática cultural, a religião acaba por ficar de fora do conteúdo jornalístico dos veículos.

O acontecimento jornalístico, dessa maneira, embora o contenha por ser uma representação social deste, não se confunde com o fato – “conceito para objetos cuja realidade pode ser provada” e “espaço disponível ao observador para atribuição de algum sentido à ocorrência” (SODRÉ, 2009, p. 33) –, tampouco se confunde com os valores-notícia e os demais critérios de noticiabilidade que o levaram a ser transformado em acontecimento jornalístico, apesar da possibilidade de revelá-los em sua leitura. Como esclarece Míriam Cristina Carlos Silva (2013, p. 9), “os meios de comunicação são produtores de visibilidade. O jornalismo é o responsável por retirar da superabundância dos fatos do mundo, invisíveis, aqueles que virão à tona, que ganharão existência como acontecimento”.

Com isso, entretanto, a autora não quer dizer que o jornalismo tem o poder único de criar os acontecimentos. Como lembram Berger e Tavares (2010, p. 122), há “no mínimo dois ‘tipos de acontecimentos’, o acontecimento experienciado no cotidiano e o acontecimento jornalístico”. E como aponta Meditsch (2010, p. 38), “por mais elementares, consensuados e evidentes que sejam os fatos, ainda assim tratam-se de construções humanas” e, bem por essa razão, “a relação entre jornalismo e acontecimento se dá dentro de um processo maior de construção social da realidade e é condicionada por este processo maior” (idem, p. 19). É dentro desse contexto que se pode compreender a afirmação de Míriam Cristina Carlos Silva (*cf. supra*), que vai ao encontro do que atesta Sodré (2009, p. 38) ao diferenciar o social do público:

Mas quando se trata de sua inscri o no espaço público, a m dia aparece como o dispositivo de conversão do social ao público, já que a midiatiza o   hoje o processo central de visibiliza o e produ o dos fatos sociais na esfera pública. Por isto, o enquadramento midiático   a opera o principal pela qual se seleciona, enfatiza e apresenta (logo, se *constrói*) o acontecimento (SILVA, 2013, p. 9).

Apesar de ainda existir, conforme Martinez (2016, p. 83) “no jornalismo noticioso ou convencional uma visão de neutralidade possível, típica do século 19, no qual se atribui ao jornalista uma presumida capacidade de análise imparcial”, uma intenção de objetividade no relato de acontecimentos que obrigatoriamente precisam ser verídicos, no sentido de serem reais-históricos, ou factuais, nos termos de Sodré (2009), é necessário recordar que é muito mais complexa do que parece a “operação cognitiva suposta no reconhecimento e relato dos fatos, já que a identificação de ‘desvios’ tanto quanto a de ‘significação social’ não é dada naturalmente, mas historicamente construída” (MEDITSCH, 2010, p. 38).

Nessa rede de construções de significados atuam, como já dito, linhas editoriais e políticas das corporações de mídia, subjetividades e conhecimentos do jornalista, mas também “o diálogo permanente com os demais atores sociais” (idem, p. 41). Por isso, de acordo com o autor, entender a instância do senso comum, por exemplo, “é fundamental para compreender os processos cognitivos envolvidos na comunicação jornalística e a participação do jornalismo na produção dos acontecimentos” (idem, p. 36).

Acrescenta-se ainda que, nas relações que o jornalismo articula entre suas próprias percepções e as percepções externas, entre seus próprios interesses e o interesse público, operam também o que se julga como interesses do público. Míriam Cristina Carlos Silva (2013) explica que no processo de produção da notícia “figura a aceitação da audiência, ou seja, há a opção por se ofertar aquilo que o público deseja saber” (p. 7). Portanto, não se noticia “apenas aquilo que é importante para a sociedade, mas também aquilo em que o público acredita como algo importante” (ibidem).

Nesse mesmo sentido, e apontando para a questão mercadológica de que todo jornal é um produto à venda, seja qual for o modelo de negócio em que está inserido, Aguiar (2008) indica o entretenimento “como um valor essencial para a construção da notícia e para manter o interesse do público-leitor pela mercadoria ‘informação’” (p. 16). O autor afirma ainda que o entretenimento, como estratégia de vínculo com o leitor, é o responsável pela veiculação de notícias como as que versam sobre “comportamento, interesse humano, programas de televisão, filmes, música, moda, previsão do tempo e esportes” (AGUIAR, 2008, p. 17).

Por essa razão é possível encontrar, também, características que convergem para o entretenimento enquanto valores-notícia nas publicações jornalísticas, como as dos exemplos dados por Míriam Cristina Carlos Silva (2013): o bizarro, o curioso, o excêntrico. Além dessas, há aquelas que apresentam traços de humor, conforme observado por Erbolato (1991), autor lembrado por Gislene Silva (2005, p. 102).

As observações de Aguiar (2008) confluem para o que apontam Felipe Simão Pontes e Gislene Silva (2010), ao esclarecerem que o entendimento da factualidade como princípio do acontecimento jornalístico não deve apontar para uma abordagem ingenuamente realista, em que os fatos acontecem fora da esfera midiática e o papel do jornalismo é representá-los de forma fiel, o que corrobora as compreensões apresentadas até aqui. Os autores introduzem, para tanto, o conceito de pseudo-acontecimento, exemplificado em “fatos criados por celebridades, autoridades, empresas ou instituições com intenção de se manterem presentes na mídia” (p. 54). Seriam também pseudo-acontecimentos aqueles “que a imprensa provoca, quando cria situações artificiais para ter o que contar”, como “quando é preciso prender a atenção do leitor, telespectador ou ouvinte enquanto se aguarda informações novas vinculadas a um acontecimento jornalístico em andamento” (ibidem).

A convergência de ideias acontece, assim, igualmente com o que Míriam Cristina Carlos Silva (2013) diz a respeito dos interesses do público. Segundo a autora, a oferta do que o público deseja saber pode também “atender ao interesse das próprias mídias, ao gerar repercussões, produzindo ainda mais notícias” (p. 7).

Dessa forma, o jornalismo se tensiona e se flexiona entre visões de mercado (e consequentemente de práticas de entretenimento), e aquelas que alimentam o ideal ainda vivo da imparcialidade e isenção, pois como diz Resende (2011, p. 120):

O jornalismo legitimou uma linguagem que, também pontuada por números e dados estatísticos, visa ao esforço de apagamento, tanto quanto possível, de marcas de enunciação. Uma instância eminentemente discursiva, como é o caso do jornalismo, atravessada fortemente por um viés tecnicista e que busca cumprir o desejo da evidência – próprio da ciência cartesiana –, funda seu alicerce na retórica da verdade, fazendo-se, ao mesmo tempo, devedora de uma suposta realidade do acontecimento. É por este viés que foram tecidos seus marcos teóricos basilares, muitos dos quais ancoram estudos que não dão conta do discurso – e menos ainda da narrativa – como dilema da linguagem.

Serelle (2011, p. 146) acrescenta que, “a princípio, os efeitos do entretenimento são contrários àqueles pretendidos pela narrativa jornalística, que são os de vinculação do leitor ou espectador com o mundo ali narrado”. O autor explica que para teóricos como Luhmann (2005), o entretenimento possui uma leveza responsável por “instaurar, ao modo da ficção, um mundo entre parêntesis, que proporciona a autonomia do universo narrado em relação à realidade imediata e a possibilidade *fantasiosa* de os sujeitos experimentarem identidades, livres de qualquer carga ou necessidade de comprometimento” (SERELLE, 2011, p. 146).

Da prática do jornalismo ao estudo de suas práticas, Benetti (2010) considera que de maneira epistemológica, ou seja, enquanto objeto do conhecimento, o jornalismo pode ser, ele mesmo, alçado à condição de acontecimento, à medida que reproduz sistematicamente certos “temas, enfoques e sentidos” (p. 162). No pensamento da autora, considerando-se todas as audiências que um jornal é capaz de alcançar, é possível perceber com nitidez a diferença entre senso comum e consenso, termos que muitas vezes são interpretados como sinônimos:

Tendo grande poder institucional, ancorado nas posições de autoridade, legitimidade e credibilidade, o jornalismo investe-se de um caráter experiencial, dado pelo compartilhamento do momento histórico e pela organização do tempo, além de atribuir sentidos a objetivações que parecem consensuais, mas deveriam ser tratadas apenas como hegemônicas ou mesmo tendenciais (BENETTI, 2010, p. 162).

A esse estado de acontecimento do jornalismo, Felipe Simão Pontes e Gislene Silva (2010) denominam meta-acontecimento, pois “o acontecimento narrado já não é o mesmo acontecimento primeiro” e possui “uma narratividade que se dá em outra temporalidade” (p. 55). Dessa forma, os autores também afirmam que “o jornalismo é uma narrativa. Mesmo que narre elementos não ficcionais, ele organiza os fatos sob o formato de uma história e apresenta traços que identificam qual tipo de história está contando” (idem, p. 59).

De posse das compreensões acima expostas, prossegue-se aos objetivos deste trabalho, na busca por apreender que tipos de histórias se contaram a respeito das histórias contadas por Baby do Brasil, especialmente em sua transição da música gospel à música secular.

#### **4.2 Narrativas sobre Baby do Brasil: o método da análise de conteúdo**

Como vimos, o jornalismo é produtor de visibilidades, mas também de silenciamentos, em uma rede de agenciamentos ou apagamentos na qual atuam diversos interesses, valores de noticiabilidade e atores da vida social, sem que haja um padrão único que agregue a prática das muitas imprensas existentes. Por meio da observação das representações presentes nos jornalisismos, em intencional plural, é possível identificar pensamentos hegemônicos de uma sociedade, mas também grupos de resistência ou com visões de mundo outras, em uma ampla gama de níveis de abordagens para as quais também colaboram múltiplos fatores. Assim, não é possível afirmar de que modo os vários jornalisismos tratam determinado assunto sem que, antes, seja realizada uma análise metodológica das publicações veiculadas.

Para esse objetivo específico, tendo como base o arcabouço teórico construído até aqui, o método escolhido foi o da análise de conteúdo (BARDIN, 2011), realizada – por meio dos programas Word e Excel, como se verá adiante junto a detalhamentos sobre critérios no

recorte de análise – em matérias veiculadas de 11/2005 a 10/2012 (quando Baby do Brasil dedicou-se à música gospel) e de 11/2012 a 10/2015 (quando a cantora retornou aos palcos seculares com a turnê Baby Sucessos) nos seguintes portais de notícia: [www.folha.uol.com.br](http://www.folha.uol.com.br), [www.f5.folha.com.br](http://www.f5.folha.com.br), [www.oglobo.globo.com](http://www.oglobo.globo.com), [www.musica.uol.com.br](http://www.musica.uol.com.br), [www.rollingstone.uol.com.br](http://www.rollingstone.uol.com.br), [www.gospelmais.com.br](http://www.gospelmais.com.br) e [www.gospelprime.com.br](http://www.gospelprime.com.br), que representam imprensas especializadas no universo gospel e imprensas seculares, ou seja, as que não se pautam por uma religião.

A análise de conteúdo foi norteada pelas seguintes perguntas:

- a) em que medida e de que maneira as narrativas que Baby do Brasil conta sobre si mesma aparecem nas matérias sobre a cantora?
- b) Em que medida e de que maneira o humor de Baby do Brasil aparece nas matérias sobre a cantora?
- c) Em que medida e de que maneira o trânsito entre o modo de vida gospel e a música secular aparece nas matérias sobre Baby do Brasil?
- d) Em que medida e de que maneira temas polêmicos, a exemplo de sexualidade e drogas, aparecem nas matérias sobre Baby do Brasil?
- e) Em que medida e de que maneira se relacionam, nas matérias sobre Baby do Brasil, as narrativas que a cantora conta sobre si mesma, o humor da artista, os temas polêmicos (a exemplo de sexualidade e drogas) e o trânsito entre o gospel e a música secular?

Como hipóteses elaboradas no início dessa pesquisa, supôs-se que: nas narrativas sobre Baby do Brasil realizadas pelas imprensas online, tanto de sites de notícias gerais quanto dos que cobrem somente o universo gospel, não há a apreensão de uma possível problemática em razão da mistura que a cantora faz da linguagem religiosa com as músicas de cunho não religioso; e que o humor e os temas polêmicos, enquanto valores-notícia, são os que se ressaltam e até mesmo norteiam as narrativas que essas imprensas fazem da artista.

Quanto à opção, para essa etapa do trabalho, pelo método da análise de conteúdo, em especial, deu-se por três motivos: a) porque através de “procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”, é possível obter “indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos à condição de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens” (p. 48); b) porque conforme a autora, esse método possui uma função de “administração de provas”, acionada quando existem “hipóteses sob a forma de questões ou de afirmações provisórias” que poderão ser “verificadas no sentido de uma confirmação ou de uma infirmação”, sendo utilizada, assim,

“para servir de prova” (idem, p. 35-36); e c) porque a análise de conteúdo pode cumprir, simultaneamente ou não, uma “função heurística”, pois “enriquece a tentativa exploratória, aumenta a propensão para a descoberta. É a análise de conteúdo ‘para ver o que dá’” (ibidem), possibilitando observações que não tinham sido feitas a princípio.

Assim, iniciou-se o processo metodológico através da fase de pré-análise (BARDIN, 2011, p. 125-131), que abrangeu os seguintes passos, não em ordem sequencial (idem, p. 124): leitura flutuante de matérias sobre Baby do Brasil, escolha das publicações jornalísticas a serem analisadas, formulação de hipóteses e objetivos, referenciação dos índices e elaboração de indicadores – “operações de recorte do texto em unidades comparáveis de categorização para análise temática e de modalidade de codificação para o registro dos dados” (idem, p. 130) – e preparação do material.

Da leitura flutuante de matérias sobre Baby do Brasil, especialmente as veiculadas no ambiente digital desde que a cantora voltou a aparecer com mais frequência nas mídias em razão de seu retorno à música secular com a turnê Baby Sucessos, surgiram as perguntas que posteriormente guiaram a análise, pois notou-se que, além da cobertura de shows e de relatos sobre as narrativas contadas por Baby acerca de sua volta aos palcos, alguns destaques apontavam para outros aspectos distantes da temática da música, a exemplo de declarações da artista sobre sua vida sexual, homossexualidade e legalização de drogas. Percebeu-se, no entanto, que nos espaços para comentários existentes no fim dessas matérias, a preocupação do público girava em torno da discussão sobre a legitimidade da fé evangélica vivida por Baby do Brasil, devido a um possível conflito causado pelas delimitações entre cultura gospel e música secular e, também, às misturas que a cantora faz destes dois universos.

Com relação a quais publicações jornalísticas analisar, a escolha por matérias veiculadas tanto pela imprensa gospel quanto pela imprensa secular, não guiada por uma religião, deu-se justamente em razão do trânsito da cantora entre essas culturas.

Por ter sido a plataforma em que se realizou a leitura flutuante, o ambiente digital foi definido como critério para a seleção das matérias. Foram, então, selecionados os portais nos quais se buscariam por publicações sobre Baby do Brasil: [www.folha.uol.com.br](http://www.folha.uol.com.br), dentro do qual se inclui também o site [www.f5.folha.com.br](http://www.f5.folha.com.br), por representarem o jornalismo online da Folha de São Paulo, reconhecida por sua produção nas editorias de cultura; [www.oglobo.globo.com](http://www.oglobo.globo.com), por representar um jornal do Rio de Janeiro, pela aproximação que a cidade tem com Baby do Brasil em sua trajetória artística e pessoal; [www.musica.uol.com.br](http://www.musica.uol.com.br) e [www.rollingstone.uol.com.br](http://www.rollingstone.uol.com.br), pela produção específica de notícias online sobre música; e [www.gospelmais.com.br](http://www.gospelmais.com.br) e [www.gospelprime.com.br](http://www.gospelprime.com.br), por serem os que possuem maior

alcance entre o público evangélico, tendo também sido identificados como objetos de estudo em outras pesquisas que envolviam a temática do gospel.

Nesses portais de notícia, foram buscadas matérias sobre Baby do Brasil que tivessem sido publicadas em dois períodos específicos da carreira da cantora, que abarcam as questões levantadas por esta pesquisa e permitem a realização de comparações a respeito das representações feitas pelas imprensas gospel e secular:

- a) o primeiro período compreendia, a princípio, os quase dois anos que precederam o primeiro show da turnê Baby Sucessos, começando em janeiro de 2010 e indo até outubro de 2012, considerando que, nesse período, Baby do Brasil lançou um CD gospel e se apresentou no principal circuito do carnaval de Salvador-BA em trios elétricos voltados a músicas religiosas. A busca nos portais de notícia selecionados, no entanto, apontou para algumas poucas matérias veiculadas sobre a cantora, na fase relatada como a em que se dedicou somente ao gospel, que se demonstraram relevantes para os objetivos deste trabalho, ampliando, dessa forma, o segundo período, que passou a ter início em novembro de 2005 e término em outubro de 2012;
- b) o segundo período inicia em novembro de 2012, quando Baby do Brasil se apresenta junto ao filho Pedro Baby em show que se tornou o primeiro da turnê Baby Sucessos. Fecha esse ciclo o mês de outubro de 2015, por abranger as repercussões do que pode ser considerado o auge da volta da artista à música secular, quando a cantora volta a se apresentar em uma edição do festival Rock In Rio após décadas, em show que foi eleito um dos cinco melhores do evento no ano;

Sobre a separação de matérias para análise, foi realizada uma busca pelo termo “Baby do Brasil”, entre aspas, nos sites escolhidos. Considerando os períodos de tempo descritos, foram selecionadas 91 publicações, tendo sido excluídas matérias em que:

- a) a cantora é apenas citada, seu nome ou o nome de sua turnê apenas aparecem sem nenhuma contextualização, como em listas de divulgação de shows que aconteceram em um final de semana específico, com local e horário das apresentações;
- b) não há uma representação propriamente dita da artista ao longo do texto jornalístico, apenas relatando, por exemplo, que Baby subiu ao palco em certa hora para participação em show de outro artista, cantando determinada música. A única exceção a esses critérios se deu em duas matérias publicadas sobre um mesmo fato, cada qual em um dos dois veículos de imprensa gospel com os quais se trabalhou. Nessas matérias, o nome de Baby do Brasil é apenas citado, no entanto, pelo modo como é citado, considerou-se que o trânsito da artista entre a cultura gospel e a música secular

foi um dos motivos que geraram essas duas publicações. Afora esse fator, elas entraram no escopo de matérias a serem analisadas exatamente por terem como tema principal o trânsito entre cultura gospel e cultura secular.

Quanto à referenciação dos índices e elaboração de indicadores, foram concebidos a partir dos objetivos e das hipóteses que emergiram e, também, à medida que alguns temas iam aparecendo com frequência nas matérias (BARDIN, 2011, p. 130). Dessa maneira, os seguintes índices foram julgados pertinentes para a análise das publicações:

- a) Fase de Baby do Brasil, em que se indicou qual período da carreira a cantora vivia no momento;
- b) Gênero jornalístico, em que se apontou se o texto se enquadrava em reportagem, entrevista, entre outros, a partir das definições do pesquisador José Marques de Melo, transcritas por Lailton Alves da Costa (2010);
- c) Contexto das matérias, em que se pretendeu identificar se a matéria se tratava de divulgação de show, de repercussão de show, entre outros;
- d) Tema principal da matéria;
- e) Valores-notícia identificados na matéria;
- f) Conflito gospel x secular, pois foi identificado como um dos modos de representação do trânsito entre as duas culturas, em que se procurou observar, então, em que medida e de que maneira aparecia ou não dessa forma em cada publicação;
- g) Presença do gospel no secular, em que se intentou avaliar em que medida e de que maneira constava ou não em cada publicação, pois a cultura evangélica pode ter sido notada como introduzida por Baby do Brasil no ambiente da música secular, sem que, entretanto, o trânsito entre as duas culturas tenha sido representado como conflito;
- h) Temas polêmicos, em que se buscou apontar em que medida e de que maneira apareciam ou não em cada matéria;
- i) Humor, em que foi observado em que medida e de que maneira se fazia presente ou não nas publicações; e
- j) Narrativas de Baby do Brasil, em que se pretendeu qualificar em que medida e de que maneira apareciam ou não nas matérias selecionadas para a análise.

A preparação do material, conforme adiantado, foi realizada nos programas Word e Excel do pacote Office do Windows. A opção por tais programas deveu-se à familiaridade e prática no uso, em razão do fácil manuseio e do fácil acesso, além da percepção de que esses programas fornecem todas as ferramentas necessárias à análise.

O Word foi utilizado para a separação das matérias a serem analisadas em arquivos referentes aos veículos de imprensa nos quais foram encontradas, em sequência cronológica, com o intuito de se poder suceder com praticidade às inúmeras leituras que a análise de conteúdo demanda dos mesmos textos.

O Excel foi usado para a análise categorial: em planilhas correspondentes a cada portal de notícias selecionado, foram listados os nomes das matérias separadas para análise e, à frente, a data de publicação, o nome do jornalista que assinou o texto (se presente), a fonte usada para a elaboração da matéria (nos casos em que apontada alguma agência de notícia, por exemplo) e, em seguida, cada um dos índices descritos acima, bem como o espaço para a classificação de suas unidades de registro.

#### **4.3 Narrativas sobre Baby do Brasil: análise categorial e dados quantitativos**

De acordo com Bardin (2011, p. 42-43), a análise categorial “pretende tomar em consideração a totalidade de um ‘texto’, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido”.

A seguir serão detalhadas, portanto, as características de cada unidade de registro identificada, com exemplos extraídos das matérias exploradas nos casos em que forem necessários para esclarecimentos. Após cada item de sentido explicitado, serão apresentados os dados quantitativos de correspondência, como primeiros resultados dessa pesquisa. Além disso, considerando os objetivos específicos traçados, também serão expostos os números de alguns índices de registro em suas relações com outros, de modo a estabelecer base para as leituras que se seguirão em tópicos posteriores.

Para a compreensão dos dados quantitativos, lembra-se, em primeiro lugar, que ao todo foram 91 matérias analisadas. Serão expostos os números somados decorrentes de todos os veículos jornalísticos pertencentes à imprensa gospel e, ao lado, os da imprensa secular.

Cabe pontuar que é certo que cada veículo de comunicação escolhido como corpus de análise possui suas peculiaridades, com características que pendem mais para determinados modos de tratamento das notícias, porém, tendo em vista o objetivo geral deste trabalho – compreender como as imprensas online dos dois segmentos, gospel e secular, percebem o trânsito entre cultura gospel e cultura secular, em particular nas matérias sobre Baby do Brasil, em meio a outros aspectos das narrativas da cantora, como o humor e temas polêmicos – considera-se que as especificidades de cada imprensa pouco trariam em termos de respostas às perguntas formuladas por esta pesquisa, que se detêm menos nas individualidades de cada

veículo de comunicação e mais no cotejo entre linhas editoriais pautadas pelo gospel e aquelas não pautadas dessa forma.

Como primeiro índice, foi observado em qual fase de sua carreira Baby do Brasil se encontrava quando das publicações jornalísticas, sendo, pois, de acordo com o recorte delimitado nesta pesquisa, apenas dois itens de sentido:

- a) Fase gospel (11/2005 - 10/2012), que compreende publicações jornalísticas sobre a cantora veiculadas antes do primeiro show da turnê Baby Sucessos, abrangendo o período de novembro de 2005 a outubro de 2012, que representa o tempo de dedicação da artista à música religiosa;
- b) Fase gospel-secular (11/2012 – 10/2015), que inclui matérias publicadas após esse primeiro show da turnê Baby Sucessos, em novembro de 2012, quando a cantora volta a cantar seu repertório de música popular brasileira, promovendo uma antropofagia ao mesclar elementos da cultura gospel e da cultura secular. Sendo assim, o termo gospel-secular representa a mestiçagem, na contramão da indicação de uma dicotomia, comumente representada por barras, que resultaria em: gospel/secular. Essa fase, para os fins do recorte dessa pesquisa, vai até o mês de outubro de 2015, após as repercussões do show que a cantora fez na edição do Rock in Rio daquele ano, ao lado de seu filho Pedro Baby e do pai de seus filhos, Pepeu Gomes.

Tabela 2 – Fases de Baby do Brasil nas publicações analisadas

<b>FASES DE BABY DO BRASIL</b>	<b>Imprensa Gospel</b>	<b>Imprensa Secular</b>
<b>Fase Gospel (11/2005 - 10/2012)</b>	16	8
<b>Fase gospel-secular (11/2012 - 10/2015)</b>	21	46

Fonte: Elaboração própria.

Os gêneros jornalísticos identificados nas matérias analisadas, de acordo com os conceitos ensinados por José Marques de Melo, catalogadas por Da Costa (2010), foram:

- a) Notícia, aquela que, narrada “em ‘pirâmide invertida’, compõe-se de duas partes: ‘cabeça’ (lead) e ‘corpo’ (body)”, privilegiando “o ‘clímax’ (sensação)” e evita “a ‘cronologia’ (nariz de cera)” (DA COSTA, 2010, p. 55);
- b) Reportagem, caracterizada por um “relato ampliado” de algum acontecimento, com “desdobramentos, antecedentes ou ingredientes noticiosos” e descrições “sobre o ‘modo’, o ‘lugar’ e ‘tempo’, além da captação das ‘versões’ dos ‘agentes’” (ibidem);
- c) Nota, quando “nem todos os elementos da notícia (ação – agente – tempo – lugar – modo – motivo) são conhecidos. [...] Nutre-se dos boletins informativos difundidos pelas fontes” (ibidem);

- d) Entrevista, aquela em que se privilegia “a versão de um ou mais protagonistas dos acontecimentos” e “não se confunde com a técnica de ‘apuração’ dos fatos”, configurando “uma espécie de relato da alteridade, dando ‘voz’ aos ‘agentes’ da cena jornalística” (ibidem);
- e) Crônica, a que “corresponde a um relato poético do real”, girando “permanentemente em torno da atualidade, captando com argúcia e sensibilidade o dinamismo da notícia que permeia toda a produção jornalística” (DA COSTA, 2010, p. 65);
- f) Resenha, também conhecida no jornalismo como crítica, é a que tem por finalidade a “apreciação das obras de arte ou dos produtos culturais, com a finalidade de orientar a ação dos fruidores e consumidores” (ibidem).

Tabela 3 – Gêneros jornalísticos das publicações analisadas

<b>GÊNEROS JORNALÍSTICOS</b>	<b>Imprensa Gospel</b>	<b>Imprensa Secular</b>
<b>Notícias</b>	27	11
<b>Reportagens</b>	7	25
<b>Notas</b>	2	10
<b>Entrevistas</b>	1	4
<b>Crônicas</b>	0	2
<b>Resenhas</b>	0	2

Fonte: Elaboração própria.

No índice sobre o contexto das matérias, as publicações jornalísticas foram divididas entre:

- a) Repercussão de show, quando foram publicadas em decorrência de alguma apresentação musical da artista, com comentários a respeito do que ocorreu no evento;
- b) Divulgação de show, quando foram veiculadas em razão da proximidade de uma à época futura apresentação musical da cantora;
- c) Cobertura de show, quando foram publicadas no mesmo momento em que a apresentação musical de Baby estava acontecendo, caracterizando uma cobertura ao vivo, típica do jornalismo digital;
- d) Agendamento midiático, casos em que o pseudo-acontecimento de Pontes e Silva (2010) pode ser observado com clareza, quando a participação de Baby do Brasil em algum programa de televisão, por exemplo, torna-se notícia;
- e) Lançamento de DVD ou cd da cantora, quando geradas pela divulgação de um novo produto musical;

- f) Entrevista com Baby do Brasil, quando decorrem de uma entrevista concedida pela cantora ao jornalista, ainda que a matéria não tenha se estruturado em forma de entrevista;
- g) Entrevista com Pedro Baby, quando o filho da artista cedeu entrevista ao jornal, gerando na publicação jornalística representações sobre Baby do Brasil;
- h) Ausência em documentário, quando tiveram como motivo um acontecimento específico relacionado à ausência de Baby do Brasil em um documentário sobre seu ex-grupo, os Novos Baianos;
- i) Presença em evento, quando foram veiculadas em razão de terem notado a presença da cantora em um evento;
- j) Não identificado, quando não foi possível saber em que contexto se deu a concepção da matéria.

Tabela 4 – Contextos das publicações analisadas

<b>CONTEXTOS DAS MATÉRIAS</b>	<b>Imprensa Gospel</b>	<b>Imprensa Secular</b>
<b>Repercussão de show</b>	8	21
<b>Divulgação de show</b>	2	11
<b>Cobertura de show</b>	0	2
<b>Agendamento midiático</b>	25	8
<b>Lançamento de cd ou DVD</b>	0	4
<b>Entrevistas com Baby do Brasil</b>	0	4
<b>Entrevistas com Pedro Baby</b>	0	1
<b>Ausência em documentário</b>	2	0
<b>Presença de Baby em eventos</b>	0	2
<b>Não identificado</b>	0	1

Fonte: Elaboração própria.

Para a classificação dos temas principais das matérias, o critério utilizado para defini-los foi o assunto que obteve maior destaque dentro do texto, já que diversas publicações abordavam mais de um tema por vez. Foram definidos da seguinte maneira:

- a) Produção musical de Baby do Brasil, quando a matéria coloca mais ênfase, por exemplo, nas análises sobre as músicas interpretadas pela cantora ou em sua trajetória musical desde o início de sua carreira;
- b) Religiosidade de Baby do Brasil, quando fatores ligados à vida espiritual de Baby tinham proeminência nas matérias, sem estarem necessariamente relacionados,

- entretanto, à questão da música gospel ou de sua narrativa específica quanto a ter pedido autorização de Deus para retornar à música secular;
- c) Personalidade de Baby do Brasil, quando quaisquer que fossem os outros temas da matéria, descrições sobre características da cantora apareciam sempre em relevo, como o trecho a seguir demonstra: “Baby sabe bem o que é ser precursora. [...] filha de um procurador e uma jornalista, fugiu para a Bahia [...] Gil já estava casado e foi no guitarrista Pepeu que a garota tascou um beijo logo no primeiro dia” (KÜCHLER, 2012);
  - d) Gospel no secular, quando o destaque da matéria eram, por exemplo, as incursões de expressões da cultura gospel em shows de Baby do Brasil;
  - e) Conflito gospel x secular, em publicações nas quais o tema mais ressaltado foi o trânsito entre a cultura gospel e a música secular percebido como desarmônico, motivo de problematização. É preciso esclarecer, aqui, que o simples notar de uma separação entre gospel e secular pode ter aparecido como pano de fundo em matérias, por exemplo, que tenham relatado o retorno da cantora à música secular, em razão das narrativas contadas pela própria artista acerca do assunto. No entanto, entende-se que o conflito gospel x secular, enquanto tema, não é determinado por essa percepção, mas sim por indagações ou outras complexificações que sugerem uma incompatibilidade entre as duas culturas, como se observa no seguinte trecho de reportagem sobre a volta da cantora aos palcos seculares: “Porém, a pastora Sarah Sheeva, filha de Baby do Brasil, demonstrou insatisfação com a notícia, e tratou de postar um texto em sua página oficial no Facebook, comentando indiretamente o fato, e assegurando que não tomará postura parecida” (CHAGAS, 2012b);
  - f) Narrativa de Baby do Brasil sobre o retorno à música secular, quando a ênfase da matéria se deu nas histórias que a artista contou sobre como decidiu voltar a cantar seus sucessos da música popular brasileira, sem que o jornal tenha problematizado o assunto;
  - g) Temas polêmicos, quando o principal na matéria é a polêmica, gerada por assuntos como drogas, homossexualidade, vida sexual de Baby do Brasil ou outros;
  - h) Declarações de Baby do Brasil, quando o destaque foi alguma fala da artista, sem a exploração dos demais temas embutidos até mesmo nas próprias declarações da cantora, como se percebe claramente já pelo título de uma nota publicada no portal de notícias O Globo: “*‘Não vai ter bunda mole no Céu, só casca grossa!’*, determina a ‘popstora’ Baby do Brasil” (NÃO..., 2015);

- i) Ações inusitadas de Baby do Brasil, quando atitudes da cantora, não encaixáveis nos demais temas identificados, ainda que os envolvam em certa medida, aparecem com proeminência na matéria, o que é o caso do seguinte trecho: “‘Glory to the Lord! Galera, por favor, afasta de mim essa fumaça?’, pediu Baby do Brasil, assim que terminou de cantar ‘Tinindo trincando’, no Circo Voador, dias atrás” (SCARPA, 2014);
- j) Figurino de Baby do Brasil, quando se considerou que a matéria pôs em relevo a roupa utilizada pela artista, sem, porém, tecer comentários sobre sua personalidade ou outros assuntos;
- k) Produção musical de Pedro Baby, caso único em que a musicalidade do filho de Baby foi o destaque na publicação jornalística, que ainda assim permaneceu no escopo de análise por se considerar que, dentro da matéria, as representações feitas sobre a cantora eram relevantes para a pesquisa.

Tabela 5 – Temas principais das publicações analisadas

<b>TEMAS PRINCIPAIS</b>	<b>Imprensa Gospel</b>	<b>Imprensa Secular</b>
<b>Produção musical de Baby</b>	7	30
<b>Religiosidade de Baby</b>	7	9
<b>Personalidade de Baby</b>	0	6
<b>Gospel no secular</b>	6	3
<b>Conflito gospel x secular</b>	5	0
<b>Narrativa sobre retorno ao secular</b>	6	0
<b>Temas polêmicos</b>	5	1
<b>Declarações de Baby</b>	1	2
<b>Ações inusitadas de Baby</b>	0	1
<b>Figurino de Baby</b>	0	1
<b>Produção musical de Pedro</b>	0	1

Fonte: Elaboração própria.

Quanto aos valores-notícia, características dos fatos usados como critérios de noticiabilidade e também como agentes na organização hierárquica do texto (SILVA, 2005), foram elencados todos os que apareceram em cada matéria, não constando nessa categoria, portanto, apenas um por publicação jornalística, tendo sido eles:

- a) Música, por se entender que em muitos casos aparece como fator determinante para a veiculação da matéria, em algumas situações em razão da linha editorial de alguns jornais, que têm ênfase no universo musical, caso dos portais Musica.uol e Rolling

- Stone, e no universo gospel, que por consequência têm estreitas relações com a música gospel, caso dos portais Gospelmais e Gospelprime;
- b) Celebridade, por se considerar que o fato de Baby do Brasil ser famosa contribuiu para os acontecimentos e suas veiculações;
  - c) Novidade, “marca de atualidade” (SODRÉ, 2009, p. 76), que pode ser exemplificado por notícias que relataram o anúncio da volta de Baby do Brasil aos palcos seculares;
  - d) Inusitado, entendido como o incomum, como “ruptura do padrão rotineiro de expectativas” (idem, p. 21);
  - e) Religião, presente principalmente nos portais de notícia gospel, em função da linha editorial desses veículos de comunicação, que se interessam por acontecimentos ligados à religião evangélica;
  - f) Conflito, valor-notícia que, em alguns casos, coopera na publicação de temas polêmicos, por exemplo;
  - g) Raridade, característica do que “poucas vezes acontece” (MICHAELIS, 2017), entendido como o excepcional que, portanto, é mais que o incomum que define o inusitado;
  - h) Emoção, aspecto encontrado em alguns acontecimentos, como quando Baby do Brasil e Pepeu Gomes voltaram a fazer um show juntos após 27 anos, junto a um de seus filhos.

Tabela 6 – Valores-notícia nas publicações analisadas

<b>VALORES-NOTÍCIA</b>	<b>Imprensa Gospel</b>	<b>Imprensa Secular</b>
<b>Música</b>	28	43
<b>Celebridade</b>	34	49
<b>Novidade</b>	9	14
<b>Inusitado</b>	24	23
<b>Religião</b>	37	9
<b>Conflito</b>	8	0
<b>Raridade</b>	0	2
<b>Emoção</b>	0	6

Fonte: Elaboração própria.

Sobre o conflito gospel x secular, ou seja, sobre a problematização identificada nas matérias quanto ao trânsito entre essas culturas, foi avaliado em que medida e de que maneira eram ou não presentes nos textos, de modo que se chegou às seguintes unidades de registro:

- a) Não aparece;

- b) É somente notado, quando se considerou que apesar de uma abordagem questionadora aparecer em certa medida, não houve desdobramentos sobre o assunto na matéria, constando em apenas uma frase dentro do texto, por exemplo, como se pode ver no trecho a seguir: “‘Eu sou a Matrix de Deus no carnaval’, disse ela que não vê problemas em se apresentar no Carnaval” (LOPES, 2014);
- c) É um dos temas da matéria, nos casos em que o conflito gospel x secular aparece de forma problematizada ao longo da matéria ou é discutido em algum parágrafo, sem, entretanto, ser a ênfase da matéria, como se observa em dois trechos da seguinte publicação: “A cantora Baby do Brasil voltou a fazer novas declarações polêmicas e afirmou que participa do carnaval porque Deus se agrada” (CHAGAS, 2014) e “No ano passado, Baby causou polêmica ao dizer que havia obtido autorização de Deus para voltar a cantar as músicas que a tornaram conhecida décadas atrás” (ibidem);
- d) É um dos destaques da matéria, quando apesar de haver outros temas que tenham realce ao longo do texto, a problematização gospel x secular também aparece com proeminência, como acontece na matéria *Baby do Brasil: “Pessoal tem que ficar feliz porque não morri de overdose”* (RODRIGUES, 2015a), que aborda diversos temas com seus desdobramentos, como a vida sexual de Baby e suas opiniões sobre drogas e homossexualidade, inclusive o conflito entre as duas culturas, observável nas perguntas da entrevista que foi publicada na íntegra: “Hoje você é convertida. Não há incompatibilidade na hora de cantar músicas do passado?”, “Mas e as letras das músicas?” e “Alguns artistas se convertem e renegam totalmente o passado. Por que com você não foi assim?” (ibidem);
- e) É o único tema da matéria;
- f) Aparece harmoniosamente, caso isolado em que o trânsito entre gospel e secular não é percebido como conflito nem problematizado, ao contrário, como nesse trecho: “Então, mais uma faceta de Baby para se ver no show. Além de bossas como “Desafinado” [...] e outras, estarão no repertório do show também canções gospel como “Amazing Grace”, já cantada por Elvis Presley, Aretha Franklin e Ray Charles” (EVANGELISTA, 2006). Sobre essa matéria, é preciso esclarecer que apesar de não haver uma problematização e um apontamento de conflito, se julgou adequada sua classificação dentro desse índice, que mede a abordagem sobre uma incompatibilidade entre as duas culturas, justamente por ser um contraponto ao próprio índice. Ademais, também se entende que essa matéria não se encaixa em “Não aparece”, pois não se trata de a mistura entre o gospel e o secular não estar presente no texto, ou de ser

relatada sem que tenham sido tecidos comentários sobre a mescla, mas de haver uma percepção, só que esta, ao invés de apontar para um conflito, o faz para um convívio.

Tabela 7 – Percepção de um conflito gospel x secular nas publicações analisadas

<b>CONFLITO GOSPEL X SECULAR</b>	<b>Imprensa Gospel</b>	<b>Imprensa Secular</b>
<b>Não aparece</b>	24	43
<b>É somente notado</b>	4	8
<b>É um dos temas da matéria</b>	3	1
<b>É um dos destaques da matéria</b>	3	1
<b>É o único tema da matéria</b>	3	0
<b>Aparece harmoniosamente</b>	0	1

Fonte: Elaboração própria.

Com relação ao gospel no secular, ou seja, à percepção de expressões da linguagem gospel ou atitudes relacionadas à cultura gospel incluídas ou tomadas por Baby do Brasil em contextos não religiosos, as publicações podem ter percebido de mais de uma maneira diferente em uma mesma matéria, tendo sido assim classificadas:

- a) Não aparece;
- b) Notado em ações de Baby do Brasil em show, que indica que a matéria apenas relatou brevemente alguns movimentos da artista relacionando-os à sua religião, como se percebe no trecho a seguir: “Foram apenas nove músicas, valorizadas por duelos de guitarra entre Pepeu e Pedro, e pelos discursos religiosos da ‘popstora’ Baby, que chegou a usar uma barriga postiça com a inscrição ‘Jesus forever’, revivendo o Rock in Rio de 1985” (OLIVEIRA, 2015);
- c) Ressaltado em ações de Baby do Brasil em show, que se diferencia do item anterior em razão de a percepção do gospel no secular, dentro da matéria, estar mais evidenciada, não se limitando a uma frase sobre o assunto, mas estendendo-se em descrições dessas atitudes da cantora ao longo do texto;
- d) Notado na mudança de algumas letras, quando a percepção do gospel no secular se faz em relatos sobre alterações feitas por Baby do Brasil em trechos de suas músicas seculares, em razão de sua religião, como pode se ver a seguir: “mesmo tendo de alterar letras no palco – o ‘dragão tatuado no braço’ de ‘Menino do Rio’, por exemplo, virou ‘Jesus forever no braço’” (RODRIGUES, 2015a);
- e) Ressaltado na mudança de algumas letras, quando as descrições sobre alterações de trechos das músicas de Baby do Brasil, em razão de sua fé, possuem destaque dentro do texto;

- f) Relatado como ousadia, caso que pode ser exemplificado no seguinte relato sobre um Trio Elétrico Gospel no qual Baby do Brasil cantou no carnaval da cidade de Salvador-BA: “O projeto de Baby do Brasil foi bastante ousado e ela mesma concorda com isso” (LOPES, 2012a);
- g) Relatado como conquista, que se diferencia do item anterior por não haver menção a uma qualidade da artista, a ousadia, mas mesmo assim falar sobre o gospel no secular com um olhar positivo, como algo que deve ser valorizado como uma vitória;
- h) Relatado carnavalescamente, baseado no conceito de Bakhtin (1987) sobre carnavalização, ocorre em textos que, a partir da mistura gerada pela inserção do gospel no secular, promovem ainda mais misturas, como se observa no trecho a seguir: “Baby cantava tudo [...] como que desafiando um grupo de seletas cantoras de gerações subsequentes que fizeram questão de ir até lá presenciar aquele retorno. Era, esse sim, o verdadeiro Culto das Princesas” (CAMARGO, 2012), em referência ao nome de um encontro evangélico promovido por Sarah Sheeva, filha de Baby do Brasil;
- i) Notado como em local inadequado, nos casos em que o gospel é relatado como algo estranho ao ambiente da música secular, embora isso não signifique que de modo negativo, como na frase: “Mesmo as expressões de Deus que, em muitos momentos, permearam o show, o público não se importou nem um pouco e aplaudia quando Baby lançava suas reflexões” (ORTIZ, 2012);
- j) Notado como vontade de Baby, episódio específico em que Baby do Brasil, no Prêmio da Música Brasileira, declarou que o evento, dedicado totalmente à música secular, deveria ter uma categoria de premiação à música gospel;
- k) Aparece harmoniosamente, caso idêntico ao do índice que avaliou a percepção, por parte da imprensa, de um conflito gospel x secular, no qual o relato apontou não para uma incompatibilidade, mas para um convívio harmonioso das duas culturas em um mesmo circuito musical.

Tabela 8 – Percepção do gospel no secular nas publicações analisadas

<b>GOSPEL NO SECULAR</b>	<b>Imprensa Gospel</b>	<b>Imprensa Secular</b>
<b>Não aparece</b>	28	30
<b>Notado em ações de Baby no show</b>	2	9
<b>Ressaltado em ações de Baby no show</b>	1	3
<b>Notado na mudança de letras</b>	1	3
<b>Ressaltado na mudança de letras</b>	0	2
<b>Relatado como ousadia</b>	4	0
<b>Relatado como conquista</b>	1	0
<b>Relatado carnavalescamente</b>	0	2
<b>Notado como em local inadequado</b>	0	4
<b>Notado como vontade de Baby</b>	0	1
<b>Aparece harmoniosamente</b>	0	1

Fonte: Elaboração própria.

Os temas polêmicos foram classificados em duas etapas. A primeira buscou avaliar de que modo eles apareciam dentro das publicações jornalísticas e teve os mesmos critérios, para tanto, que o índice que observou de que maneira as imprensas relataram ou não o trânsito entre a cultura gospel e a música secular como conflituoso. A classificação não se limitou a apenas um item de sentido por publicação, pois mais de um assunto gerador de polêmica pode ter aparecido em cada matéria, e em alguns casos, com tratamentos e percepções diferentes. Deste modo, quanto aos temas polêmicos, as matérias foram divididas entre:

- a) Não aparecem;
- b) É somente notado;
- c) É um dos temas da matéria;
- d) É um dos destaques da matéria;
- e) É o único tema da matéria;
- f) Aparecem em perguntas do repórter – esse item, que não consta no índice a respeito de um conflito entre gospel x secular, se enquadra nos casos em que os temas polêmicos não são abordados no corpo do texto, mas estão presentes em perguntas feitas a Baby do Brasil, especialmente em matérias que têm a entrevista como gênero jornalístico.

Tabela 9 – Presença de temas polêmicos nas publicações analisadas

<b>TEMAS POLÊMICOS</b>	<b>Imprensa Gospel</b>	<b>Imprensa Secular</b>
<b>Não aparece</b>	23	51
<b>É somente notado</b>	1	0
<b>É um dos temas da matéria</b>	5	1
<b>É um dos destaques da matéria</b>	3	1
<b>É o único tema da matéria</b>	6	0
<b>Aparecem em perguntas do repórter</b>	0	1

Fonte: Elaboração própria.

Já a segunda etapa procurou compreender quais temas geravam polêmica e em quais contextos. Na leitura das matérias, percebeu-se que a polêmica se fazia presente tanto em assuntos considerados polêmicos, como sexualidades e drogas, quanto em uma abordagem polêmica, que se fazia na escrita do jornalista e se estendia a outros temas. Reforça-se que podem ter sido encontrados, em uma só matéria, mais de um assunto ou forma de abordagem por vez. Assim, sem limitar a uma só classificação por texto, as publicações nas quais de algum jeito a polêmica aparecia foram agrupadas da seguinte forma:

- a) Gerada pela percepção de um conflito gospel x secular, como se observa em um trecho de matéria já citado páginas acima: “A cantora Baby do Brasil voltou a fazer novas declarações polêmicas e afirmou que participa do carnaval porque Deus se agrada” (CHAGAS, 2014);
- b) Gerada pelo tema sexualidades, nos casos em que o motivo da polêmica eram declarações da cantora a respeito de sua própria vida sexual ou de sua opinião sobre homossexualidade;
- c) Gerada por comparações com o passado de Baby do Brasil, quando a polêmica aparece ligada a momentos vividos pela cantora antes de sua conversão;
- d) Gerada pelo tema drogas, em textos que abordam opiniões de Baby do Brasil sobre o consumo de drogas;
- e) Gerada por pautas políticas em alta, o que pode ser percebido no seguinte trecho: “Questionada sobre acreditar ou não que existam ex-gays, como defendido pelo pastor Marco Feliciano (PSC-SP) e a psicóloga Marisa Lobo (PSC-PR), a “popstora” cantora foi enfática [...]” (CHAGAS, 2015);
- f) Gerada por críticas ao trabalho de Baby do Brasil, casos em que a polêmica é repercutida a partir de algum relato negativo sobre, por exemplo, apresentações da artista, como se vê nas frases: “A cantora e pastora Baby do Brasil deu entrevista ao portal R7 dizendo que a revista Veja errou ao afirmar que seu trio elétrico em Salvador

não tinha seguidores” (LOPES, 2012a) e ““Eu vejo realmente da Veja uma maldade muito grande para criar uma polêmica’, disse ela. Que fez outras críticas à publicação da editora Abril” (ibidem).

Tabela 10 – Contextos dos temas polêmicos nas publicações analisadas

<b>CONTEXTOS DOS TEMAS POLÊMICOS</b>	<b>Imprensa Gospel</b>	<b>Imprensa Secular</b>
<b>Não há temas polêmicos</b>	23	51
<b>Conflito gospel x secular</b>	8	0
<b>Sexualidades</b>	5	3
<b>Comparações com passado de Baby</b>	1	3
<b>Drogas</b>	1	2
<b>Pautas políticas em alta</b>	1	1
<b>Críticas ao trabalho de Baby</b>	2	0

Fonte: Elaboração própria.

Quanto à percepção do humor de Baby do Brasil ou ao uso de um tom humorístico nas matérias, é preciso esclarecer que à medida que as publicações jornalísticas eram analisadas, não somente a comicidade da cantora foi encontrada relatada nos textos, mas também uma característica da personalidade da artista que, em muitos casos, suscita o humor nas matérias e, em outros, é descrita isoladamente: a excentricidade, qualidade do excêntrico que revela “atitudes e pensamentos fora dos padrões comuns” (MICHAELIS, 2017) e que, justamente por isso, pode gerar o cômico (PROPP, 1992). À semelhança dos temas polêmicos, mais de um modo de relato pode ter aparecido em uma mesma matéria. Dessa maneira, as seguintes categorias foram criadas:

- a) Não aparece;
- b) Excentricidade de Baby do Brasil descrita pelo figurino, nos casos em que o relato sobre a roupa usada pela cantora foi um modo de revelar a personalidade da artista;
- c) Excentricidade de Baby do Brasil descrita como jeito de ser, que normalmente ocorre em textos que descrevem a cantora através de expressões cunhadas por ela mesma, como “popstora” e “casca grossa”, de adjetivos como “eufórica” e “extravagante”, ou por ser mãe de seis filhos com nomes diferentes dos considerados comuns, por exemplo;
- d) Humor de Baby do Brasil descrito como jeito de ser, que se diferencia do item anterior apenas pelo fato de a comicidade da cantora ser percebida de modo direto, e não por suas singularidades;

- e) Humor notado nas falas de Baby do Brasil, nos casos em que a cantora não é descrita como bem-humorada, mas se relata o humor em suas declarações, por meio de expressões como “Baby brinca” e “Baby se diverte”;
- f) Excentricidade descrita no passado de Baby do Brasil, que é semelhante ao item c, no entanto, neste caso os relatos sobre sua personalidade excêntrica estão ligados à vida da cantora antes de sua conversão;
- g) Excentricidade de Baby do Brasil usada como fio condutor da matéria, aplicável aos textos que, mesmo abordando diversos assuntos, possuem como estrutura descrições sobre singularidades da cantora e geralmente iniciam assim, como nas frases a seguir, retiradas de uma única matéria: “De cabelo roxo, iPad branco na mão e mala de oncinha trazendo vários ‘looks’ [...]”, “Atravessou os anos 1980 com cabelos coloridos [...]”, “Com a mão suja de tinta roxa que ainda sai do cabelo recém-pintado e sempre se olhando no espelho [...]”, “Uma coisa que pouca gente entende até hoje é de onde veio a leva de nomes esquisitos com que batizou seus filhos [...]” e “Faz tratamento com medicina ortomolecular há 13 anos, mas continua ‘esquecendo de raspar debaixo do braço’” (KÜCHLER, 2012);
- h) Sátira utilizada pelo jornal para retratar Baby do Brasil, exemplificado pelos seguintes trechos de uma mesma publicação: “Calma, Baby!” e “De repente, Baby do Brasil se levantou da cadeira, começou a gritar aleluia, a orar e a sacudir o corpo.” (GOIS, 2014).

Tabela 11 – Percepção (ou uso) do humor e seus dispositivos nas publicações analisadas

<b>PERCEPÇÃO (OU USO) DO HUMOR</b>	<b>Imprensa Gospel</b>	<b>Imprensa Secular</b>
<b>Não aparecem</b>	30	19
<b>Excentricidade pelo figurino</b>	3	13
<b>Excentricidade como jeito de ser</b>	0	14
<b>Humor como jeito de ser</b>	4	0
<b>Humor nas falas de Baby</b>	0	3
<b>Excentricidade no passado de Baby</b>	0	1
<b>Excentricidade - Fio condutor da matéria</b>	1	9
<b>Sátira para retratar Baby</b>	0	3

Fonte: Elaboração própria.

Por fim, para a classificação das matérias de acordo com as narrativas de Baby do Brasil e a maneira com que foram representadas, utilizamos as definições:

- a) Ausente, para casos em que não se identificou nenhuma declaração de Baby do Brasil, em um show ou à imprensa, que pudesse ter sido relatada, tendo sido descritas, assim, apenas ações, como nos trechos de uma nota: “Baby do Brasil pediu uma roupa que fosse ‘confortável’ para tocar guitarra no casamento da filha [...]. O estilista Bruno Otaviano criou uma saia de filó bordada com pedrarias que, por baixo, esconde uma calça” (BERGAMO, 2005);
- b) Ocultada pelo jornal, quando mesmo que tenham existido declarações de Baby do Brasil em apresentações ou para jornalistas, a opção foi por não relatá-las, fato que se pôde perceber a partir da leitura de matérias de outros jornais que noticiaram o mesmo acontecimento, por exemplo;
- c) Na fala de Baby do Brasil, em publicações que deixaram as declarações da cantora entre aspas, o que pode ser interpretado como uma tentativa de separação entre o discurso da artista e o discurso do jornal;
- d) Apropriada para construção textual, quando não há nenhum posicionamento do jornal quanto às narrativas de maneira patente, no entanto, há o uso das narrativas da cantora para a composição do texto, como se pode perceber na seguinte frase: “Adepta antiga da espiritualidade, Baby já viu disco voador, já gritou ‘rá’ [...]” (EVANGELISTA, 2006), ou seja, considera-se que ter visto um disco voador, por exemplo, é uma narrativa que parte de Baby do Brasil, mas é usada pelo jornalista a fim de tecer seu texto;
- e) Legitimada pelo jornal, nos casos em que não apenas se percebe um uso das narrativas de Baby do Brasil para a construção do texto, mas uma validação dessas narrativas, a exemplo do trecho retirado de uma matéria do portal de notícias Gospelprime: “Com a proposta de adorar ao Senhor, Baby levou músicas de ritmos contagiantes, mas com letras cristãs [...]” (LOPES, 2012b);
- f) Relacionada a um proselitismo religioso, quando as narrativas de Baby do Brasil são atribuídas a uma mensagem de pregação da fé evangélica, exterior à vivência espiritual pessoal da cantora, como se nota na seguinte frase: “[...] ela disse durante um discurso evangélico que ‘no céu não tem bunda mole, só casca grossa’” (ROCHA, 2014);
- g) Relacionada à excentricidade de Baby do Brasil, que pode ser exemplificado pelo trecho a seguir: “ninguém conseguiu ter uma foto, nenhuma comprovação de onde o céu faz a curva, não tem um muro [...] É o outdoor do Papai!”, explica Baby, com seu raciocínio particular” (KRAMER, 2014);

- h) Relacionada ao humor de Baby do Brasil, nos casos em que as narrativas da cantora foram relatadas de modo a parecerem brincadeiras feitas pela artista: “Baby brincou com o público ao dizer: ‘Quando eu recebi o convite do Pedro, ele falou: Mãe, você acha que Deus vai deixar você tocar comigo? Então aperte os cintos’” (ORTIZ, 2012);
- i) Relatada com suspeita, quando uma dúvida quanto às narrativas de Baby do Brasil se observa na maneira com que a matéria se constrói, como pode ser observado a partir da sequência de frases retiradas de uma mesma matéria: “Baby do Brasil recentemente realizou um show com músicas seculares [...] e afirmou que essa volta aos palcos com o repertório de quando ainda não era convertida, se tratava de uma excursão pela ‘babilônia’ com permissão de Deus”, “Agora, após a primeira excursão pela ‘babilônia’, Baby do Brasil anunciou que fará uma turnê com as músicas que a tornaram conhecida no meio secular [...] (CHAGAS, 2012a)”, o que é reforçado ainda pelo título dessa matéria, *Após show na “babilônia”, pastora Baby do Brasil anuncia nova turnê com músicas seculares: “Ela está voltando para casa”*, pois a declaração “Ela está voltando para casa”, feita por uma filha da artista, coloca em suspeita a narrativa da cantora, afinal Babilônia, na cultura evangélica que tem raízes na fé judaica, representa um local distante de casa e não um lar, embora possua valor duplo, atuando “positivamente como o cenário de uma diáspora potencialmente criativa, negativamente como uma metáfora de certas formas de degeneração. O ‘exílio babilônio’ [...] deslocou o centro da vida judaica para a Babilônia por cinquenta ou sessenta anos” (METZGER; COOGAN, 2002, p. 30);
- j) Satirizada pelo jornal, nas mesmas publicações que se enquadram no item h - Sátira utilizada pelo jornal para retratar Baby do Brasil, no índice que buscou avaliar a presença do humor nas matérias sobre a cantora;
- k) Relatada carnavalescamente, nos casos que se compatibilizam com as publicações classificadas no item h – Relatado carnavalescamente, no índice que procurou avaliar a percepção dos jornais quanto à presença do gospel no secular, porém, não se limita a essas, pois o mesmo recurso de linguagem pode ter sido usado para representar outros aspectos da cantora, como sua musicalidade: “Janis Joplin do samba, Amy Winehouse da alegria [...]” (CORSALETTI, 2013);
- l) Problematizada pelo jornal, quando houve algum questionamento que buscou confrontar a narrativa de Baby do Brasil ou uma abordagem que a repercutiu de modo a mostrar opiniões contrárias, como acontece na já citada matéria (CHAGAS, 2012b) que, a partir de declarações sobre não cantar músicas que não sejam gospel, feitas pela

- filha da cantora, Sarah Sheeva, faz um contraponto à narrativa da artista sobre seu retorno aos palcos seculares debaixo da permissão de Deus;
- m) Distorcida pelo jornal, exemplificada na frase: “Ela diz agora que não quer mais saber só de gospel” (BABY..., 2012), em uma matéria que possui um vídeo disponível para conferir a entrevista concedida pela cantora na íntegra, na qual pode se perceber que a artista, em momento algum, fez tal declaração, apesar de contar sobre sua ligação com Deus e a volta à música secular;
- n) Polemizada e distorcida pelo jornal, primeiro item em que dois modos de tratamento da narrativa de Baby do Brasil aparecem concomitantemente em uma só matéria, sendo que um não se sobrepõe a outro. Nesse caso, além de distorcer, o jornal faz das narrativas de Baby do Brasil motivos para polêmica, a exemplo da frase a seguir, já citada para ilustrar a percepção do conflito gospel x secular, e que aqui condensa, ainda, a polêmica e a distorção: “A cantora Baby do Brasil voltou a fazer novas declarações polêmicas e afirmou que participa do carnaval porque Deus se agrada” (CHAGAS, 2014) – Ao longo da matéria, entre aspas, uma declaração da artista indica a inverdade da afirmação acima: ““Eu gosto de festa porque eu acho que Deus é festa e o Carnaval de Salvador é uma grande festa. E é por isso que estou no carnaval, disse a cantora [...]” (ibidem);
- o) Problematizada e polemizada pelo jornal, quando o tom polêmico e o tom questionador se associam em uma mesma publicação;
- p) Legitimada pelo jornal quanto a discursos cristãos replicados por Baby do Brasil, relacionada à excentricidade da cantora quanto a seu modo pessoal de viver a espiritualidade e na fala da artista quanto à sua narrativa sobre o retorno à música secular, caso único de uma matéria publicada em site de notícias gospel, em que para cada aspecto da narrativa de Baby do Brasil houve um tipo de tratamento por parte do jornal, o que pode ser percebido nas seguintes frases: “A ‘popstora’ reconhece que tem um passado que precisava ser abandonado, mas enfatiza que o Plano da Salvação resolveu todas as pendências” (CHAGAS, 2015) – legitimada quanto ao discurso cristão, “Usando uma retórica muito peculiar a ela mesma, Baby afirmou que religiosidade é carece, e Deus não se encaixaria nesse perfil” (ibidem) – relacionada à excentricidade quanto ao modo pessoal de viver a espiritualidade, e ““A minha parte do gospel está totalmente dentro da secular. Na verdade, dá para ver meu repertório inteiro como gospel’, afirmou a ‘popstora’” (ibidem) – Na fala de Baby do Brasil quanto a seu retorno à música secular.

Tabela 12 – Narrativas de Baby do Brasil nas publicações analisadas

<b>NARRATIVAS DE BABY NAS MATÉRIAS</b>	<b>Imprensa Gospel</b>	<b>Imprensa Secular</b>
<b>Ausente</b>	0	4
<b>Ocultada pelo jornal</b>	4	5
<b>Na fala de Baby</b>	10	10
<b>Apropriada para construção textual</b>	3	9
<b>Legitimada pelo jornal</b>	9	3
<b>Relacionada a proselitismo religioso</b>	2	7
<b>Relacionada à excentricidade de Baby</b>	2	6
<b>Relacionada ao humor de Baby</b>	0	2
<b>Relatada com suspeita</b>	3	0
<b>Satirizada pelo jornal</b>	0	3
<b>Relatada carnavalescamente</b>	0	3
<b>Problematizada pelo jornal</b>	2	0
<b>Distorcida pelo jornal</b>	0	1
<b>Polemizada e distorcida pelo jornal</b>	1	0
<b>Problematizada e polemizada pelo jornal</b>	0	1
<b>Legitimada pelo jornal (discursos cristãos), relacionada à excentricidade de Baby (espiritualidade pessoal) e na fala de Baby (narrativa sobre retorno ao secular)</b>	1	0

Fonte: Elaboração própria.

Quanto aos objetivos específicos da pesquisa, conforme adiantado no início deste tópico, foram observadas as seguintes relações entre índices de registro:

- a) De que maneira se vinculam os temas principais ligados à espiritualidade – religiosidade de Baby do Brasil, narrativa da cantora sobre retorno à música secular, conflito gospel x secular e percepção do gospel no secular – e os relatos sobre as narrativas de Baby do Brasil nas matérias;
- b) De que maneira se ligam as publicações em que o humor é utilizado no texto ou percebido como característica de Baby do Brasil e os temas principais das matérias;
- c) De que maneira as publicações nas quais os temas polêmicos aparecem se relacionam com os temas principais das matérias, com os relatos sobre as narrativas da cantora nos textos e com as publicações em que há a percepção ou o uso do humor;
- d) De que maneira as publicações nas quais um conflito gospel x secular é percebido se relacionam com os temas principais das matérias, com os relatos sobre as narrativas da cantora pelos jornalistas e com as publicações em que há a percepção ou o uso do humor;

- e) De que maneira publicações que não apontam para um conflito entre gospel e secular se relacionam com os relatos das narrativas de Baby do Brasil nas matérias.

As matérias que tinham como temas principais assuntos relacionados à religiosidade somaram-se em 36 publicações, unindo as veiculadas pela imprensa gospel e as encontradas na imprensa secular. Nelas, a narrativa de Baby do Brasil assim apareceu relatada:

Tabela 13 – Narrativas de Baby do Brasil em matérias cujo Tema principal é ligado à religiosidade

<b>NARRATIVAS DE BABY EM MATÉRIAS DE TEMA PRINCIPAL LIGADO À RELIGIOSIDADE</b>	<b>Imprensa Gospel</b>	<b>Imprensa Secular</b>
<b>Ausente</b>	0	0
<b>Ocultada pelo jornal</b>	4	0
<b>Na fala de Baby</b>	5	2
<b>Apropriada para construção textual</b>	2	2
<b>Legitimada pelo jornal</b>	7	1
<b>Relacionada a proselitismo religioso</b>	1	2
<b>Relacionada à excentricidade de Baby</b>	0	2
<b>Relacionada ao humor de Baby</b>	0	0
<b>Relatada com suspeita</b>	0	3
<b>Satirizada pelo jornal</b>	0	3
<b>Problematizada pelo jornal</b>	1	0
<b>Distorcida pelo jornal</b>	0	0
<b>Polemizada e distorcida pelo jornal</b>	0	0
<b>Problematizada e polemizada pelo jornal</b>	0	0
<b>Legitimada pelo jornal (discursos cristãos), relacionada à excentricidade de Baby (espiritualidade pessoal) e na fala de Baby (narrativa sobre retorno ao secular)</b>	1	0

Fonte: Elaboração própria.

Quanto à percepção ou uso, pelos jornais, do humor e de seus dispositivos, são identificados, ao todo, em 42 matérias. Destas, os temas principais se dividiram entre:

Tabela 14 – Temas principais das matérias nas quais há percepção (ou uso) do humor e de seus dispositivos

<b>TEMAS PRINCIPAIS DAS MATÉRIAS NAS QUAIS HÁ PERCEPÇÃO (OU USO) DO HUMOR</b>	<b>Imprensa Gospel</b>	<b>Imprensa Secular</b>
<b>Produção musical de Baby</b>	0	17
<b>Religiosidade de Baby</b>	2	6
<b>Personalidade de Baby</b>	0	5
<b>Gospel no secular</b>	0	1
<b>Conflito gospel x secular</b>	0	0
<b>Narrativa sobre retorno ao secular</b>	2	0
<b>Temas polêmicos</b>	2	1
<b>Declarações de Baby</b>	1	2
<b>Ações inusitadas de Baby</b>	0	1
<b>Figurino de Baby</b>	0	1
<b>Produção musical de Pedro</b>	0	1

Fonte: Elaboração própria.

Já os temas polêmicos apareceram, de alguma forma, em um total de 17 publicações. Os temas principais dessas matérias foram:

Tabela 15 – Temas principais das matérias nas quais temas polêmicos foram abordados

<b>TEMAS PRINCIPAIS DAS MATÉRIAS NAS QUAIS HÁ TEMAS POLÊMICOS</b>	<b>Imprensa Gospel</b>	<b>Imprensa Secular</b>
<b>Produção musical de Baby</b>	1	0
<b>Religiosidade de Baby</b>	2	1
<b>Personalidade de Baby</b>	0	1
<b>Gospel no secular</b>	0	0
<b>Conflito gospel x secular</b>	5	0
<b>Narrativa sobre retorno ao secular</b>	1	0
<b>Temas polêmicos</b>	5	1
<b>Declarações de Baby</b>	0	0
<b>Ações inusitadas de Baby</b>	0	0
<b>Figurino de Baby</b>	0	0
<b>Produção musical de Pedro</b>	0	0

Fonte: Elaboração própria.

As narrativas de Baby do Brasil assim foram relatadas nas 17 publicações em que temas polêmicos foram abordados:

Tabela 16 – Narrativas de Baby do Brasil em matérias nas quais Temas polêmicos são abordados

<b>NARRATIVAS DE BABY NAS MATÉRIAS NAS QUAIS HÁ TEMAS POLÊMICOS</b>	<b>Imprensa Gospel</b>	<b>Imprensa Secular</b>
<b>Ausente</b>	0	0
<b>Ocultada pelo jornal</b>	2	0
<b>Na fala de Baby</b>	2	0
<b>Apropriada para construção textual</b>	0	0
<b>Legitimada pelo jornal</b>	3	1
<b>Relacionada a proselitismo religioso</b>	1	0
<b>Relacionada à excentricidade de Baby</b>	1	1
<b>Relacionada ao humor de Baby</b>	0	0
<b>Relatada com suspeita</b>	1	0
<b>Satirizada pelo jornal</b>	0	0
<b>Relatada carnavalescamente</b>	0	0
<b>Problematizada pelo jornal</b>	2	0
<b>Distorcida pelo jornal</b>	0	0
<b>Polemizada e distorcida pelo jornal</b>	1	0
<b>Problematizada e polemizada pelo jornal</b>	0	1
<b>Legitimada pelo jornal (discursos cristãos), relacionada à excentricidade de Baby (espiritualidade pessoal) e na fala de Baby (narrativa sobre retorno ao secular)</b>	1	0

Fonte: Elaboração própria.

Ainda nas 17 matérias em que temas polêmicos apareceram, foi observada a presença (ou o uso) do humor e de seus dispositivos nos textos, chegando-se ao seguinte:

Tabela 17 – Percepção (ou uso) do humor em matérias nas quais Temas polêmicos são abordados

<b>PERCEPÇÃO (OU USO) DO HUMOR EM MATÉRIAS NAS QUAIS HÁ TEMAS POLÊMICOS</b>	<b>Imprensa Gospel</b>	<b>Imprensa Secular</b>
<b>Não aparecem</b>	11	0
<b>Excentricidade pelo figurino</b>	1	0
<b>Excentricidade como jeito de ser</b>	0	0
<b>Humor como jeito de ser</b>	2	0
<b>Humor nas falas de Baby</b>	0	0
<b>Excentricidade no passado de Baby</b>	0	0
<b>Excentricidade - Fio condutor da matéria</b>	1	3
<b>Sátira para retratar Baby</b>	0	0

Fonte: Elaboração própria.

Quanto a um conflito gospel x secular, o tema apareceu relatado de alguma maneira em, ao todo, 24 publicações. Foram observados, em primeiro lugar, quais temas polêmicos apareceram nessas mesmas matérias, chegando-se ao seguinte:

Tabela 18 – Temas polêmicos em matérias nas quais um conflito gospel x secular aparece

<b>TEMAS POLÊMICOS EM MATÉRIAS NAS QUAIS HÁ CONFLITO GOSPEL X SECULAR</b>	<b>Imprensa Gospel</b>	<b>Imprensa Secular</b>
<b>Não há temas polêmicos</b>	4	8
<b>Conflito gospel x secular</b>	8	0
<b>Sexualidades</b>	2	3
<b>Comparações com passado de Baby</b>	0	3
<b>Drogas</b>	0	2
<b>Pautas políticas em alta</b>	1	1
<b>Críticas ao trabalho de Baby</b>	0	0

Fonte: Elaboração própria.

Nas mesmas 24 publicações nas quais um conflito gospel x secular aparece, buscou-se perceber de que maneira se dava a percepção (ou o uso) do humor e de seus dispositivos:

Tabela 19 – Percepção (ou uso) do humor e de seus dispositivos em matérias nas quais um conflito gospel x secular aparece

<b>PERCEPÇÃO (OU USO) DO HUMOR EM MATÉRIAS NAS QUAIS HÁ CONFLITO GOSPEL X SECULAR</b>	<b>Imprensa Gospel</b>	<b>Imprensa Secular</b>
<b>Não aparecem</b>	11	3
<b>Excentricidade pelo figurino</b>	0	3
<b>Excentricidade como jeito de ser</b>	0	2
<b>Humor como jeito de ser</b>	2	0
<b>Humor nas falas de Baby</b>	0	1
<b>Excentricidade no passado de Baby</b>	0	1
<b>Excentricidade - Fio condutor da matéria</b>	0	4
<b>Sátira para retratar Baby</b>	0	0

Fonte: Elaboração própria.

Foi observado, também, de que maneira as narrativas de Baby do Brasil apareceram nas 24 matérias que apontaram, de algum modo, a existência de um conflito gospel x secular:

Tabela 20 – Narrativas de Baby do Brasil em matérias nas quais um conflito gospel x secular aparece

<b>NARRATIVAS DE BABY EM MATÉRIAS NAS QUAIS HÁ CONFLITO GOSPEL X SECULAR</b>	<b>Imprensa Gospel</b>	<b>Imprensa Secular</b>
<b>Ausente</b>	0	0
<b>Ocultada pelo jornal</b>	2	0
<b>Na fala de Baby</b>	2	0
<b>Apropriada para construção textual</b>	3	3
<b>Legitimada pelo jornal</b>	2	1
<b>Relacionada a proselitismo religioso</b>	0	2
<b>Relacionada à excentricidade de Baby</b>	0	1
<b>Relacionada ao humor de Baby</b>	0	1
<b>Relatada com suspeita</b>	1	0
<b>Satirizada pelo jornal</b>	0	0
<b>Relatada carnavalescamente</b>	0	1
<b>Problematizada pelo jornal</b>	2	0
<b>Distorcida pelo jornal</b>	0	0
<b>Polemizada e distorcida pelo jornal</b>	1	0
<b>Problematizada e polemizada pelo jornal</b>	0	1
<b>Legitimada pelo jornal (discursos cristãos), relacionada à excentricidade de Baby (espiritualidade pessoal) e na fala de Baby (narrativa sobre retorno ao secular)</b>	1	0

Fonte: Elaboração própria.

Por fim, foram buscadas relações entre os modos de relatar as narrativas de Baby do Brasil e as matérias nas quais não foi percebido um conflito gospel x secular, diferentemente das publicações em foco nas tabelas anteriores.

Tabela 21 – Narrativas de Baby do Brasil em matérias nas quais não há conflito gospel x secular

<b>NARRATIVAS DE BABY NAS MATÉRIAS EM QUE NÃO HÁ CONFLITO GOSPEL X SECULAR</b>	<b>Imprensa Gospel</b>	<b>Imprensa Secular</b>
<b>Ausente</b>	0	4
<b>Ocultada pelo jornal</b>	2	5
<b>Na fala de Baby</b>	8	10
<b>Apropriada para construção textual</b>	1	5
<b>Legitimada pelo jornal</b>	7	2
<b>Relacionada a proselitismo religioso</b>	2	5
<b>Relacionada à excentricidade de Baby</b>	2	5
<b>Relacionada ao humor de Baby</b>	0	1
<b>Relatada com suspeita</b>	2	0
<b>Satirizada pelo jornal</b>	0	3
<b>Relatada carnavalescamente</b>	0	2
<b>Problematizada pelo jornal</b>	0	0
<b>Distorcida pelo jornal</b>	0	1
<b>Polemizada e distorcida pelo jornal</b>	0	0
<b>Problematizada e polemizada pelo jornal</b>	0	0
<b>Legitimada pelo jornal (discursos cristãos), relacionada à excentricidade de Baby (espiritualidade pessoal) e na fala de Baby (narrativa sobre retorno ao secular)</b>	0	0

Fonte: Elaboração própria.

Apresentados os dados quantitativos, se passará agora às primeiras leituras a respeito do que foi encontrado, com vistas a responder às perguntas desta pesquisa.

#### 4.4 Cotejos entre imprensa gospel e secular

Nas comparações entre imprensa gospel e imprensa secular, no tocante à maneira que retratam a cantora Baby do Brasil quando esta é personagem das matérias, serão utilizados gráficos para auxiliar a visualização das observações, resultantes dos dados quantitativos obtidos e, também, de uma análise qualitativa das publicações, que aqui terá início.

De modo semelhante às tabelas apresentadas, cada gráfico representará um índice de registro verificado durante a análise categorial, além dos que mostrarão as relações feitas entre alguns deles. Já de modo diferente, os números aparecerão, na parte inferior dos gráficos, junto às unidades de registro às quais correspondem, na totalidade de vezes que foram encontrados em cada fase da carreira de Baby do Brasil. Na parte superior de cada item, estarão separados de acordo com suas aparições em cada imprensa, gospel e secular, possibilitando, dessa forma, visualizar as diferenças/semelhanças de tratamento dado por cada

uma e também em relação à que foi denominada de fase gospel de Baby do Brasil (11/2005 – 10/2012) e à que foi chamada de fase gospel-secular da cantora (11/2012 – 10/2015).

É justamente esse ponto, aliás, que primeiro se ressalta no cotejo entre as duas imprensas, pois é possível perceber, de partida, a diferença de postura dos dois segmentos quanto à cobertura dos distintos momentos da carreira de Baby do Brasil. Nas duas imprensas, mais matérias foram publicadas na fase gospel-secular da cantora (11/2012 – 10/2015). No entanto, a imprensa gospel apresenta um equilíbrio maior entre as duas épocas.

### Fases de Baby do Brasil

91 publicações

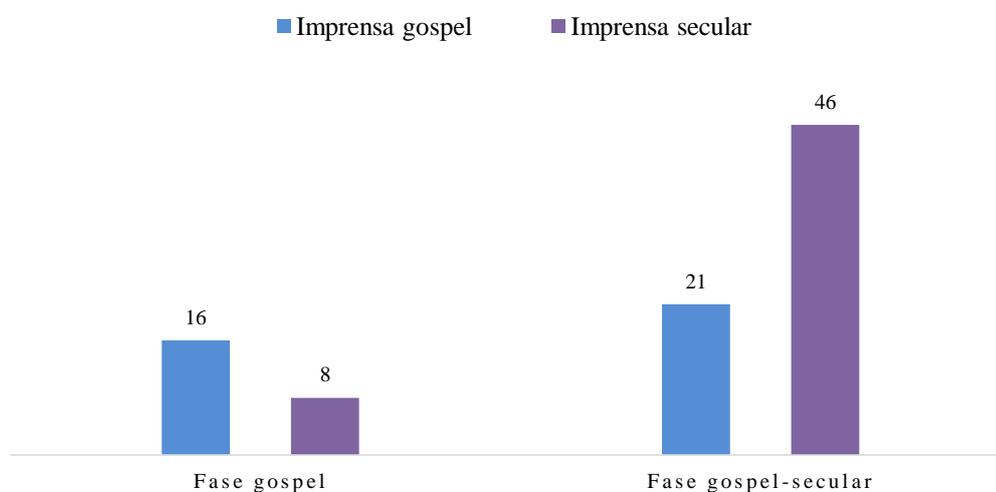


Gráfico 1: Fases de Baby do Brasil nas publicações analisadas.  
Elaboração própria.

Os gêneros jornalísticos identificados na análise também apontam para as diferenças de tratamento da imprensa gospel e da imprensa secular quanto às fases de Baby do Brasil. A partir do momento em que a cantora retorna à música popular brasileira (11/2012 – 10/2015), não somente a cobertura da imprensa secular torna-se maior, mas também o espaço concedido à artista: são 22 reportagens produzidas nesse período, enquanto que, na fase gospel de Baby do Brasil (11/2005 – 10/2012), apenas 3 reportagens foram veiculadas pela imprensa secular. Na imprensa gospel, as reportagens também crescem em número na fase gospel-secular da cantora (11/2012 – 10/2015), porém, o gênero jornalístico utilizado com mais frequência é a notícia, fato que não se altera em razão da passagem da artista de sua fase gospel à gospel-secular.

## Gêneros jornalísticos

91 publicações

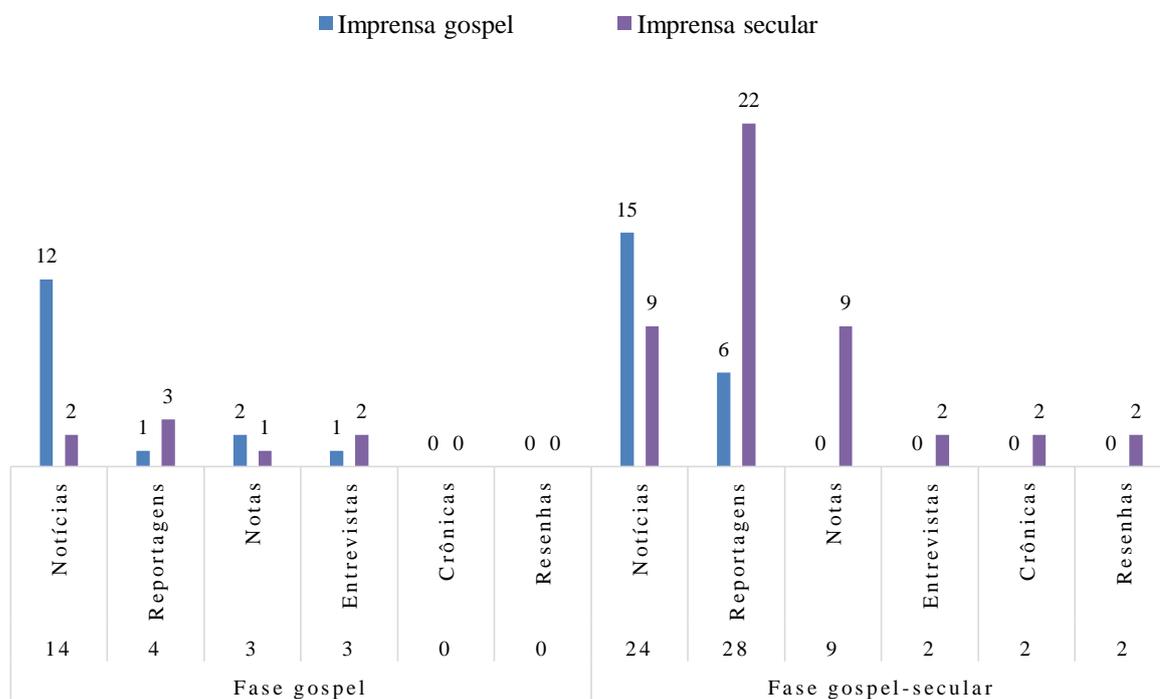


Gráfico 2: Gêneros jornalísticos das publicações analisadas.  
Elaboração própria.

Outro ponto são os contextos das matérias. Na imprensa gospel e na fase gospel de Baby do Brasil (11/2005 – 10/2012), a maior incidência são as repercussões de shows e agendamentos midiáticos, dentre os quais a maioria reportava apresentações de Baby do Brasil em trios elétricos nos períodos de carnaval, nos quais a cantora ainda levava para as ruas um *set list* de canções predominantemente religiosas. Esses shows, entretanto, sequer foram relatados pela imprensa secular em alguma publicação.

## Contextos das matérias

91 publicações

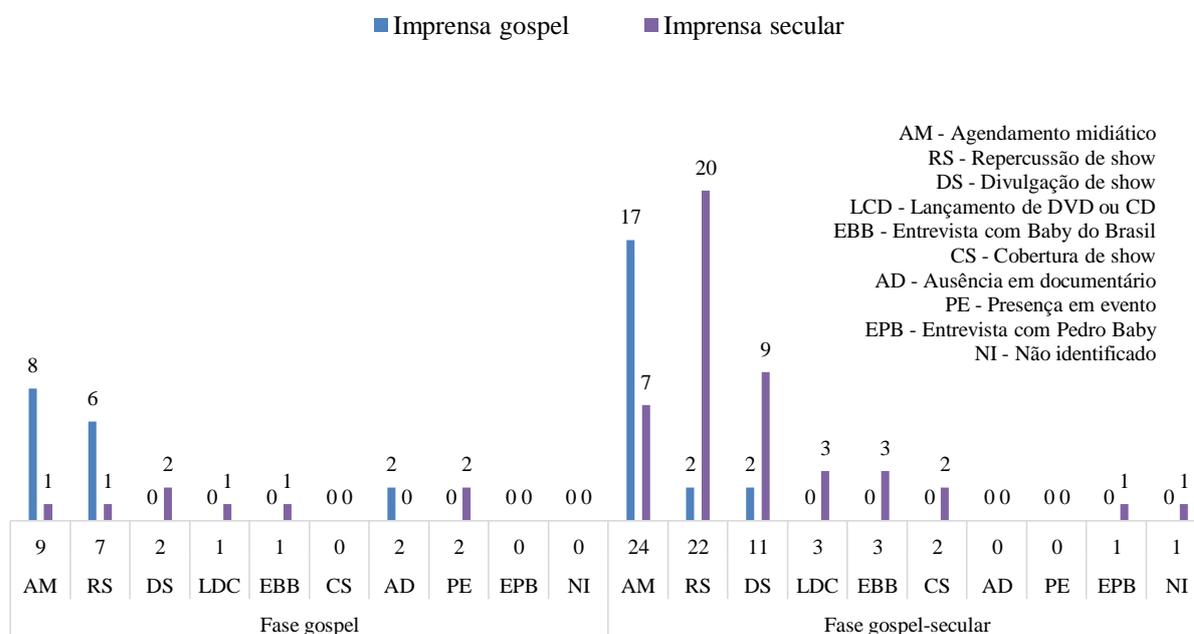


Gráfico 3: Contextos das publicações analisadas.  
Elaboração própria.

A respeito dos shows citados, realizados por Baby do Brasil com repertório gospel em carnavais, os destaques da imprensa gospel, ou seja, os temas principais das publicações dividiram-se entre a polêmica, em algumas matérias e, em outras, a presença da música gospel no ambiente secular (exatamente por terem sido em carnavais). No entanto, os temas principais que aparecem mais vezes na imprensa gospel são a produção musical de Baby do Brasil e a religiosidade da cantora. Esses dois assuntos possuem a proeminência em quantidade idêntica de vezes: são 7 matérias para cada.

Já na imprensa secular, o tema da religião de Baby do Brasil é o segundo mais abordado como principal (8 matérias), mas aparece bem menos vezes em relação às que deram maior evidência à produção musical da cantora (25 publicações).

Sobressaem-se, ainda, os assuntos que foram preponderantes somente em uma das imprensas, como, por exemplo: a personalidade de Baby do Brasil, que é tema principal apenas em matérias da imprensa secular; e as narrativas da cantora a respeito de sua volta à música popular brasileira e o apontamento de um conflito gospel x secular, que só são assuntos predominantes em publicações veiculadas pela imprensa gospel.

## Temas principais

91 publicações

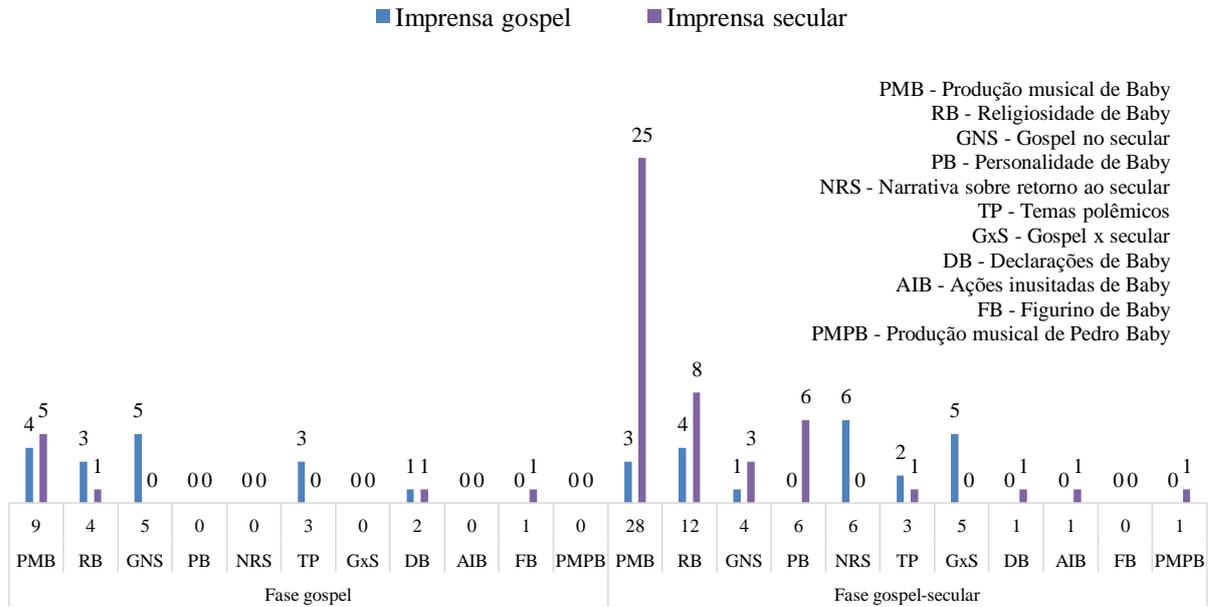


Gráfico 4: Temas principais das publicações analisadas.  
 Elaboração própria.

Ainda que tenham sido variados os temas encontrados como principais nas matérias, dentre os quais alguns foram apontados brevemente acima, o que se pode afirmar é que, em geral, a imprensa gospel tem como temas principais assuntos mais ligados à religiosidade, enquanto a imprensa secular trata com evidência temas mais relacionados ao lado artístico de Baby do Brasil: seja como cantora e musicista, seja como celebridade e personalidade do mundo midiático.

## Valores-notícia

91 publicações

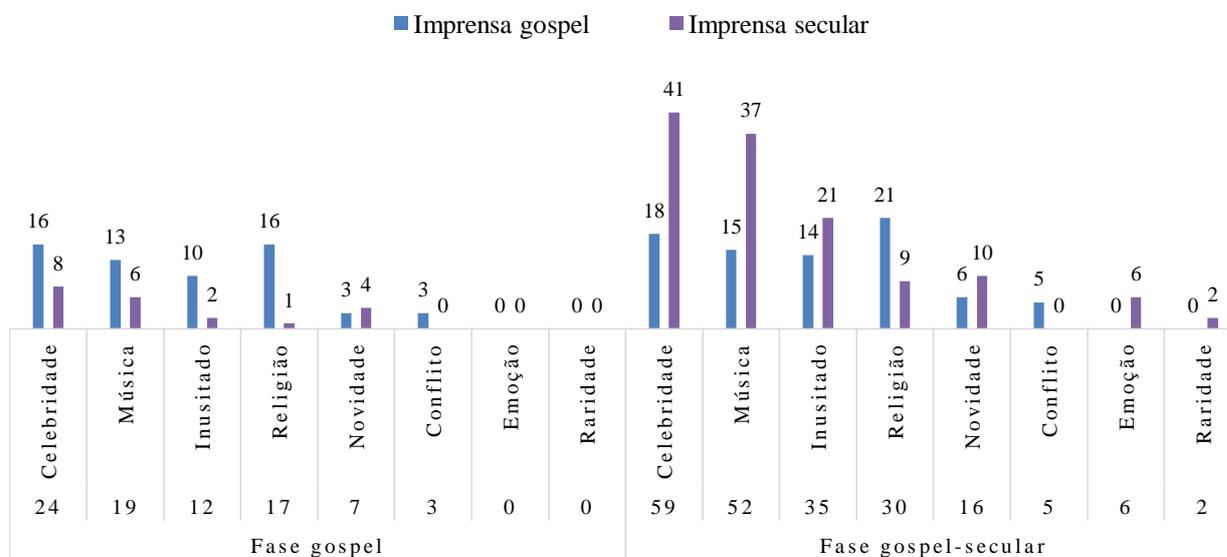


Gráfico 5: Valores-notícia nas publicações analisadas.

Obs.: Nesse índice, mais de um item de sentido pode ter sido identificado por publicação.

Elaboração própria.

Também ao observar os valores-notícia encontrados nas publicações, percebe-se que a religião atuou em todas as matérias veiculadas pela imprensa gospel, tanto na fase gospel (11/2005 – 10/2012) quanto na fase gospel-secular (11/2012 – 10/2015) de Baby do Brasil. Ainda que não tenha sido o enfoque, o tema principal, de algumas publicações, tal observação demonstra que o interesse da imprensa gospel em veicular matérias a respeito da cantora tem ligação estreita com sua religiosidade, até mesmo em sua volta ao repertório secular, quando mescla ao ambiente da música popular brasileira elementos da cultura gospel.

Já sobre os objetivos específicos da pesquisa, a percepção e a problematização de um conflito entre a cultura gospel e a música secular, como esperado no início, pouco aparecem nas publicações analisadas. Em 74% das publicações, o assunto não é sequer abordado e, em metade das matérias (12 de 24) em que se faz presente, é apenas descrito em meio a outros temas, sem que haja desdobramentos acerca da problemática.

Dessas 12 publicações, a maioria (8) foi publicada pela imprensa secular, o que sugere que o apontamento do tema sem a sua exploração ao longo do texto é característica mais própria à imprensa secular que à imprensa gospel. Em uma matéria específica, a mescla entre a cultura evangélica e a música secular foi percebida por outro lado: de maneira harmoniosa.

O restante das publicações, 11 das 91 que compuseram o corpus de análise, ocuparam-se de um conflito gospel x secular de modo a colocá-lo em evidência ou em discussão, com mais ou menos espaço dentro da matéria. Importa ressaltar que, dessas 11 publicações – todas veiculadas na fase gospel-secular de Baby do Brasil (11/2012 – 10/2015) – apenas 2 foram produzidas pela imprensa secular, ou seja, a ênfase em uma incompatibilidade entre a cultura gospel e a música secular é dada, predominantemente, pela imprensa gospel. Soma-se a isso o fato de que, na imprensa gospel e na fase gospel-secular de Baby, uma problematização do trânsito entre gospel e secular, mesmo sem destaque, é mais frequente que a ausência do tema.

Em contrapartida, a imprensa secular, na maioria de suas matérias, não percebe um conflito e, quando o nota, aponta-o somente por meio de uma breve descrição.

## Conflito gospel x secular

91 publicações

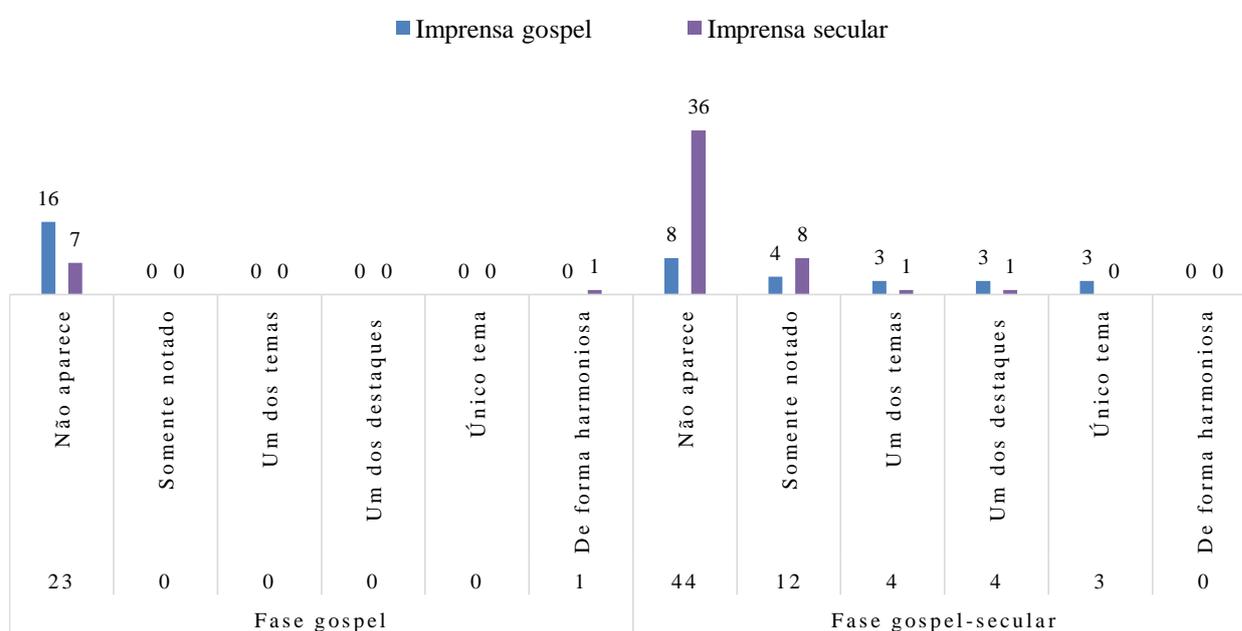


Gráfico 6: Percepção de um conflito gospel x secular nas publicações analisadas. Elaboração própria.

No entanto, mesmo que não aprenda como um conflito, a imprensa secular não deixa de constatar a inserção, feita pela cantora Baby do Brasil, de expressões pertencentes ao gospel em um ambiente não religioso. Ainda que, do mesmo modo, essas publicações não formem a maioria das matérias produzidas pela imprensa secular, chega-se um pouco mais

perto de um equilíbrio: em 44% dos textos, há alguma referência às manifestações de fé da artista, mesmo que não sejam relatadas com realce.

Chama a atenção, ainda, que a imprensa gospel, por sua vez, apenas menciona ações religiosas da artista em ambientes seculares em 4 publicações, das 21 matérias que publicou no período gospel-secular (11/2012 – 10/2015) de Baby do Brasil.

## Percepção do gospel no secular

91 publicações

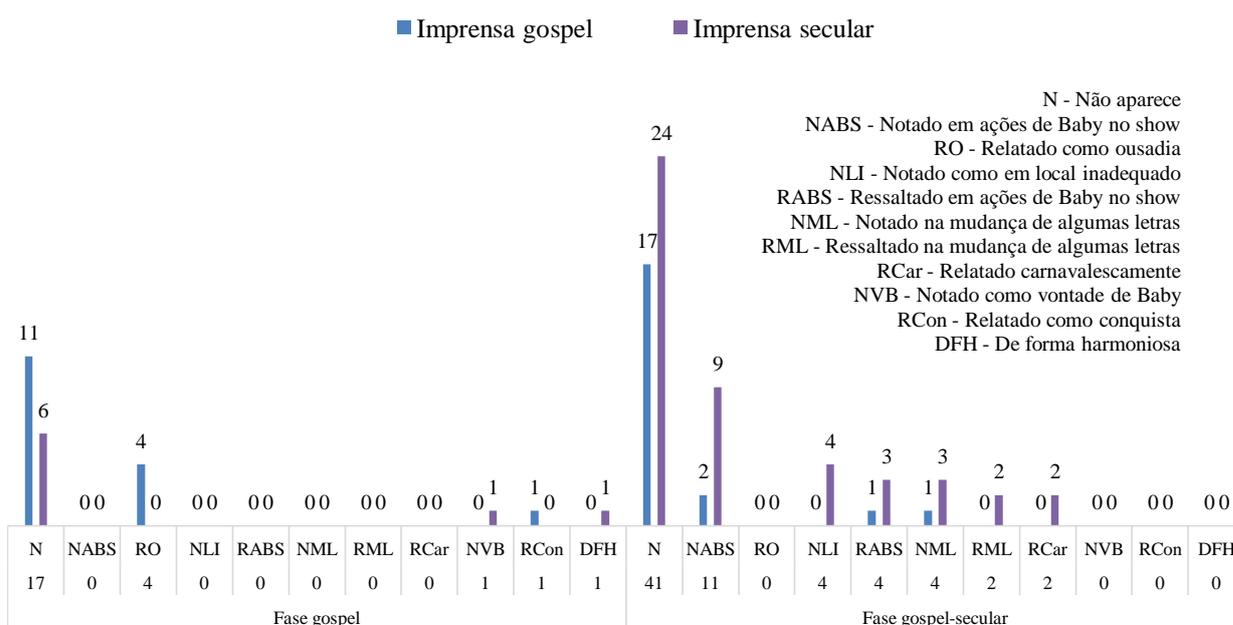


Gráfico 7: Percepção do gospel no secular nas publicações analisadas.

Obs.: Nesse índice, mais de um item de sentido pode ter sido identificado por publicação.

Elaboração própria.

Por todo o exposto, é possível afirmar que, em geral, o apontamento de um conflito gospel x secular não é acentuado nas produções jornalísticas, quando se analisa os dados a respeito de ambas as imprensas somados. Todavia, quando é presente, concentra-se nas matérias veiculadas pela imprensa gospel, que assim retrata (de maneira conflituosa), na maioria de suas matérias, as inserções feitas por Baby do Brasil de expressões do gospel no ambiente secular – as quais, na imprensa secular, são mais notadas em diversas nuances, como frases ditas pela artista, mudanças de letras das canções e até como uma atitude dissonante do local onde realizada, mas não como um conflito, ou seja, não como um embate que advém da objeção da cultura gospel à produção cultural secular.

Já os temas polêmicos, na contramão do que era previsto, apareceram menos ainda nas matérias que um conflito gospel x secular. São apenas 17 matérias, de um total de 91, que apresentam algum conteúdo polêmico em seus textos.

## Temas polêmicos

91 publicações

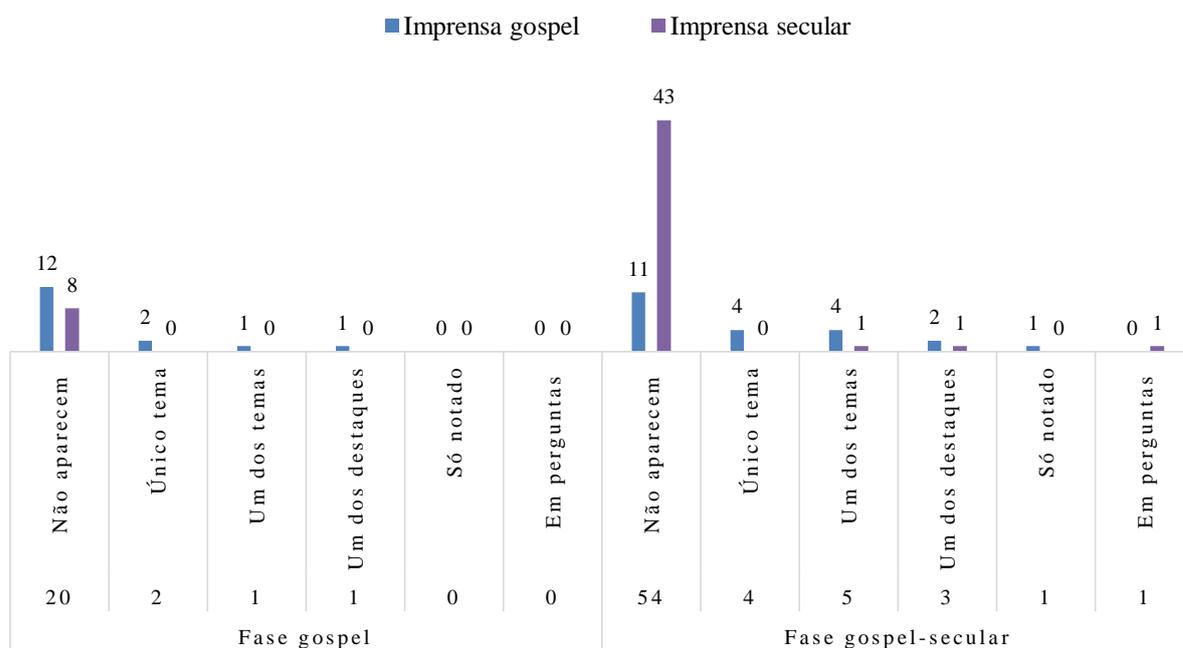


Gráfico 8: Presença de temas polêmicos nas publicações analisadas.

Obs.: Nesse índice, mais de um item de sentido pode ter sido identificado por publicação.

Elaboração própria.

Também de modo inesperado, quase metade (8 publicações, todas produzidas pela imprensa gospel) têm como tema da polêmica o próprio apontamento de um conflito gospel x secular. Das 17 matérias, além disso, apenas 3 foram veiculadas pela imprensa secular, nas quais, então sim, a polêmica gira em torno de declarações de Baby do Brasil sobre sexo, homossexualidade e drogas, temas que também são desenvolvidos pela imprensa gospel, em quantidade igual ou até maior em comparação com a imprensa secular.

## Contextos dos temas polêmicos

91 publicações

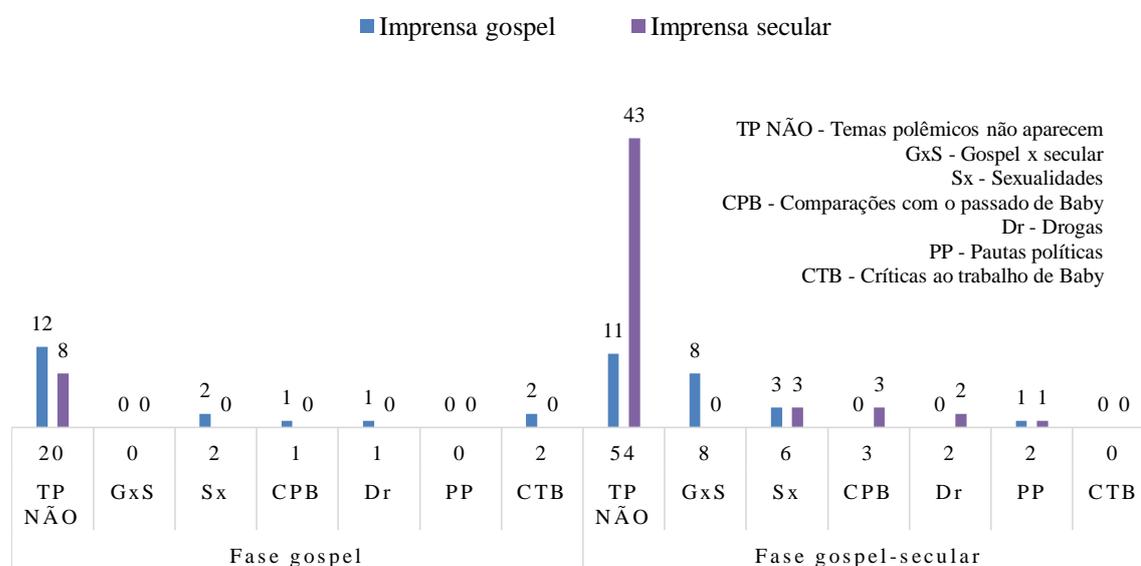


Gráfico 9: Contextos dos temas polêmicos nas publicações analisadas.

Obs.: Nesse índice, mais de um item de sentido pode ter sido identificado por publicação.

Elaboração própria.

Outra questão a ser salientada, no tocante a essas publicações por último referidas, é que todas derivam de entrevistas com Baby do Brasil ou são enquadradas propriamente no gênero jornalístico da entrevista. No caso da imprensa secular, as entrevistas foram concedidas de forma direta aos jornais que as veicularam. Já na imprensa gospel, foram obtidas por meio de agendamentos midiáticos. Tal informação é relevante por indicar uma relação dos temas polêmicos acerca de sexualidades e drogas a um espaço ou a um tempo mais longo – no tamanho dos textos ou no contato dos jornalistas com a artista – para discorrer sobre os diversos assuntos que a cantora faz emergir nas narrativas que tece e teceu durante sua carreira.

É interessante que as duas únicas entrevistas, enquanto gênero jornalístico, que não versaram sobre essas temáticas foram publicadas pela imprensa secular na fase gospel de Baby do Brasil (11/2005 – 10/2012), o que pode apontar para uma conexão, na imprensa secular, entre os temas polêmicos sobre sexualidades e drogas e a fase gospel-secular da artista (11/2012 – 10/2015), ou seja, sua volta ao repertório da música popular brasileira, com todas as contradições e misturas promovidas pela cantora que, em certa medida, podem ter sido propícias para o despertar da curiosidade e do tratamento dessas temáticas pelos jornais.

Na imprensa gospel, em contrapartida, esses temas já aparecem em duas matérias publicadas na fase gospel de Baby do Brasil (11/2005 – 10/2012), o que pode sinalizar que são captados antes pela imprensa gospel pelo fato de serem assuntos de interesse para uma linha editorial pautada pela religião (e suas regulações de comportamento) e, em consequência, por Baby do Brasil ser representante midiática da fé evangélica, pastora e celebridade da música ao mesmo tempo.

Quanto à presença do humor nas matérias sobre Baby do Brasil, de maneira semelhante à observação da frequência de temas polêmicos, mostrou-se abaixo do que o imaginado no início da pesquisa. O inusitado, que é considerado um atributo capaz de gerar o humor, foi identificado como valor-notícia em 52% das matérias analisadas. No entanto, dentre essas publicações, só em pouco menos da metade (22 de um total de 47), o teor do inusitado reverteu-se em comicidade nas narrativas jornalísticas.

Além do inusitado, outra característica que pode funcionar como um dispositivo do humor é a excentricidade, relatada em algumas matérias como pertencente à personalidade de Baby do Brasil e que, nessas descrições, nem sempre se ligam a fatos inusitados. Assim, provocado pelo inusitado ou pela excentricidade, ou, ainda, pelo próprio humor retratado como um estado de espírito inerente à cantora, o cômico aparece em 42 das 91 matérias analisadas, o que representa 49% das publicações.

## Percepção (ou uso) do humor em seus dispositivos

91 publicações

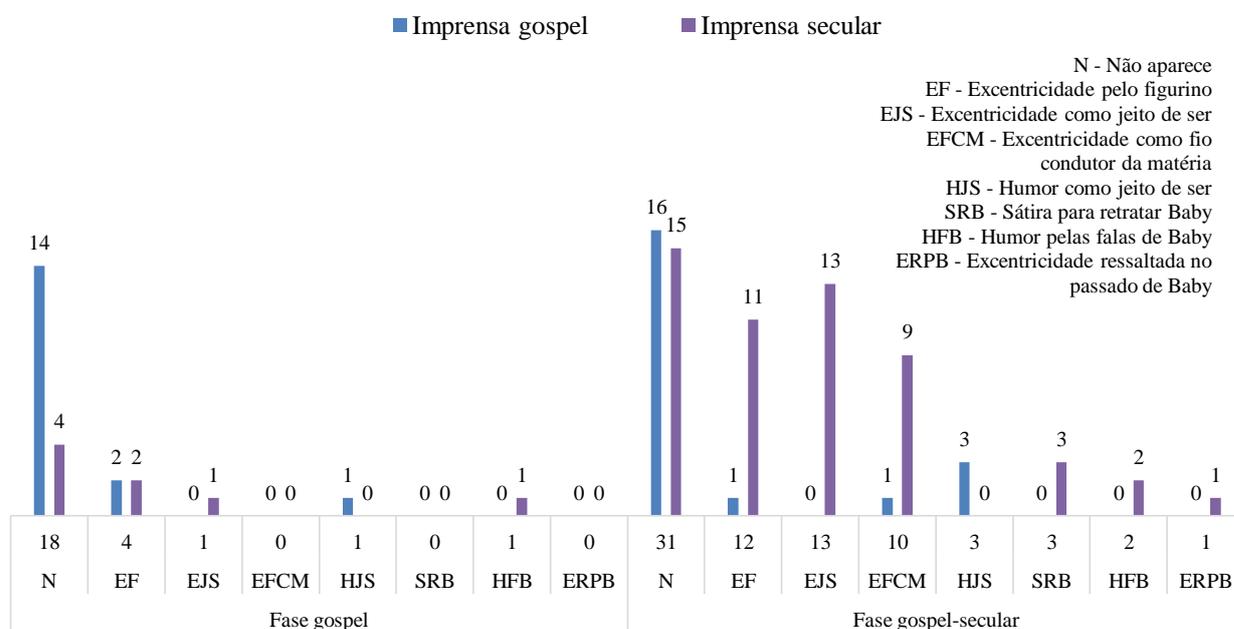


Gráfico 10: Percepção (ou uso) do humor e seus dispositivos nas publicações analisadas.  
 Obs.: Nesse índice, mais de um item de sentido pode ter sido identificado por publicação.  
 Elaboração própria.

Quanto à presença do humor nos modos de representação, pelos jornais, das narrativas de Baby do Brasil, nota-se que, das 42 publicações nas quais aparece, em somente 16 é possível apontar uma interferência do humor nas descrições sobre as narrativas da artista – seja percebido como característica da cantora ou utilizado como linguagem textual pelo jornalista –, o que pode ser observado através das matérias nas quais as narrativas da cantora foram relacionadas a seu humor ou à sua excentricidade, somadas àquelas em que foram relatadas carnavalescamente ou satirizadas.

De modo geral, sobre as narrativas de Baby do Brasil presentes nas publicações, a análise revela uma ampla variedade de enfoques dados pelas imprensas. Ainda assim, pode-se afirmar que há uma predominância de tratamento identificada nas matérias produzidas pelos dois segmentos (gospel e secular), a saber, a tentativa do jornalismo de manter-se neutro em relação ao que se noticia. A quantidade de publicações em que a narrativa de Baby do Brasil apareceu somente entre aspas, ou seja, na fala da cantora, somada às vezes em que foi apropriada para a construção textual, sem comentários adicionais, formam pouco mais de um terço das matérias analisadas: 32 de 91 publicações.

## Narrativas de Baby do Brasil

91 publicações

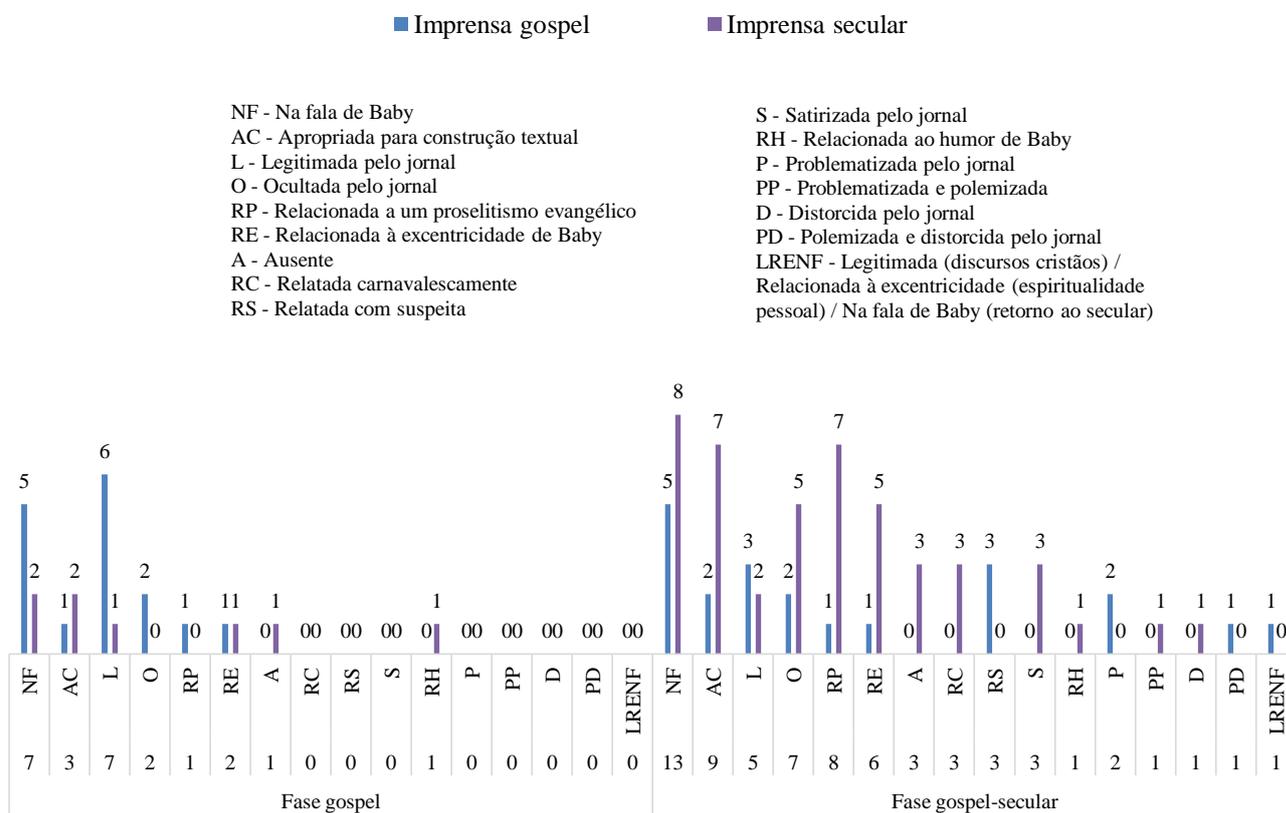


Gráfico 11: Narrativas de Baby do Brasil nas publicações analisadas.  
Elaboração própria.

Afora essas duas formas de abordagem, outras quatro unidades de registro tiveram um número maior de ocorrências em comparação às dez demais classificações elaboradas. Dessa forma, destacam-se as matérias que:

- legitimaram a narrativa de Baby do Brasil, preponderantemente encontradas na imprensa gospel e na fase gospel da artista (11/2005 – 10/2012), o que denota certa concordância quanto ao conteúdo trazido pela cantora em suas narrativas à época;
- relacionaram a narrativa de Baby do Brasil a um proselitismo evangélico ou à excentricidade da cantora, majoritariamente identificadas na imprensa secular e na fase gospel-secular da artista (11/2012 – 10/2015), o que indica uma intenção de atribuir às narrativas de Baby do Brasil alguma explicação que lhes dê suporte e, até mesmo, proporcione a elas determinada compreensão;
- ocultaram as narrativas de Baby do Brasil, também com mais incidência na imprensa secular e na fase gospel-secular da cantora (11/2012 – 10/2015).

Com relação a essas últimas, a opção por nem mesmo mencionar as declarações e/ou ações da artista que constituem suas narrativas pode apontar, no caso da imprensa secular, para um desinteresse editorial, nessas matérias, em relatar qualquer menção que fosse a uma temática religiosa, indissociável das aparições midiáticas da artista.

Por outro lado, nas circunstâncias em que as narrativas de Baby do Brasil foram ocultadas pela imprensa gospel, em duas vezes o motivo foi o espaço propiciado para o relato: notas curtas a respeito de shows da artista. Em outras duas matérias, no entanto, encontradas na fase gospel-secular da cantora (11/2012 – 10/2015), a ocultação sugere uma oposição às ações de Baby do Brasil, pois o tema principal delas é o apontamento de um conflito gospel x secular, e, embora o retorno da artista aos palcos seculares tenha sido mencionado nesses textos e até mesmo gerado essas publicações, a voz não é dada a Baby, mas sim a outros artistas do mercado gospel que se opõem à ideia de que é possível ser evangélico e cantar músicas não religiosas.

## Narrativas de Baby do Brasil em matérias cujo tema principal é ligado à religiosidade

36 publicações

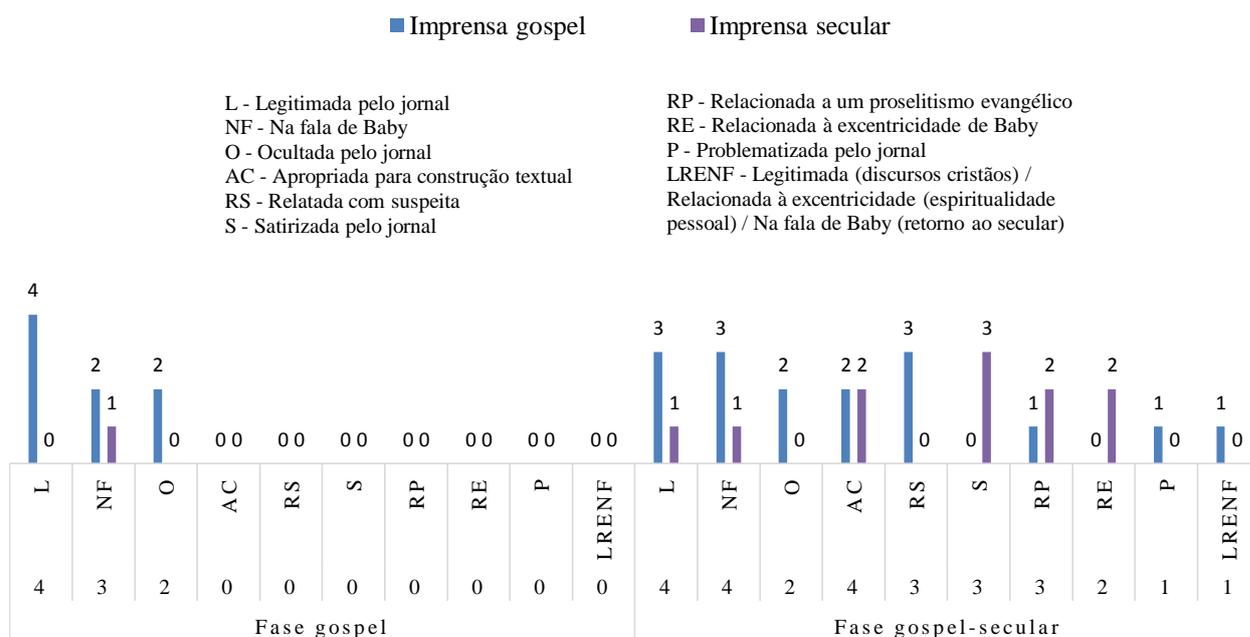


Gráfico 12: Narrativas de Baby do Brasil em matérias cujo Tema principal é ligado à religiosidade. Elaboração própria.

Na busca por relações entre maneiras de descrever as narrativas tecidas por Baby do Brasil e os temas principais das matérias que tinham ligação com a religiosidade (religiosidade de Baby do Brasil, narrativa da cantora sobre retorno à música secular, conflito gospel x secular e percepção do gospel no secular), percebe-se que, apesar da variedade de abordagens permanecer como característica geral, cai significativamente o número de incidência das publicações que se pautaram pela tentativa de um jornalismo neutro, ou seja, aquelas que relataram as narrativas de Baby do Brasil de modo a colocá-las sempre entre aspas, na fala de Baby, e aquelas que somente as usaram para construção textual.

É possível perceber, também, que a maioria das matérias em que a narrativa de Baby do Brasil foi legitimada pelos jornais tem como enfoque algum tema relacionado à religiosidade. Além disso, todas as publicações nas quais a narrativa foi relatada com suspeita ou satirizada pelos jornais têm, igualmente, algum assunto ligado à religiosidade como tema principal. Ou seja, junto à percepção de menor ocorrência de buscas pela neutralidade nessas matérias, nota-se que os jornais tiveram, nelas, algumas de suas posturas mais contundentes: legitimar, suspeitar ou satirizar as narrativas de Baby do Brasil.

### Temas principais das matérias em que há percepção (ou uso) do humor e seus dispositivos

42 publicações

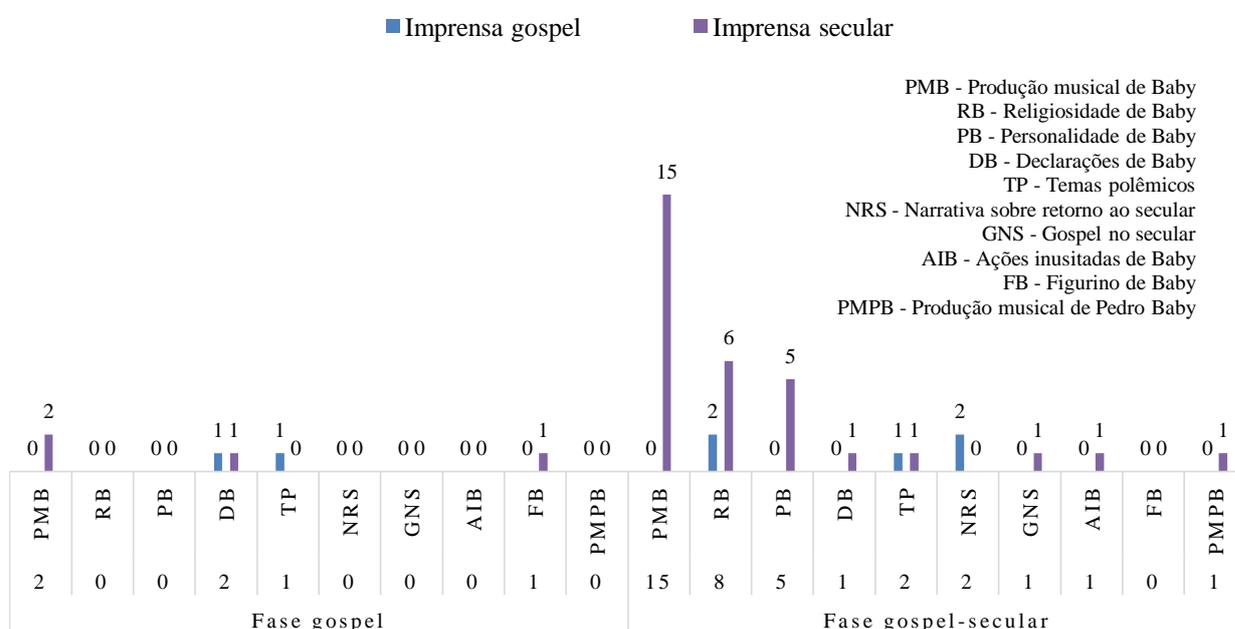


Gráfico 13: Temas principais das matérias nas quais há percepção (ou uso) do humor e de seus dispositivos. Elaboração própria.

Quanto à observação dos temas principais das matérias nas quais o humor e seus dispositivos foram percebidos em Baby do Brasil ou utilizados pelos jornais para retratá-la, salta aos olhos que somente um assunto que foi tema principal em outras publicações se ausenta da distribuição: o apontamento de um conflito gospel x secular, o que importa afirmar que não houve percepção (ou uso) do humor e de seus dispositivos em matérias nas quais o tema principal foi a indicação de um conflito gospel x secular – fato que voltará a foco em páginas seguintes.

### Temas principais das matérias nas quais temas polêmicos são abordados

17 publicações

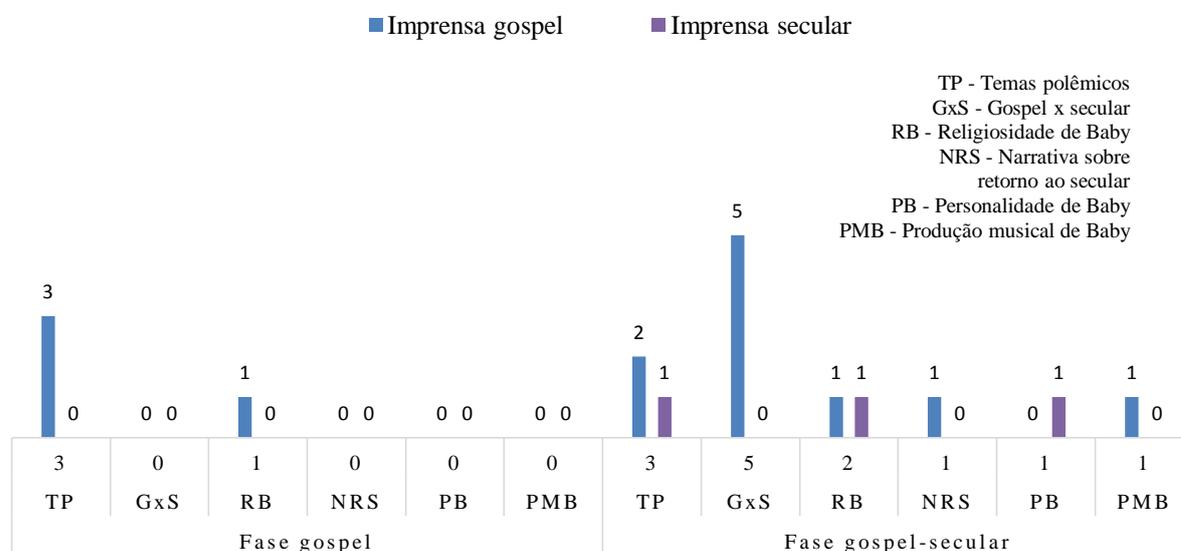


Gráfico 14: Temas principais das matérias nas quais temas polêmicos foram abordados. Elaboração própria.

Sobre os temas principais das matérias nas quais assuntos polêmicos são abordados, o que se pode perceber, nitidamente, é que apesar das poucas vezes em que a polêmica aparece (ao contrário do esperado no início da pesquisa), quando há, a esta é dada a evidência na maioria das matérias, pois podem ser somados os textos cujo tema principal é o apontamento de um conflito gospel x secular, em razão de que, como já foi notado, neles o conflito é justamente o tema polêmico identificado na publicação.

## Narrativas de Baby do Brasil em matérias nas quais temas polêmicos são abordados

17 publicações

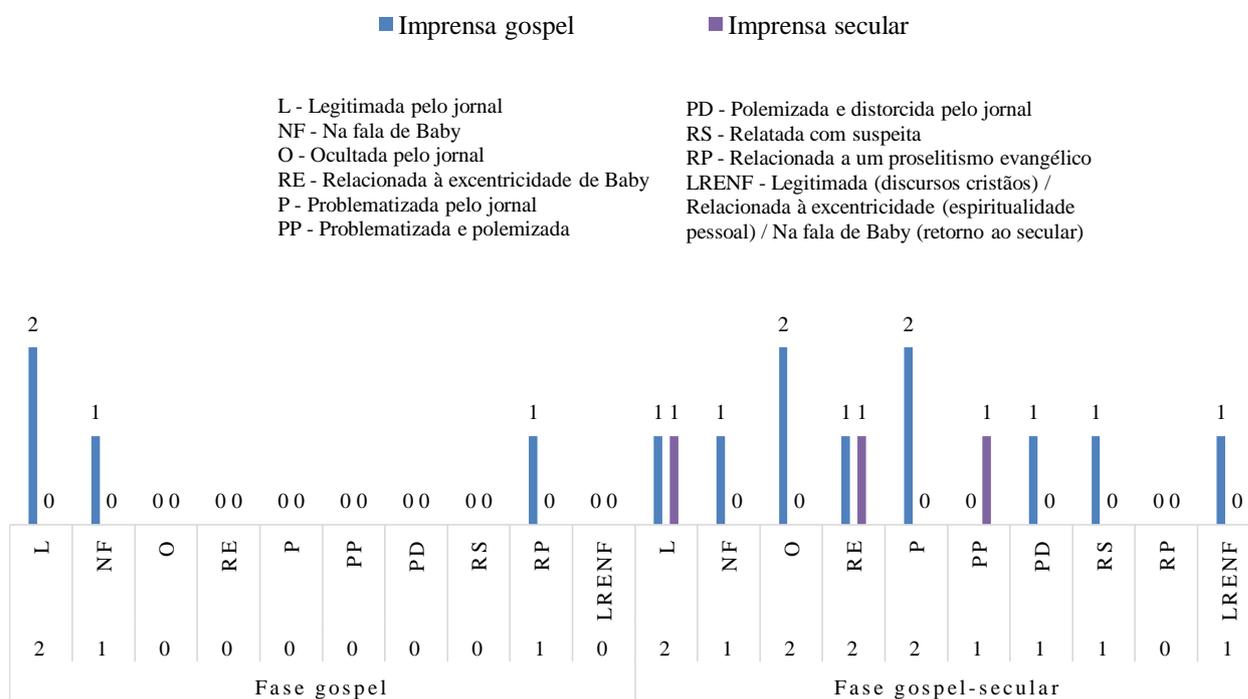


Gráfico 15: Narrativas de Baby do Brasil em matérias nas quais temas polêmicos foram abordados. Elaboração própria.

De modo semelhante, ainda que sejam poucas as matérias que problematizam as narrativas de Baby do Brasil, ou seja, as questionam, confrontam ou colocam de frente a opiniões/posições contrárias, todas essas são publicações nas quais a polêmica também é presente. Além disso, nota-se que, quando temas polêmicos são abordados, a postura dos jornais de legitimar as narrativas de Baby do Brasil diminui em número de ocorrências.

## Percepção (ou uso) do humor em matérias nas quais temas polêmicos são abordados

17 publicações

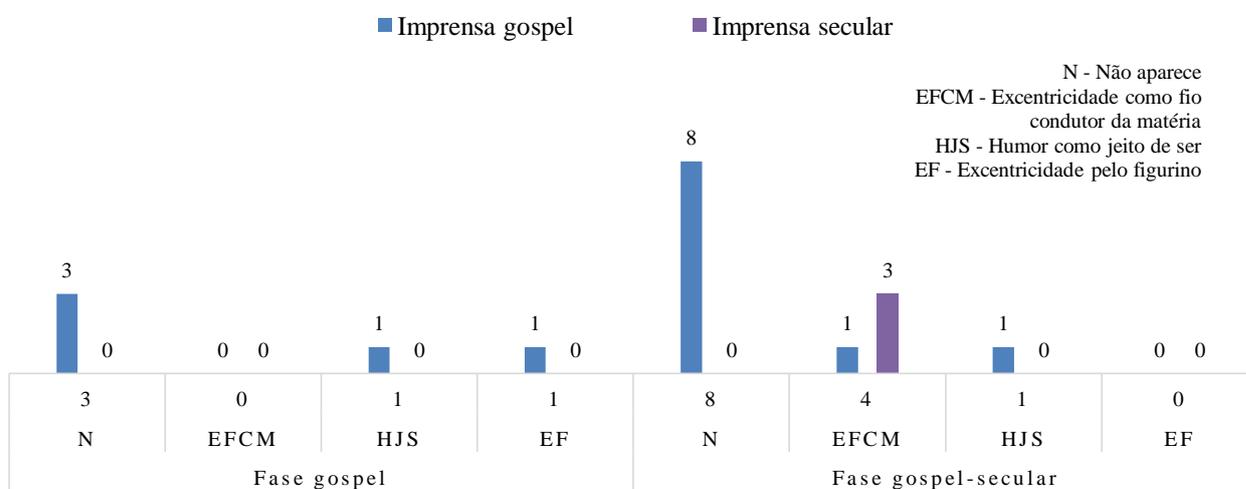


Gráfico 16: Percepção (ou uso) do humor e de seus dispositivos em matérias nas quais temas polêmicos foram abordados.

Obs.: Nesse índice, mais de um item de sentido pode ter sido identificado por publicação.

Elaboração própria.

Na busca por relações entre a abordagem de temas polêmicos e a percepção (ou uso) do humor e de seus dispositivos nas matérias, não foi possível estabelecer uma ligação entre os dois índices de registro. Pelo contrário, não há percepção (ou uso) do humor e de seus dispositivos na maior parte das matérias nas quais temas polêmicos aparecem.

## Temas polêmicos em matérias nas quais um conflito gospel x secular aparece

24 publicações

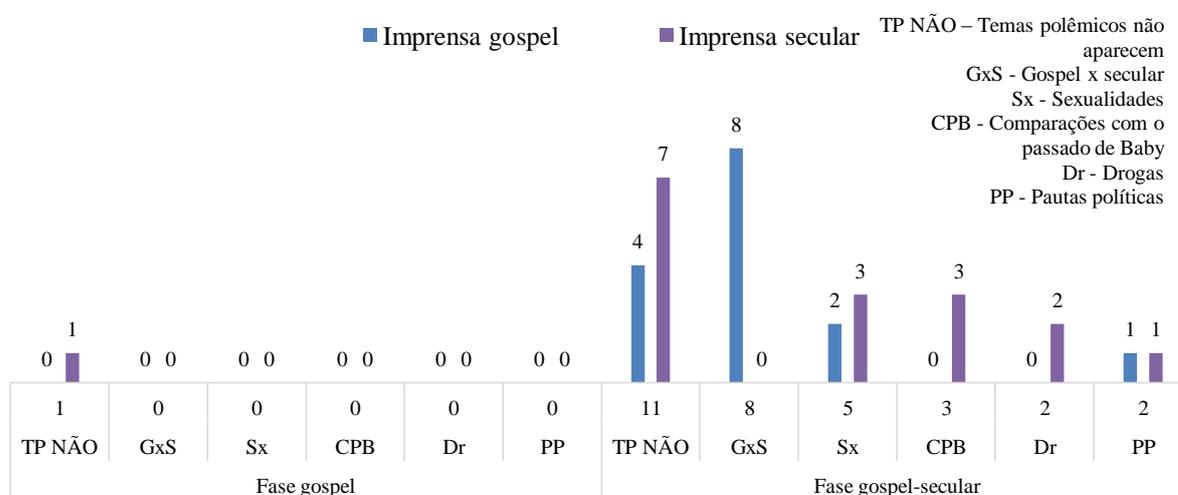


Gráfico 17: Temas polêmicos em matérias nas quais um conflito gospel x secular aparece.

Obs.: Nesse índice, mais de um item de sentido pode ter sido identificado por publicação.

Elaboração própria.

A respeito da presença de temas polêmicos em matérias nas quais há indicação de um conflito gospel x secular, o que se ressalta é que, dentre essas, está também a maioria das publicações que tiveram como causadores de polêmica temas ligados a drogas e sexualidades, ou seja, na maior parte das matérias nas quais assuntos polêmicos aparecem, coexistem os referentes a um conflito gospel x secular e os relacionados a sexualidades e drogas.

Por esse motivo, não é possível confirmar uma das hipóteses iniciais desta pesquisa: que a polêmica se ressaltaria nas publicações, em detrimento da percepção e problematização de um conflito causado pela mistura entre gospel e secular.

## Percepção (ou uso) do humor e de seus dispositivos em matérias nas quais um conflito gospel x secular aparece

24 publicações

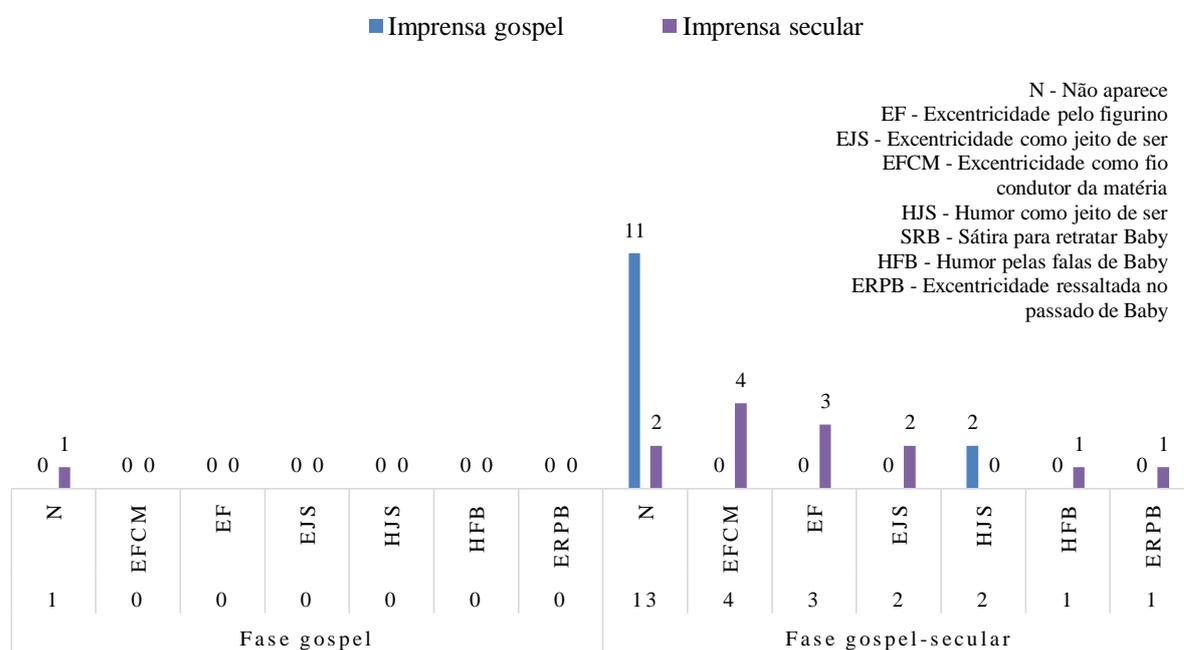


Gráfico 18: Percepção (ou uso) do humor e de seus dispositivos em matérias nas quais um conflito gospel x secular aparece.

Obs.: Nesse índice, mais de um item de sentido pode ter sido identificado por publicação.

Elaboração própria.

Já à procura de conexões entre o uso ou percepção do humor e a apreensão de um conflito gospel x secular, também de modo similar ao que se compreendeu acerca dos temas polêmicos, não é viável dizer que há ligação de causa e efeito entre os dois índices de registro.

Ao se atentar especificamente para as 42 matérias nas quais a comicidade se faz presente de alguma forma, nota-se que, na maioria delas (32 publicações), não há sequer apontamento de um conflito gospel x secular e que, entre as 10 matérias nas quais aparece, o assunto é somente notado em 9 (7 na imprensa secular) e em apenas 1 é um dos destaques temáticos (também na imprensa secular). Porém, quando se considera o total de matérias nas quais não há conflito gospel x secular, verifica-se que em 35 publicações não há o uso ou a percepção do cômico, ou seja, é um número superior, ainda que com pouca diferença, em relação às 32 matérias nas quais não é notado um conflito e o humor é usado.

Por outro ponto de vista, no exame das 24 publicações em que há conflito gospel x secular, nota-se que a maioria (14, das quais 12 são da imprensa gospel) não faz uso do

cômico e é composta, de igual forma em sua grande parte, justamente por aquelas matérias nas quais o tema é tratado com uma relevância maior dentro dos textos.

Dessa maneira, em suma, quando há conflito gospel x secular e há o uso ou percepção do humor nas matérias, essas são, em maioria, pertencentes à imprensa secular e o conflito aparece sem destaque; já quando há conflito gospel x secular, mas sem a presença do cômico nas publicações, essas são, em maioria, pertencentes à imprensa gospel e o conflito aparece com mais evidência.

Ademais, o que os resultados obtidos sugerem é que: existem, sim, publicações que usam o humor para descrever a personalidade ou ações de Baby do Brasil e que, ao mesmo tempo, não percebem um conflito entre as duas culturas hibridizadas pela cantora; todavia, não é possível, a partir dessa constatação, inferir que há uma relação de causa e efeito entre o uso do humor e a não percepção de um conflito gospel x secular, afinal, existem matérias que não o notam e tampouco fazem uso do cômico, e essas são em número até mesmo maior em comparação às que não percebem um conflito e se utilizam do humor.

## Narrativas de Baby do Brasil em matérias nas quais um conflito gospel x secular aparece

24 publicações

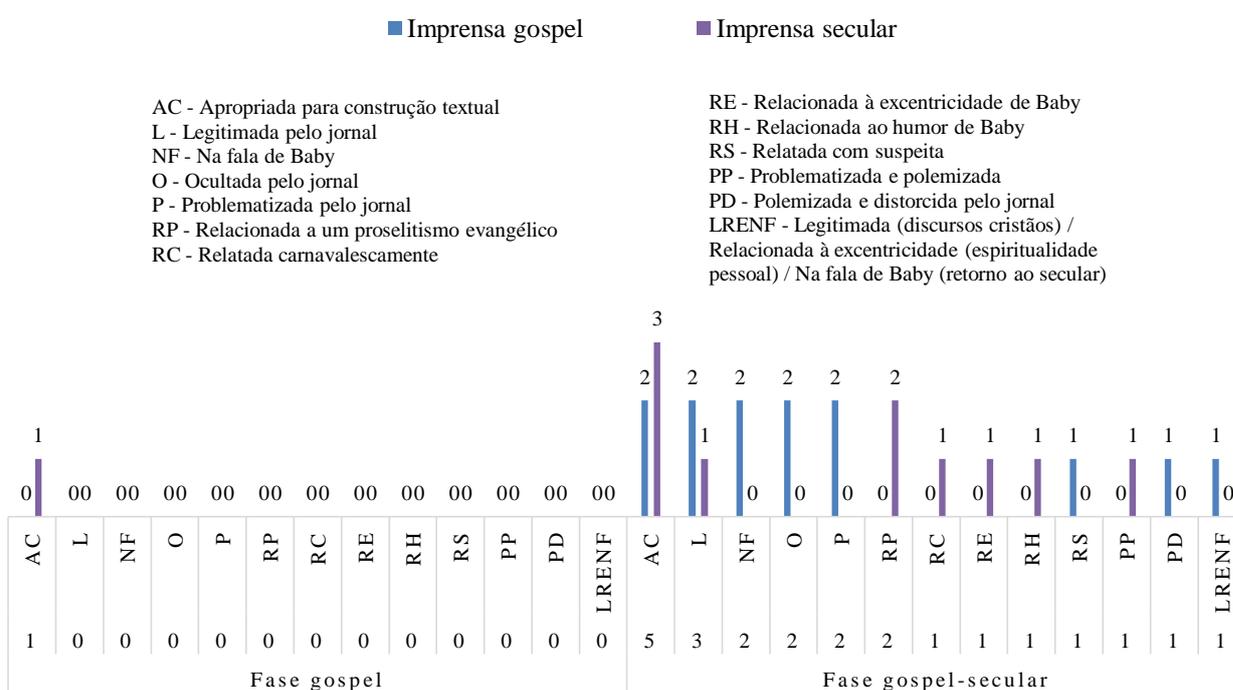


Gráfico 19: Narrativas de Baby do Brasil em matérias nas quais um conflito gospel x secular aparece. Elaboração própria.

Já na observação das narrativas de Baby do Brasil descritas pelos jornais em matérias nas quais há percepção de um conflito gospel x secular, nota-se que continua ampla a diversidade de abordagens e que, de modo semelhante às matérias nas quais constaram temas polêmicos, há uma queda de incidência na legitimação das narrativas da cantora, o que pode indicar uma liberdade maior, para tal posicionamento, quando as publicações não abordam temas polêmicos e tampouco indicam um conflito gospel x secular, assuntos que, conforme apontado anteriormente, aparecem juntos em muitos textos.

### Narrativas de Baby do Brasil em matérias nas quais não há conflito gospel x secular

67 publicações

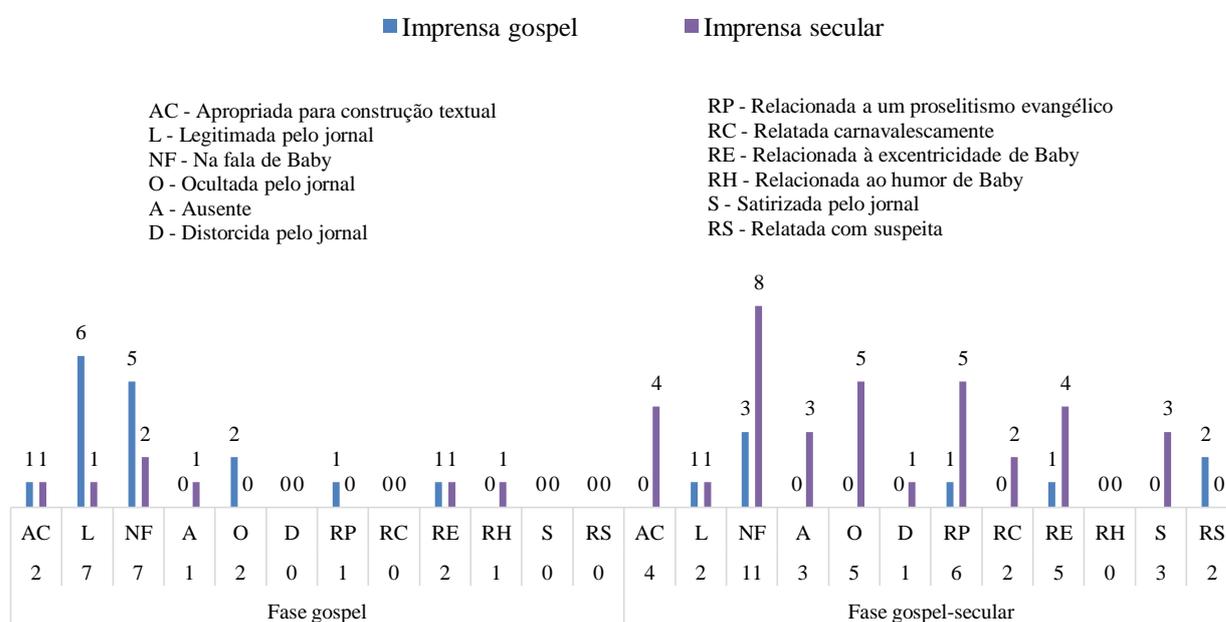


Gráfico 20: Narrativas de Baby do Brasil em matérias nas quais não há conflito gospel x secular. Elaboração própria.

Tal fato pode ser confirmado neste último gráfico, mas com a adição de um detalhe: a maioria das matérias nas quais houve a legitimação das narrativas de Baby do Brasil foi publicada na fase gospel da cantora (11/2005 – 10/2012), quando não há apontamento de um conflito gospel x secular, mas em razão da ausência do repertório secular neste período – com exceção de um show isolado, realizado em 2006, no qual Baby do Brasil, mesmo focada nas músicas religiosas, fez uma mescla no *setlist* de canções seculares e gospel, mistura que foi percebida pela imprensa secular, também de forma isolada, como harmoniosa.

Já nas publicações na fase gospel-secular de Baby do Brasil (11/2012 – 10/2015) em que não há percepção de um conflito gospel x secular, o que chama atenção é que se concentra, nessa especificação, a maior parte das matérias que procuram posicionar-se de maneira neutra em relação às narrativas da cantora ou as que buscam explicá-las de algum modo, associando-as à religião da artista ou à sua personalidade excêntrica, por exemplo.

## 5 CONSIDERAÇÕES

Essa pesquisa buscou, como objetivo geral, responder de que maneira o trânsito entre cultura gospel e cultura secular é percebido por imprensas online desses dois segmentos, em particular em matérias sobre a cantora Baby do Brasil, que mescla linguagens e práticas do gospel a ambientes e vivências da cultura secular, em meio a outros aspectos narrativos, como o uso do humor e a presença de temas polêmicos.

A cultura gospel, segundo Cunha (2017; 2004), se desenvolveu no Brasil, desde a década de 1990, em afastamento e oposição à cultura secular, que abarca toda e qualquer manifestação cultural que não possui caráter religioso protestante, ou seja, evangélico.

Essa separação atua centralmente na construção midiática de uma identidade própria dos evangélicos brasileiros na contemporaneidade – apesar da pluralidade de igrejas denominadas evangélicas, com diferentes liturgias e interpretações de textos sagrados – instituídos como nicho de mercado para o qual se destinam produtos e serviços específicos e, além disso, como um grupo atuante e crescente nos diversos campos da esfera pública, como na política partidária do país e nos espaços de mídia tradicionais ou digitais – estes últimos, onde se pode perceber a pluralidade de vertentes com maior nitidez (CUNHA, 2017).

No caso da cantora Baby do Brasil, especificamente a partir de 2012, através da turnê Baby Sucessos, essa separação entre cultura gospel e cultura secular não existe. A artista – que já foi conhecida como Baby Consuelo, ao integrar nos anos 1970 o grupo de samba-rock Novos Baianos e depois seguir carreira solo – apresenta em seus shows um repertório de canções não religiosas, mas as entremeia com expressões e condutas características do gospel, já que, desde o início dos anos 2000, professa a fé evangélica.

A fim de monitorar, com respeito ao trânsito entre cultura gospel e cultura secular, as construções simbólicas que se fazem predominantes na sociedade brasileira, é que se optou por partir destes movimentos de Baby do Brasil, uma vez que a constante cobertura jornalística sobre a cantora, por sua condição de celebridade – e em imprensas de ambas as culturas, gospel e secular –, permite uma observação ampliada das representações articuladas nos jornais sobre um fenômeno que não se dá de forma isolada, mas em menor escala e sem tanta atenção das mídias se manifesta em outros lugares e com outros grupos de pessoas.

As narrativas jornalísticas, assim como toda narrativa, são formas de mediação dos fenômenos sociais. Através delas, intercambiam-se experiências da existência quotidiana (SODRÉ, 2009), explicitando, criticando e até mesmo transformando aquilo que é vivenciado (SILVA, 2013). Por meio das produções jornalísticas, é possível investigar quais pensamentos

se estabelecem como hegemônicos em uma sociedade (BENETTI, 2010), já que a construção da realidade, tal qual traduzida por esses veículos de comunicação, ocorre de forma histórica e social, em meio a outros fatores que atuam na elaboração das notícias (MEDITSCH, 2010).

Em análise primeira dos aspectos culturais e comunicacionais presentes nas narrativas tecidas por Baby do Brasil em seus shows e nas entrevistas que concede, compreende-se que a própria Baby do Brasil é uma narrativa midiática, enquanto personagem que é em todas as ações que realiza nos âmbitos das mídias (SILVA; SANTOS, 2015). Baby do Brasil é, assim, um texto da cultura (LOTMAN, 1978), o que torna possível sua compreensão a partir de suas vinculações com outros textos culturais ao entorno e com seus próprios subtextos, ou seja, aqueles que se encontram já dentro da própria narrativa e que a constituem.

De forma interna ou externa, e de modo mais próximo ou distante nas associações, despontam como essenciais para compreender Baby do Brasil como narrativa, em seu trânsito entre a cultura gospel e a cultura secular:

- a) a antropofagia como linguagem artística, promotora de mesclas entre elementos culturais distintos e mesmo antagônicos, existente desde o início da carreira da cantora, quando era vocalista do grupo de samba-rock Novos Baianos nos anos 1970;
- b) as experiências de espiritualidade presentes em toda a vida de Baby do Brasil – luta contra o diabo, leitura da Bíblia, tentativa de viver como Jesus, busca por milagres e por manifestações divinas – algumas relatadas pela artista mesmo antes de declarar sua conversão à fé evangélica pentecostal, com as quais todas essas se relacionam;
- c) a presença de um vocabulário, nas canções do repertório secular de Baby do Brasil, que possui semelhanças com o vocabulário usado em músicas gospel brasileiras;
- d) os elementos de fé e de espiritualidade que podem ser identificados em diversas canções da música popular e da música secular em geral no Brasil;
- e) os movimentos de grupos musicais formados por evangélicos de distintas igrejas nos anos 1970, antes da explosão da cultura gospel no Brasil, que buscavam dialogar com as canções seculares em seus processos de composição;
- f) os artistas evangélicos que, na contemporaneidade, rejeitam o selo gospel, em busca de maior liberdade nas explorações musicais e temáticas.

A antropofagia eclode, nessa esteira, como elemento chave de análise, pois é por meio de um processo antropófago que Baby do Brasil comunica ao público a sua professada fé evangélica pentecostal, permeada pela cultura gospel, em seu retorno ao repertório de música popular brasileira a partir da turnê Baby Sucessos (2012 – 2015).

Modo de operar a linguagem artisticamente, através da devoração crítica e autocrítica do distinto e do distante, a antropofagia atua, com desempenho fundamental do humor, na junção de textos díspares da cultura, transformando-os em novo e singular elemento cultural (ANDRADE, 1976; SILVA, 2007). Como processo comunicacional, pode ser relacionada ao conceito de carnavalização (BAKHTIN, 1987) – lógica das inversões, do mundo ao contrário e da mistura de tudo com tudo, também fundamentada no humor – e, ainda, ao de dialogismo (BAKHTIN, 1997), que ensina que todo enunciado se constrói não somente voltado ao que quer dizer, mas é elaborado em diálogo com aquele para quem quer falar.

O que se identifica, em Baby do Brasil, é um processo antropofágico. Carnavaliza-se o gospel e cristianiza-se o secular, em uma via de mão dupla na qual esses movimentos se confundem. O humor, amplamente utilizado pela cantora, aparece como dispositivo e prova da antropofagia que quebra a dicotomia gospel/secular, desaparece com o *versus* indicador de uma oposição e faz surgir o novo: nem gospel, nem secular, mas gospel-secular.

Nas representações jornalísticas a respeito desses movimentos de Baby do Brasil, contudo, as divisões voltam a ter lugar, o que pôde ser observado por meio de análise de conteúdo (BARDIN, 2011) realizada em 91 matérias, veiculadas em dois momentos diferentes da carreira da artista: um de dedicação à música gospel (11/2005 – 10/2012) e outro denominado de fase gospel-secular (11/2012 – 10/2015), que abarca a turnê Baby Sucessos, na qual se dá a antropofagia promovida pela cantora.

Na imprensa gospel, a maioria das publicações veiculadas na fase gospel-secular (11/2012 – 10/2015) de Baby do Brasil evidencia a existência de um conflito gospel x secular, e na maior parte, aborda o tema com destaque e tom de polêmica. A não indicação do conflito nas demais matérias veiculadas nesse período, entretanto, não aponta para uma compreensão do fazer antropofago de Baby do Brasil e de suas narrativas, pois as publicações se dividem entre as que buscam aparentar uma neutralidade, deixando as falas da artista entre aspas; as que relatam com suspeita as narrativas da cantora; e as que as relacionam à sua personalidade excêntrica ou a um proselitismo religioso. Apenas em uma matéria há a legitimação da narrativa da cantora e, ainda assim, somente a respeito da fé professada por Baby do Brasil.

Na imprensa secular, a percepção de um conflito gospel x secular é bem menor, porém, considera-se que também não há indicativo de compreensão das narrativas de Baby do Brasil e da antropofagia que promove, pois as matérias publicadas na fase gospel-secular da artista (11/2012 – 10/2015), em grande parte, buscam ora ocultar as narrativas da cantora – deixando de lado os temas religiosos e colocando a evidência na produção musical –; ora as deixando entre aspas ou somente usando para construção textual; ora as relacionando a um

proselitismo evangélico ou à excentricidade da artista; e ora, ainda, as satirizando ou distorcendo. Outro indício do afirmado são os relatos sobre inserções, por parte de Baby do Brasil, de características do gospel em ambientes seculares, pois mesmo que não apontem para a existência de um conflito, entende-se que revelam um estranhamento, ou, ao menos, sinalizam a presença de elementos distintos e não integrados aos âmbitos da música secular.

As únicas exceções ao quadro geral acima descrito, em 91 publicações, são 4 matérias da imprensa secular. A primeira publicada ainda na fase gospel (11/2005 – 10/2012) de Baby do Brasil, quando as combinações no *setlist* entre músicas religiosas e seculares, realizadas em apresentação única da cantora em 2006, foram relatadas de maneira harmoniosa, ou seja, sem indicação da existência de um conflito tampouco de uma cisão entre culturas. As demais foram publicadas na fase gospel-secular da cantora (11/2012 – 10/2015). Em uma reportagem, a imprensa secular legitimou as narrativas de Baby do Brasil, com suas misturas entre gospel e secular. E em duas publicações – as únicas, aliás, do gênero jornalístico da crônica – as narrativas da cantora e suas mesclas foram relatadas carnavalescamente, ou seja, considera-se que a antropofagia e a carnavalização identificadas em Baby do Brasil também ocorreram na forma com que se relataram as narrativas da cantora e seu trânsito entre o gospel e o secular.

Pelo exposto, constata-se que, mesmo nas matérias em que o entrelaçamento entre gospel e secular não foi percebido como problemático, gerador de conflitos, a separação entre essas duas culturas aparece com predomínio nas representações das imprensas. E ao contrário do formulado como hipótese no início, o uso do humor e a presença de temas polêmicos nos textos, em geral, não interferiram na percepção da existência de um conflito entre culturas, que mais se alterou, nas formas dos relatos, a depender de onde as matérias foram veiculadas: na imprensa gospel, com seu foco editorial voltado, na cobertura sobre Baby do Brasil, aos assuntos relacionados à religião evangélica; ou na imprensa secular, com seu foco editorial voltado, na cobertura sobre a cantora, ao mundo da música e das celebridades.

O que se destaca, de qualquer modo, na análise das publicações, é a incompreensão do que atravessa a antropofagia de Baby do Brasil, pois: sagrado e profano, transcendência e imanência, não são opostos, mas se complementam (BOFF, 2000); a música popular brasileira, à qual se integra o repertório da cantora na turnê Baby Sucessos, é permeada de expressões de fé e de espiritualidade; e o palco, espaço onde a artista carnavaliza o gospel e cristianiza o secular, é por si lugar da ambivalência, simultaneamente profano – não religioso – e sagrado, por acolher momentos ritualísticos, nos quais significados são reavivados e se experimenta um tempo fora do tempo, renovando-o (ELÍADE, 1992).

As considerações delineadas até aqui, entretanto, não restam finais. O fim diz respeito apenas ao percurso no mestrado em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, que fundamentou os conhecimentos trabalhados ao longo desta dissertação. Esta pesquisa, assim, a nada fecha, antes abre novos caminhos e novas perguntas, como, por exemplo: quais as possíveis relações entre a antropofagia de Baby do Brasil e os conceitos teóricos da Ecologia da Comunicação, de Vicente Romano (1998), que direciona seu olhar a modos contra-hegemônicos de comunicação; e quais os possíveis resultados de análise em produções jornalísticas de veículos de comunicação que abrem espaço para modos mais complexos de representações dos fenômenos sociais, como é o caso do jornalismo literário.

Por não fim, ou em outras palavras, por começo, este trabalho aponta, nas construções simbólicas que permeiam a sociedade brasileira, a predominância da divisão, do conflito, da oposição, e, portanto, da polarização entre cultura evangélica e cultura secular – o que revela a necessidade de ainda muitas reflexões sobre o que atravessa, embasa e fomenta esse cenário sociocultural, que como visto, repercute nos diversos campos da esfera pública.

## Referências

AGUIAR, Leonel Azevedo de. Entretenimento: valor-notícia fundamental. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 15-25, jan./jun. 2008.

ALMEIDA, Marcos. Nossa Brasilidade. **Nossa Brasilidade**, 2012. Disponível em: <<http://nossabrasilidade.com.br/musica-de-raiz/>>. Acesso em: 23 de outubro de 2015.

\_\_\_\_\_. Nossa Brasilidade. **Nossa Brasilidade**, 2014. Disponível em: <<http://nossabrasilidade.com.br/estilo-musical-e-circuito-cultural/>>. Acesso em: 27 de outubro de 2015.

ANDRADE, Ana Paula. 'A carne não me vence', diz Baby do Brasil, sem sexo há 13 anos. **Ego Notícias**, 2012. Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2012/04/carne-nao-me-vence-diz-baby-do-brasil-sem-sexo-ha-13-anos.html>>. Acesso em: 2 de dezembro de 2015.

ANDRADE, Oswald de. **Manifesto antropófago e manifesto da poesia pau-brasil**. In: TELES, G. M. Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3ª. ed. Brasília: Vozes, 1976. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>>. Disponível em: Acesso em: 26 de maio de 2016.

ARAÚJO, Daniela. **Criador do Mundo**. Onimusic, 2014.

BABY do Brasil fala sobre sua nova fase; assista. **Folha de São Paulo**, 2012. Disponível em: <http://m.folha.uol.com.br/serafina/2012/12/1191115-baby-do-brasil-fala-sobre-sua-nova-fase-assista.shtml> . Acesso em: 11 de abril de 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1987.

\_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 1ª. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BASTOS, Cristiano. Baby é do Brasil. **Revista Rolling Stone**, 2010. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/46/baby-e-do-brasil>>. Acesso em: 18 novembro 2015.

BENETTI, Márcia. O jornalismo como acontecimento. In: BENETTI, Márcia e FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **Jornalismo e acontecimento: Mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.

BENETTI, Márcia e FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **Jornalismo e acontecimento: Mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGAMO, Mônica. Coluna Mônica Bergamo. **Folha de São Paulo**, 2005. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0411200508.htm>. Acesso em: 11 de abril de 2017.

BERGER, Christa; TAVARES, Frederico M. B. Tipologias do acontecimento jornalístico. In: BENETTI, Márcia e FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **Jornalismo e acontecimento: Mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.

CABRAL, Gladir da Silva; PEREIRA, Sérgio Paulo de Andrade. Contracultura no Protestantismo: o álbum *De Vento em Popa* (1977). **Ciências da Religião - História e Sociedade**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 119-139, segundo semestre 2012. ISSN 1678-5274 (impresso); 1980-9425 (on-line).

CALVANI, Carlos Eduardo Brandão. **Teologia e MPB: um estudo a partir da Teologia da cultura de Paul Tillich**. São Paulo: Loyola, 1988.

CAMARGO, Jorge. **De Vento em Popa: Fé cristã e Música popular brasileira**. São Paulo: Editora Reflexão, 2009.

CAMARGO, Zeca. Show de Baby do Brasil foi noite histórica, diz Zeca Camargo. **Folha de São Paulo**, 2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/serafina/2012/12/1190179-show-de-baby-do-brasil-foi-noite-historica-diz-zeca-camargo.shtml>. Acesso em: 7 de abril de 2014.

CAMPELO, Cleide Riva. **Cal(e)idoscorpos: um estudo semiótico do corpo e seus códigos**. 1ª. ed. São Paulo: Annablume, 1997. 138 p.

CANGUÇU, Cristiano Figueira. **A construção narrativa e plástica do filme Matrix**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2008. Dissertação de mestrado disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/1162/1/Cristiano%20Figueira%20Cangu%20C3%A7u.pdf>. Acesso em: 31 de maio de 2016.

CARVALHO, Olivia Bandeira de Melo. **Música gospel: aproximações e conflitos entre o sagrado e o secular**. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia. Natal. 2014. p. 1 -20.

CASALEGNO, Alberto. A cidade entre realidade e símbolo: duas perspectivas do Apocalipse. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 27, n. 71, p. 7-26, 1995.

CHAGAS, TIAGO. Após show na “babilônia”, pastora Baby do Brasil anuncia nova turnê com músicas seculares: “Ela está voltando para casa”. **Gospelmais**, 2012a. Disponível em: <http://www.sitefuxicogospel.com/2012/11/apos-show-na-babilonia-pastora-baby-do.html>. Acesso em: 11 de abril de 2017.

\_\_\_\_\_. Evangélica, Baby do Brasil anuncia show comemorativo de 60 anos com músicas seculares: “Deus deu sinal pra entrar na Babilônia”. **Gospelmais**, 2012b. Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/baby-brasil-show-musicas-seculares-deus-sinal-44216.html>. Acesso em: 4 de abril de 2017.

\_\_\_\_\_. Carnaval é festa de Deus, diz Baby do Brasil, justificando sua participação na folia. **Gospelmais**, 2014. Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/carnaval-festa-deus-baby-brasil-justificando-folia-65521.html>. Acesso em: 5 de abril de 2017.

\_\_\_\_\_. Baby do Brasil diz que “Deus não é careta” e crava: “O sangue de Jesus apaga pecados”. **Gospelmais**, 2015. Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/baby-do-brasil-sangue-jesus-apaga-pecados-77034.html>. Acesso em: 10 de abril de 2017.

CONSUELO, Baby; GOMES, Jorginho. **Telúrica**. [S.l.]: ELEKTRA/WEA, 1981.

CONSUELO, Baby; GOMES, Pepeu. **Mensageiro Interplanetário**. CBS, 1985.

CORSALETTI, Fabrício. Tinindo trincando. **Folha de São Paulo**, 2013. Disponível em: <http://m.folha.uol.com.br/colunas/fabriciocorsaletti/2013/01/1210086-tinindo-trincando.shtml?mobile>. Acesso em: 11 de abril de 2014.

CUNHA, Magali Nascimento. **Do púlpito às mídias sociais: evangélicos na política e ativismo digital**. 1.ed. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

\_\_\_\_\_. Elucidações contemporâneas nos estudos brasileiros em mídia e religião: a perspectiva das mediações culturais e comunicacionais. **Famecos**, Porto Alegre-RS, v. 23, n. 1, p. 1-17, mai./ago. 2016a.

\_\_\_\_\_. Religião no noticiário: marcas de um imaginário exclusivista no jornalismo brasileiro. **E-compós**, Brasília, v. 19, n. 1, jan./abr. 2016b. Disponível em: <[www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/download/1204/883](http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/download/1204/883)>. Acesso em: 19 de abril de 2017.

\_\_\_\_\_. **Vinho Novo em Odres Velhos: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil**. Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 347. 2004. (Tese).

CUSIC, Don. **The Sound of Light: A History of Gospel Music**. Ohio: Bowling Green State University Popular Press, 1990. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=YM3B7MQ3QW0C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=YM3B7MQ3QW0C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 15 de agosto de 2017.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

EVANGELISTA, Ronaldo. Baby do Brasil volta à música secular. **Folha de São Paulo**, 2006. Disponível em: <http://feeds.folha.uol.com.br/fsp/acontece/ac0811200601.htm>. Acesso em: 5 de abril de 2017.

FAVARETTO, Celso. **Tropicália: alegoria, alegria**. 3ª edição. Cotia: Ateliê Editorial, 2000.

FILHO, Carlos Gomes de Oliveira Filho. Entre ismos e beats: a antropofagia que nos une. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXVIII, 4 a 7/9/2015, Rio de Janeiro. **Anais da Intercom**. Rio de Janeiro: Intercom, 2015. p. 1-12.

FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. O acontecimento como notícia: do conceito à prática profissional. In: BENETTI, Márcia e FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **Jornalismo e acontecimento: Mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.

FURTADO, Kevin Willian Kossar; WOITOWICZ, Karina Janz. Manifestações religiosas na pauta jornalística: análise da cobertura sobre o tema no site Cultura Plural. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Ponta Grossa-PR, v. 14, n. 32, p. 149-168, maio/agosto 2016. Disponível em: <http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/2094/1458>. Acesso em: 16 de março de 2017.

GALVÃO, Luiz. **Novos Baianos: a história do grupo que mudou a MPB**. São Paulo: Lazuli, 2014. Versão digital. Disponível em: [https://play.google.com/books/reader?id=XkVADQAAQBAJ&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt\\_BR&pg=GBS.PT17.w.0.0.0.1](https://play.google.com/books/reader?id=XkVADQAAQBAJ&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt_BR&pg=GBS.PT17.w.0.0.0.1). Acesso em: 2 de agosto de 2017.

GOIS, Ancelmo. A coluna de hoje. **O Globo**, 2014. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/a-coluna-de-hoje-557563.html>. Acesso em: 10 de abril de 2017.

GOMES, Didi; GOMES, Pepeu; CONSUELO, Baby. **Paz e Amor**. ELEKTRA/WEA, 1981.

JUNIOR, Jeder Janotti. **Por uma análise midiática da música popular massiva**: Uma proposição metodológica para a compreensão do entorno comunicacional, das condições de produção e reconhecimento dos gêneros musicais. E-Compos - Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Agosto 2006. p. 1-15. Disponível em: <http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/84/84>. Acesso em: 15 de junho de 2016.

KRAMER, Renato. ‘Eu tenho um lado masculino muito forte’, declara Baby do Brasil. **Folha de São Paulo**, 2015. Disponível em: <http://f5.folha.uol.com.br/colunistas/renatokramer/2015/05/1625381-eu-tenho-um-lado-masculino-muito-forte-declara-baby-do-brasil.shtml>. Acesso em: 11 de abril de 2014.

KÜCHLER, Adriana. Em nova fase, Baby do Brasil deixa gospel de lado e relembra clássicos. **Folha de São Paulo**, 2012. Disponível em: <http://m.folha.uol.com.br/serafina/2012/12/1190177-em-novafase-baby-do-brasil-deixa-gospel-de-lado-e-relembra-classicos.shtml?mobile>. Acesso em: 18 de outubro de 2015.

LOPES, Leiliane Roberta. Baby do Brasil diz que seu trio elétrico não foi um fracasso. **Gospelprime**, 2012a. Disponível em: <https://noticias.gospelprime.com.br/baby-do-brasil-diz-que-seu-trio-eletrico-nao-foi-um-fracasso/>. Acesso em: 14 de março de 2017.

\_\_\_\_\_. Baby do Brasil leva trio elétrico gospel para o Carnaval de Salvador. **Gospelprime**, 2012b. Disponível em: <https://noticias.gospelprime.com.br/baby-do-brasil-leva-trio-eletrico-gospel-para-o-carnaval-de-salvador/>. Acesso em: 11 de abril de 2017.

\_\_\_\_\_. “Eu sou a Matrix de Deus no carnaval”, diz Baby do Brasil. **Gospelprime**, 2014. Disponível em: <https://noticias.gospelprime.com.br/matrix-deus-carnaval-baby-do-brasil/>. Acesso em: 5 de abril de 2017.

LOTMAN, Iuri.; USPENSKII, Boris. A. Sobre o mecanismo semiótico da cultura. In: LOTMAN, Iuri; USPENSKII, Boris; IVANÓV, Viacheslav. **Ensaio de semiótica soviética**. Lisboa: Livros Horizonte, 1981. Cap. 3, p. 272.

MACIEL, Betania. Multiculturalismo / Multiculturalidade. In: WOITOWICZ, Karina Janz; GADINI, Sérgio Luiz. **Noções básicas em Folkcomunicação: uma introdução aos Principais termos, conceitos e expressões**. Ponta Grossa: UEPG, 2007. p. 172.

MARCONDES FILHO, 2014. A nova forma de pesquisar a comunicação: a engenharia das emoções, o autômato espiritual e um campo de conhecimento que se constitui. In: FRANÇA, Vera Veiga; ALDÉ, Alessandra; RAMOS, Murilo César (Orgs.). **Teorias da Comunicação no Brasil: reflexões contemporâneas**. Salvador-Brasília: EDUFBA-COMPÓS, 2014.

MARTINEZ, Monica. Reflexões sobre Jornalismo e História Oral: um campo com mais convergências do que dissonâncias. **Revista Observatório**, Palmas-PI, v. 2, n. 1, p. 76-91, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://sistemas2.uft.edu.br:8004/periodicos/index.php/observatorio/article/view/1869/8686>. Acesso em: 16 de março de 2017.

MARTINEZ, Monica et al. Assessoria de imprensa, narrativas midiáticas e saúde: simbiose de fontes, jornalistas, leitores, personagens e afetos. **Intexto**, Porto Alegre, n. 38, p. 197-224, jan./abr. 2017.

MARTINO, Luís Mauro Sá. A compreensão como método. In: KÜNSCH, D. A., et al. **Comunicação, diálogo e compreensão**. São Paulo: Plêiade, 2014. p. 309.

\_\_\_\_\_. **Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais**. São Paulo: Paulus, 2016.

MARTINS, Sérgio. "Jesus é um casca-grossa": Baby do Brasil agora é pastora evangélica e tem uma igreja. Mas continua em outro planeta. **Veja**, São Paulo, n. 1928, p. 130-131, 26 Outubro 2005. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>. Acesso em: 17 novembro de 2015.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo e construção social do acontecimento. In: BENETTI, Márcia e FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **Jornalismo e acontecimento: Mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.

METZGER, Bruce M.; COOGAN, Michael D. **Dicionário da Bíblia, vol. 1: as pessoas e os lugares**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

MICHAELIS. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 13 de março de 2017.

MIKLOS, Jorge. Religião midiaticizada e ciberespaço: perspectivas teórico-crítica para os campos acadêmico e midiático. In: Congresso Ibero-Americano de Comunicação, XIV, mar./abr., 2015, São Paulo. **Anais Ibercom 2015**. São Paulo: ECA-USP, 2015. p. 3451-3461.

MOTTA, Nelson. **Noites Tropicais: solos, improvisos e memórias musicais**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

NÃO vai ter bunda mole no Céu, só casca grossa!, determina a “popstora” Baby do Brasil. **O Globo**, 2015. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/rock-in-rio-minuto-a-minuto/post/nao-vai-ter-bunda-mole-no-ceu-so-casca-grossa-determina-popstora-baby-do-brasil.html>. Acesso em: 4 de abril de 2017.

OLIVEIRA, Luccas. Reunião familiar no Sunset emociona Baby do Brasil, Pepeu Gomes e Pedro Baby. **O Globo**, 2015. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/rock-in-rio/reuniao-familiar-no-sunset-emociona-baby-do-brasil-pepeu-gomes-pedro-baby-17554086#ixzz4dONqpISu>. Acesso em: 5 de abril de 2017.

ORTIZ, Fabíola. Aos 60, Baby do Brasil ressurgue e afirma: "Estou de volta, totalmente matrix". **Música Uol**, 2012. Disponível em: <https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2012/11/01/aos-60-baby-do-brasil-ressurgue-e-afirma-estou-de-volta-totalmente-matrix.htm>. Acesso em: 11 de abril de 2017.

PEREIRA, Sérgio Paulo de Andrade. **Música Popular no Brasil e Protestantismo: uma história de encontros e desencontros**. Anais eletrônicos do XXII Encontro Estadual de História da ANPUH-SP. Santos. 2014. p. 1-16.

PINHEIRO, Amálio. **América Latina: barroco, cidade, jornal**. 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

PONTES, Felipe Simão; SILVA, Gislene. Acontecimento jornalístico e história. In: BENETTI, Márcia e FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **Jornalismo e acontecimento: Mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.

PROPP, Vladimir. **Comicidade e Riso**. São Paulo: Ática, 1992. 215 p.

RESENDE, Fernando. Às desordens e aos sentidos: a narrativa como problema de pesquisa. In: SILVA, Gislene et al. organizadores. **Jornalismo contemporâneo: figuras, impasses e perspectivas**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2011.

ROCHA, Antônio do Amaral. Virada Cultural 2014: “No céu não tem bunda mole, só casca grossa”, diz Baby do Brasil. **Revista Rolling Stone**, 2014. Disponível em: <http://rollingstone.uol.com.br/noticia/virada-cultural-2014-baby-do-brasil/#imagem0>. Acesso em: 15 de março de 2017.

RODRIGUES, Leonardo. Baby do Brasil: “Pessoal tem que ficar feliz porque não morri de overdose”. **Música Uol**, 2015a. Disponível em: <https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2015/05/29/pessoal-tem-que-ficar-feliz-porque-nao-morri-de-overdose-diz-baby.htm>. Acesso em: 5 de abril de 2017.

RODRIGUES, José Carlos. Ventura e desventura da carnavalização. In: RODRIGUES, J. C. **Imaginários e dramas sociais: estudos de significação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2015b. Cap. 7, p. 310.

ROOKMAAKER, Hans. **A arte moderna e a morte de uma cultura**. Tradução de Valéria Lamim Delgado. 1. ed. Viçosa: Ultimato, v. 1, 2015. 279 p. ISBN 978-85-7779-119-4.

SANTHIAGO, Ricardo. Vidas em Canções e outras notas sobre cultura autobiográfica. **Resgate**, Campinas, v. XXII, n. n. 27, p. 91 -108, Janeiro-Junho 2014.

SCARPA, Guilherme. Baby do Brasil pede para apagarem baseado em seu show no Circo Voador. **O Globo**, 2014. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/post/baby-do-brasil-pede-para-apagarem-baseado-em-seu-show-no-circo-voador-557366.html>. Acesso em: 4 de abril de 2017.

SERELLE, Márcio. Da sedução e do abalo: a narrativa jornalística do horror. *In*: SILVA, Gislene et al. organizadores. **Jornalismo contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2011.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 95-107, 2005.

SILVA, Míriam Cristina Carlos. **Comunicação e Cultura Antropofágicas: mídia, corpo e paisagem na erótico-poética oswaldiana**. 978-85-205-0486-4. ed. Porto Alegre - Sorocaba: Sulina - EDUNISO, 2007.

\_\_\_\_\_. João da Filmadora e as narrativas midiáticas. **Culturas Midiáticas**, João Pessoa-PB, v. 6, n. 11, p. 1-12, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/cm/article/view/175566>. Acesso em: 06 de março de 2017.

\_\_\_\_\_. Contribuições de Iuri Lotman para a comunicação: sobre a complexidade do signo poético. *In*: FERREIRA, G. M., et al. **Teorias da Comunicação: Trajetórias Investigativas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. Cap. 6, p. 292.

\_\_\_\_\_. O Infiltrado: narrativas midiáticas e uma poética antropofágica. **Galaxia**, São Paulo, v. 30, p. 125-137, dezembro 2015.

SILVA, Míriam Cristina Carlos; SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. Peregrinação, experiência e sentidos: Uma leitura de narrativas sobre o Caminho de Santiago de Compostela. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação E-Compós**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 15, maio/agosto 2015. Disponível em: [www.e-compos.org.br](http://www.e-compos.org.br). Acesso em: 18 de novembro de 2015.

SOARES, Thiago. Idolatria e mitos geracionais: questões para compreensão das retóricas em torno de Lady Gaga e Madonna. **Comunicação & Inovação**. São Caetano do Sul, v. 15, n. 28, p. 87-94, janeiro/junho 2014. Disponível em: [http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/view/2279/1507](http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/2279/1507). Acesso em: 13 de março de 2017.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009

STAM, Robert. **Bakhtin**: Da teoria literária à cultura de massa. São Paulo: Editora Ática S.A., 1992.

VARGAS, Herom. Tinindo trincando: contracultura e rock no samba dos Novos Baianos. **Contemporânea - Revista de Comunicação e Cultura**, Salvador, v. 9, n. n. 3, p. 461 -474, setembro-dezembro 2011.

VELOSO, Bruna. Dois lados. **Revista Rolling Stone**, 2013. Disponível em: <http://rollingstone.uol.com.br/edicao/edicao-78/dois-lados>. Acesso em: 28 de março de 2017.

VELOSO, Caetano. **Menino do Rio**. [S.l.]: Atlantic/Wea, 1979.